

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA UFSC
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ANTROPOLOGIA
SOCIAL

DINA SUSANA MAZARIEGOS GARCÍA

“TRAJETÓRIA E RESISTÊNCIA”

UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DAS EMERGENTES
PRÁTICAS DISCURSIVAS DAS MULHERES INTELLECTUAIS
MAYAS DA GUATEMALA

(1988 – 2008)

FLORIANOPOLIS, SC.

FEVEREIRO, 2010

Dina Susana Mazariegos García

“TRAJETÓRIA E RESISTÊNCIA”

**UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DAS EMERGENTES
PRÁTICAS DISCURSIVAS DAS MULHERES INTELLECTUAIS
MAYAS DA GUATEMALA.**

(1988 – 2008)

**Dissertação apresentada como requisito
parcial para obtenção do título de mestre
pelo Programa de Pós-Graduação em
Antropologia Social da Universidade
Federal de Santa Catarina.**

Orientadora: Dra. Antonella Tassinari

Co-orientadora: Dra. Miriam Grossi

Florianópolis, SC

2010

Dina Susana Mazariegos García

“TRAJETÓRIA E RESISTÊNCIA”

**UMA ANÁLISE ANTROPOLÓGICA DAS EMERGENTES
PRÁTICAS DISCURSIVAS DAS MULHERES INTELLECTUAIS
MAYAS DA GUATEMALA.**

(1988 – 2008)

BANCA EXAMINADORA

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

Componente da Banca Examinadoa – Instituição a que pertence

Componente da Banca Examinadora – Instituição a que pertence

AGRADECIMENTOS

Início agradecendo ao coração do céu e da terra porque sua força, sua cobertura e graça nunca me faltaram e me sustentaram sempre durante esta passagem de aprendizagem acadêmica, mas especialmente de crescimento humano e espiritual. Agradecimentos sinceros a: Ixxik, Saqbe', Adela, Azucena, Elizabeth, Emma, Flor de Copal, Margarita, Aury e Marta as dez intelectuais mayas, amigas e admiradas protagonistas desta etnografia, que me deram sua confiança, compartilharam seu tempo, seus espaços familiares e de trabalho. Ao falarem de suas histórias de vida e através de suas testemunhas aprofundi meu conhecimento sobre a vida das mulheres indígenas da Guatemala e sobre minha própria vida. Mulheres maravilhosas que, sem seu apoio e cooperação desinteressada, este trabalho teria sido muito mais difícil. À Walda, Miriam, Ana Silvia, Hermelinda e Clara; ativistas, profissionais guatemaltecas e grandes amigas que também são parte deste trabalho através da informação obtida na entrevista realizada. A minha família que apesar da distância, sempre me apoiou com sua interseção espiritual e força emocional, especialmente a minha mãe que com seu exemplo de teimosia me manteve firme neste processo, ao meu pai que já goza da vida eterna e que me ensinou o caminho na procura da justiça. Especial agradecimento a minha orientadora professora Antonella Tassinari, a minha Co-orientadora Professora Miriam Grossi que não só me acompanharam profissionalmente como me deram um acompanhamento humano, mestras e amigas de uma sensibilidade singular, admiráveis professoras que me provocaram e me motivaram no aprofundamento do conhecimento antropológico. Com sua paciência e sutis orientações foi possível mergulhar em novos conhecimentos e

aprendi a ter uma visão distinta frente às coisas da academia e da vida, que me acompanharão sempre. Também tenho que agradecer as horas de trabalho e compromisso assumido por meus leitores guatemaltecos, os Mestres Hugo Mazariegos e Gladys Tzul que constantemente me guiaram com suas sugestões, troca de idéias e que me focaram sempre nas profundidades e complexidades do contexto guatemalteco, fazendo incontáveis e importantes aportes a este trabalho. Aos meus amigos e amigas no Brasil, meu profundo agradecimento em especial a: Paula, Jimena, Barbara, Beth, Clarisse, Suhita, Rodrigo, Ivan, Getulio, Maico, Virginia, Dayane, Ekta, Mitzue, Gaby, Ana, Frank, Peter, Karin, Chika, Motoi, Mario, Cinara, Márcia, Ana Luisa, Jonatan, Fito, Rafael, Delmo e Ângela quem me adotaram como parte de suas famílias, solícitos para todas as coisas a toda hora. Abriram suas portas e seus corações, apresentaram-me a seus amigos e parentes. Acolherem-me com tanto carinho e respeito, passando-me uma lição de vida ao ensinar-me que não há limites, que podemos seguir sonhando em um mundo sem fronteiras. Às minhas entranháveis amigas e amigos da Guatemala: Miriam, Patty, Kimy, Monica, Gretel, Victoria, Elsa, Elsa, Juan, Sandra, Ligia, Nelton, Eddy, Aurelia. Embora estivéssemos a milhares de quilômetros de distância, nossos corações, lutas e pensamentos sempre caminharam juntos. Agradeço a todas e todos da turma do NIGS, e do NEPI espaços de pesquisa, de troca, de construção acadêmica e também de balada, que me acolheram e acompanharam durante estes anos onde me senti querida, respeitada e apoiada neste processo de aprendizagem. À Fundação FORD/CIRMA pela conceção da bolsa que me deu à oportunidade de me formar como antropóloga social.

RESUMO:

Esta dissertação pretende revelar como os processos econômicos, políticos e sócio-culturais, permitiram a constituição e a emergência das práticas discursivas de dez intelectuais mayas, interlocutoras neste trabalho. Além disso, coloca em evidência como os fatos de subjetivação e objetivação dessas mulheres tiveram um papel fundamental na construção de suas trajetórias bem como, de suas diversas estratégias de resistência e transgressão. Tais estratégias resultaram em uma profunda transformação pessoal, constituindo-se também em paradigmas diferentes para as próximas gerações de mulheres mayas e para a sociedade guatemalteca em geral. Adotei como ponto de partida os relatos de dez histórias de vida que tem como pano de fundo a violência extrema contra as mulheres vivida na cotidianidade guatemalteca. Destes relatos destacam-se as relações de poder, tendo como base teórica Michel Foucault, que as explica como uma força que coage, disciplina e controla os indivíduos através do aparato ideológico, burocrático e bélico. Essas relações de poder e suas diversas expressões serão enfatizadas a partir da intersecção com o gênero, a classe e a etnia, a fim de entender os nexos existentes entre as identidades dessas mulheres e seu trabalho político e intelectual. Epistemologicamente, a Antropologia Feminista é o eixo que guia esta etnografia, já que como ferramenta teórico-metodológica torna visível o lugar das mulheres, assim como também valoriza a questão da subjetividade e o significado da experiência individual, acadêmica e coletiva dos sujeitos da pesquisa. Paralelamente, como metodologia, revisou-se os aportes teóricos do modelo foucaulteano da “genealogia e arqueologia do saber”, para estabelecer a emergência das práticas discursivas. E, para alcançar este objetivo, se privilegiou a metodologia qualitativa, pois esta dá ênfase ao estudo dos processos sociais. Como parte da estratégia metodológica buscou-se trabalhar com a técnica de “Histórias de Vida e testemunhos”, portanto, no que se refere aos procedimentos metodológicos, cabe mencionar que a etnografia aqui não é apenas pensada como um conjunto de técnicas, mas sim como uma articulação entre dados

empíricos e teóricos que acaba por fornecer, na fase final do trabalho, um texto de cunho antropológico. A importância deste estudo sobre as mulheres indígenas torna-se mais uma ferramenta para que se identifiquem eventos cotidianos de resistência e transgressão nos espaços rituais, políticos, acadêmicos, territoriais, sociais, étnicos e religiosos. Finalmente percebe-se que embora, as protagonistas desta etnografia se desenvolvam em um sistema dominante neoliberal, elas emergem com uma série de práticas discursivas, com as quais propõem e participam da construção de uma sociedade mais equitativa, enriquecendo e transformando o conteúdo simbólico, político e social das mulheres indígenas da Guatemala e, nesse sentido, das mulheres indígenas do mundo. Mulheres intelectuais mayas que como menciona Edwar Said (1996) desmistificam, que criticam, que estão sempre alertas à manipulação do poder e, sobretudo, lutam por sua independência intelectual, tanto através de seus espaços privados quanto públicos, onde elas transitam permanentemente.

ABSTRACT:

This dissertation aims to develop how economical, political and socio-cultural issues have given way to the constitution and emergence of discursive practices of ten intellectual Mayas, interviewed in this work. Furthermore, it provides evidence of how the subjectivity, objectivity and the diverse strategies of resistance and transgression of these women played a fundamental role in the construction of their trajectories. These strategies resulted in a profound personal transformation and set examples for future generations of Mayan women and the Guatemalan society in general. As a starting point, I have adopted the life stories of these ten women, to explain the background of the extreme violence that women face on a daily basis in Guatemala. These narrations reveal the relation of power, based on Michel Foucault's theory, which unveil how force is used as a means of imposition, discipline and control of individuals through ideological apparatuses, bureaucracy and war. These power relations and their diverse forms of expression will be highlighted by focusing on gender, class and ethnicity in order to understand the already present connections these women have between identity and their political and intellectual works. Epistemologically, feminist anthropology is the axis that guides this ethnographical journey, as the methodological and theoretical tool becomes visible the place of the women. It also focuses on the question of subjectivity and the meaning of individual, academic and collective experiences of the women in question. Equally, in the methodology of this dissertation, I will revise the "Genealogy and Archaeology of knowledge" theories of Foucault, which will help to establish the necessity for discursive practices. To further attain this goal, the qualitative method will give emphasis to the study of social processes. "Life histories and testimonies" will be used as part of this methodological strategy. Therefore, it is worth mentioning that ethnography here is not only thought of through skill, but with articulation of empirical and theoretical facts which allow to create, in the final part of the dissertation, with an anthropological text. The importance of this study on indigenous women further strengthens the

necessity of daily resistance and transgression from ritual, political, intellectual, territorial, social, ethnological and religious spaces. Finally, it is important to note that the protagonists of this work progress under a dominant and neoliberal system. They have emerged with a series of discursive practices, with which they propose and participate in the construction of a more equal society. Therefore, they are able to enrich and transform the symbolical, political and social content of indigenous women in Guatemala, and in this sense, of indigenous women around the world. Intellectual women Mayas, as is mentioned by Edward Said (1996), demystify, criticize and always remain alert to the manipulation of power, and above all, fight for the intellectual independence, be it privately or publicly, of where they permanently appear.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	15
PROCESSO METODOLÓGICO	23
TRABALHO DE CAMPO	29
QUEM SÃO AS PROTAGONISTAS	32
RELAÇÕES DE PODER: FUNDAMENTOS TEÓRICOS	43
ESTRUTURA CAPITULAR	49
CAPÍTULO I.....	52
<i>RELAÇÕES ÍNTIMAS ENTRE O GÊNERO, A CLASSE E A ETNIA NA VIDA DAS MULHERES MAYAS NA GUATEMALA</i>	52
RELAÇÕES DE PODER DESDE A INTIMIDADE DO GÊNERO	55
RELAÇÕES DE PODER DESDE A INTIMIDADE ÉTNICA	63
RELAÇÕES DE PODER DESDE A INTIMIDADE DA CLASSE.....	74
AS MULHERES: UM DOS ÚLTIMOS ELOS DA CADEIA DO PODER. O PRIMEIRO DA RESINTÊNCIA	84
SEM MEDO A CONTINUAR DESCONSTRUINDO AS OPRESSÕES... 87	
RELAÇÕES DE PODER ENTRE AS MULHERES	97
TRANSGRESSÃO E RESISTÊNCIA.....	104
TRAJETÓRIA E RESISTÊNCIA DOS POVOS MAYAS	106
AS MULHERES MAYAS E A HISTÓRIA.....	118
TRAJETÓRIA E RESISTÊNCIA FAMILIAR	137
CAPÍTULO III	148

O IMPACTO DA GUERRA NA VIDA DAS MULHERES INDÍGENAS NA GUATEMALA	148
NO MEIO DA ESCURIDÃO, UMA CENTELHA DE ESPERANÇA.....	161
A DIÁSPORA E O REFÚGIO NO MÉXICO	175
DESLOCAMENTO INTERNO.....	183
DO GENOCÍDIO AO FEMINICÍDIO	184
CAPÍTULO IV.....	191
ALTERANDO A ORDEM DOS PODERES.....	191
TENSÃO ENTRE A SUJEIÇÃO E A RESISTÊNCIA:	194
COLONIZAÇÃO OU LIBERAÇÃO:.....	218
IDÉIAS FORÇA QUE CONSTROEM PARADIGMAS:.....	229
CONSIDERAÇÕES FINAIS:	240
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	247

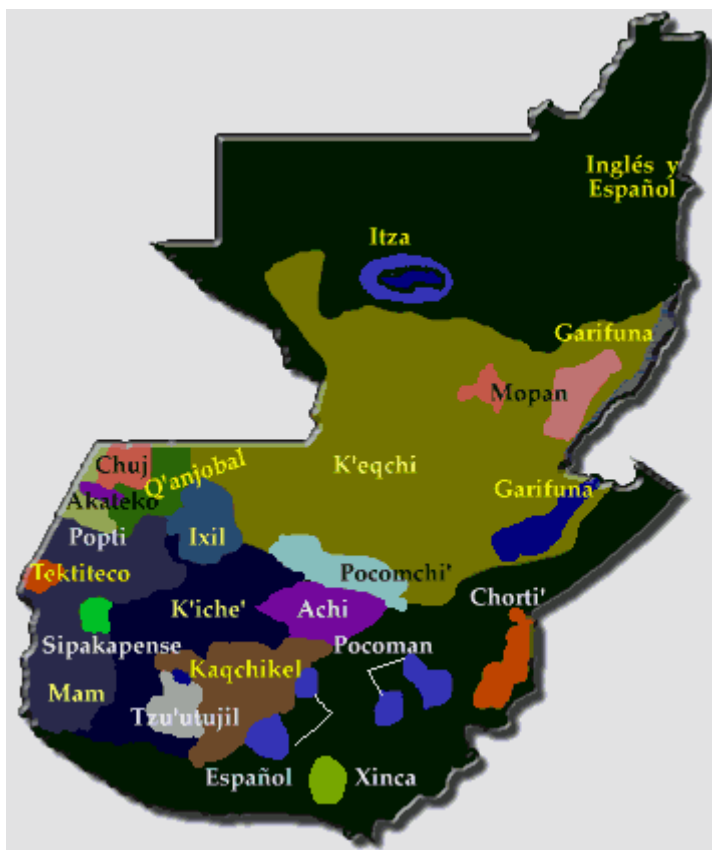
INTRODUÇÃO

Na Guatemala, nos últimos vinte anos, desenvolveu-se uma série de estudos sobre a realidade das mulheres onde afirma-se que a dinâmica principal do país é a discriminação, marginalização e exclusão esta hipótese seria suficiente para estimular uma produção importante de estudos feministas, históricos, sociológicos e antropológicos e elucidar discussão quanto às relações de poder entre os gêneros. Contudo, a bibliografia e documentação sobre os estudos de poder e lutas de classe, gênero e etnia mostram que a atenção dada ao tema não corresponde à magnitude de sua importância visto que à bibliografia ate o presente momento continua insuficiente e nem todos os metodos utilizados dão cargo de analisar de forma adequada a multiplicidade de suas manifestações e contradições desta temática. Por outro lado, a diversa produção acadêmica e literária tanto de homens quanto de mulheres indígenas tem aparecido e gerado grande expectativa.

Neste sentido, este trabalho analisa a emergência das práticas discursivas de dez mulheres intelectuais mayas partindo de suas histórias de vida. Elas se encontram em uma faixa etária entre os 27 e 47 anos e, de acordo com o meu ponto de vista, fazem parte da mais nova geração das mulheres intelectuais indígenas na Guatemala. Elas vêm de quatro diferentes grupos étnicos de origem Maya: o povo Kakqchikel, o povo Mam, o povo Q´echi´ e o povo K´iche´. Aqui, cabe mencionar que, segundo vários estudiosos, as sociedades pré-hispanicas que atualmente habitam o território guatemalteco, *“provenían en su mayoría de un tronco común al cual se ha denominado mayense; sin embargo,*

eran sociedades diferenciadas entre sí, que sostenían guerras para definir predominios territoriales, económicos y políticos.” (BARILLAS, 1988, p.5)

Uma informação mais ampla referente aos povos específicos dos quais pertencem as interlocutoras será apresentada mais adiante. E para que o leitor conte com uma referência visual da diversidade linguística da Guatemala, se considera pertinente colocar um mapa lingüístico do país para a melhor compreensão.



Mapas de la Academia de Lenguas Mayas de Guatemala 2007

Embora, em cada um dos capítulos sejam apresentados vários dados históricos e estatísticos, inicialmente observa-se nesta introdução algumas informações e cifras que têm a intenção de apresentar brevemente o perfil da Guatemala como país, estrutura social, econômica, política e cultural, onde as protagonistas desta pesquisa vêm se desenvolvendo. A Guatemala é um país que se encontra situado no extremo noroeste da América Central. Limita-se ao norte e Oeste com México, ao leste com Belize, o Mar do Caribe, Honduras e El Salvador, e ao Sul com o Oceano Pacífico. Tem uma extensão territorial de 108.889 quilômetros quadrados. Possui uma população de 13.677.815 habitantes, dos quais 39.26% são indígenas. Segundo os informes do Sistema das Nações Unidas na Guatemala, 90% da população rural encontra-se em uma situação de pobreza e dentre estes, 69% em pobreza extrema. Uma grande parcela dos 65% dos habitantes que moram nas áreas rurais, 52% deles são indígenas. De acordo com os dados obtidos no último censo Nacional de Povoação do Instituto Nacional de Estatística, as mulheres representam 51.55 % dos pobres em geral e 50.71% da pobreza extrema. Além disso, também deve-se ressaltar que 55.6% dos pobres em geral são indígenas e dentro deste total 51% são mulheres e 31.1% destas mulheres são analfabetas. Porém em algumas comunidades a porcentagem do analfabetismo nas mulheres pode chegar a até 80% ou mais. No final do século XX a Guatemala é um dos países mais pobres do mundo e foi identificado em uns dos últimos informes do programa de Desenvolvimento das Nações Unidas, PNUD como um dos países com maior desigualdade na América Latina e no Caribe. (INFORMES DE NACIONES UNIDAS, 2004, INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA 2002)

Nesta dissertação, pretende-se revelar como os processos econômicos, políticos, sócio-culturais, individuais e coletivos permitiram a constituição e a emergência das práticas discursivas, políticas e intelectuais das dez protagonistas que colaboraram neste trabalho assim como os fatos de subjetivação e objetivação dessas mulheres tiveram um papel fundamental na construção de suas trajetórias e das diversas estratégias¹ de transgressão. Estratégias estas que resultaram em uma profunda transformação pessoal, constituindo-se também em paradigmas diferentes para as próximas gerações de mulheres mayas e para a sociedade guatemalteca em geral. Portanto, nos guiaremos pelos seguintes questionamentos: Onde e em que condições produzem-se as práticas discursivas destas atrizes intelectuais mayas? Quais são os elementos objetivos e subjetivos que atravessam estas práticas discursivas? Quais são e como se constroem as diferentes estratégias de resistência deste grupo de acadêmicas na desconstrução do imaginário sobre as relações de poder desde a classe, o gênero e a etnia? São estas mulheres mayas um paradigma distinto para a sociedade guatemalteca?

Destaco, desde já, que nesta dissertação as relações de poder em suas diversas expressões serão enfatizadas a partir da intersecção com o

¹ “A palavra estratégia é correntemente empregada em três sentidos: Primeramente, para designar a escolha dos meios empregados para se chegar a um fim; trata-se da racionalidade empregada para atingirmos um *objetivo*. Para designar a maneira pela qual um parceiro, num jogo dado, age em função daquilo que ele pensa dever ser a ação dos outros, e daquilo que ele acredita que os outros pensarão ser dele; em suma, a maneira pela qual tentamos ter uma *vantagem sobre* o outro. Em fim, para designar o conjunto dos procedimentos utilizados num confronto para privar o adversário dos seus meios de combate e reduzi-lo a renunciar à luta; trata-se, então, dos meios destinados a obter a *victória*”. (FOUCAULT, 1995, p.247)

gênero, classe e etnia, a fim de se entender os nexos existentes entre as identidades destas mulheres e seu trabalho político e intelectual. Tal trabalho tem sido reconhecido e questionado em algumas oportunidades dentro e fora da academia guatemalteca tal como no movimento de mulheres, no movimento feminista e outros, além de ser já gratamente recebido e apresentado como uma novidade em diversos foros internacionais.

Neste momento, parece-me oportuno falar de meu interesse especial sobre o tema, já que há mais de dez anos venho trabalhando com mulheres e povos indígenas dentro e fora da Guatemala. Meu interesse pela problemática das mulheres, atualmente, está motivado fundamentalmente pela luta destas contra a violência coletiva e organizada, assim como pelo debate político, teórico e epistemológico que tem sido provocado nas últimas décadas pelas mulheres indígenas da Guatemala e pelo meu compromisso com os problemas do movimento de mulheres e povos indígenas na América Latina e, especialmente, no meu país.

Nesse sentido, confesso que houve momentos em que me vi submersa em diferentes sentimentos, os quais foram cruzando-se permanentemente no desenvolvimento da pesquisa, criando no dizer de Peirano (2006), “*a distância necessária para produzir o estranhamento*”. Todas estas subjetividades provocaram-me profundas inquietudes teóricas, metodológicas, uma vez que tinha a responsabilidade de produzir um trabalho de caráter científico. Por outro lado concordo com Miriam Grossi, já que me vi envolvida em um “*deslocamento permanente entre a própria identidade, o “eu” e a*

identidade dos “outros”, redefinindo minha própria identidade de mulher, pesquisadora, engajada e não apenas de “cientista neutra e assexuada”. (GROSSI, 1992, p.12) E a informação recolhida no trabalho de campo, partindo das histórias de vida destas intelectuais mayas, permanentemente aproximava-me tanto da minha trajetória pessoal e política, no movimento de mulheres, quanto da minha vida profissional e privada, o que me mobilizava profundamente. Foi então que me lembrei do que diz Gilberto Velho no seu livro *Subjetividade e sociedade: uma experiência de geração*:

Contam suas histórias de vida para um pesquisador próximo, às vezes, conhecido. As preocupações, os temas cruciais são, em geral, comuns a entrevistados e entrevistador. A conversa não é sobre crenças e costumes exóticas a socialização do pesquisador. Pelo contrário, boa parte dela faz referência a experiências históricas, no sentido mais amplo, e cotidianas também do meu mundo, e as minhas aflições e perplexidades. (VELHO, 1986, p.15)

Pensando nesta etnografia como uma “*prática discursiva política*” Thomas (1991) tentarei fazer um diálogo permanente entre os pontos de vista e as experiências narradas pelas interlocutoras, assim como as abordagens e argumentações que apresentam os teóricos que nos acompanham neste processo de descoberta, sem descuidar da análise, da interpretação da minha arguição teórica e política, falando desde meu lugar como pesquisadora. Porque parte de meu interesse é saber as motivações e as intenções dos agentes sociais com quem trabalhei para descrever e explicar suas trajetórias e processos de emancipação, problematizando o contexto e as experiências vividas.

Epistemologicamente, a Antropologia feminista é o eixo que guia esta etnografia, já que como ferramenta teórico-metodológica torna visível o lugar das mulheres, assim como também valoriza a questão da subjetividade e o significado da experiência individual, acadêmica e coletiva dos sujeitos da pesquisa. Esta teoria permite também identificar as identidades, as necessidades, assim como os interesses dos grupos estudados. Aqui se faz necessário mencionar que há vários anos uma quantidade considerável de autores e autoras tem identificado a Antropologia como uma ciência etnocêntrica, além disso, “*Com a inserção das mulheres no campo antropológico se descobre também que a Antropologia era androcêntrica, que a “busca do outro” era sempre a de um homem falando com e em nome de outros homens*”. (GROSSI, 1992, p.10)

A antropologia feminista tem seu início como a antropologia da mulher, só no começo do século XX quando principiam os estudos antropológicos sistemáticos sobre o gênero e a construção cultural da identidade sexuada. Nesta temática há que destacar o trabalho pioneiro das antropólogas Margaret Mead e Ruth Benedict que: “*vão ser as primeiras a pensar as culturas não só do ponto de vista dos homens, mas também das mulheres*”. (GROSSI, 1992, p.10) Elas pertencem à escola da “cultura e personalidade” criada por Franz Boas. Também é importante não esquecer, nesta mesma linha, o trabalho das antropólogas Nancy Chorodov, Marilyn Strathern, Sherry Ortner, Michele Rosaldo e outras que foram abrindo o caminho para a antropologia feminista. Nos anos setenta, apoiadas pelo movimento

feminista, elas emergem com trabalhos que procuram problematizar os aspectos políticos da diferença sexual e:

Ao mesmo tempo (...) marcam novas posições teóricas e metodológicas na abordagem da questão. Deste modo, têm-se, pelo menos, quatro coletâneas que representam a discussão e construção de gênero na Antropologia: Collier & Rosaldo (1974); Strathern & MacCormack (1980); Ortner & Whitehead (1981); Collier, J.F; Yanagisako, S. J. (1987). (GONÇALVES, 2000, P. 1)

Por outro lado se pode mencionar que: *“El mérito de Mead fue considerar a las mujeres sujetos relevantes del discurso antropológico y al mismo tiempo integrar las relaciones de “sexo social””*. (MARTINS, 2006, p.100) Seguindo esta corrente, considero que esta epistemologia facilita a apresentação das mulheres como atrizes ativas em suas sociedades, e não somente como um “aparelho reprodutor”, “mercadoria de troca”, ou como um componente descrito nas diversas cerimônias ou rituais estudados assim como dentro das narrativas mitológicas como faziam os antropólogos anteriores. Nesse sentido, Eunice Ribeiro Durham cita a obra etnográfica *Argonautas do Pacífico Ocidental* do antropólogo Bronislaw Malinowski, onde é descrita e utilizada a aparência física das mulheres trobriandesas para explicar sua posição social.

Mostra a liberdade sexual que permeia os costumes e indica as características mais marcantes do casamento trobiandês, (...) aponta a autonomia da qual goza a mulher casada, que se manifesta no tratamento entre marido e mulher e se reflete na ampla participação

feminina em muitas esferas da vida tribal.
(RIBEIRO, 1978, p.55)

Por outro lado, Miriam Grossi ao analisar o trabalho da antropóloga Annette Weiner, destaca que partidando da perspectiva feminista desta cientista social foi possível encontrar dados sumamente relevantes:

Vai às ilhas Trobriandesas e descobre ao escutar e observar as mulheres, que há outra troca tão importante quanto o famoso Kula descoberto por Malinowski, o Dala, riqueza das mulheres, ligada as cerimônia de vida e de morte. Malinowski não tinha visto nada disto porque não teve acesso ao universo feminino.
(GROSSI, 1992, p.11)

PROCESSO METODOLÓGICO

Esta pesquisa privilegiou a metodologia qualitativa, pois dá ênfase ao estudo dos processos sociais tal como sugere Tarrés: A pesquisa qualitativa pode ser definida como a conjugação de certas técnicas para a coleta de dados, modelos analíticos normalmente indutivos e teorias que privilegiam o significado que os atores atribuem à sua experiência. Já para Szasz e Lerner “*los métodos cualitativos privilegian el estudio interpretativo de la subjetividad de los individuos y de los productos que resultan de su interacción*”. (SZASZ e LERNER 1996, p.64-65)

E como parte da estratégia de pesquisa buscou-se trabalhar com a técnica de “Histórias de Vida e testemunhos”. Este método qualitativo de investigação permite a descrição dos acontecimentos e experiências importantes da vida das pessoas, identificando etapas e períodos críticos

que dão forma às definições e perspectivas das protagonistas. De modo que não se pretende fazer generalizações, mas fazer: “*un análisis completo y profundo de uno de los varios fenómenos presentes en el contexto de la vida real; con el fin de alcanzar una mejor comprensión a través de un caso en particular*”. (GUNDERMANN, 2001, p.30).

Também, porque de acordo com Gilberto Velho

Trata-se do desenvolvimento da noção de biografia, onde a subjetividade individual assume um significado e importância jamais vistos. O indivíduo em função da maneira como ele elabora subjetivamente a realidade a sua volta. (VELHO, 1980, p.17).

Foi assim que esta metodologia permitiu-me conhecer as diversas experiências familiares, políticas e acadêmicas das mulheres indígenas com quem trabalhei. Estas histórias de vida e testemunhos além de serem o resultado de um trabalho escrupuloso de entrevistas, gravações e transcrições, são o produto de uma investigação de campo que obedece às propostas e problemáticas específicas em torno de estabelecer as condições históricas, políticas e sociais que acompanharam e que intervieram nas práticas políticas e intelectuais das interlocutoras desta pesquisa. Por outro lado, os *testemunhos* possibilitaram aprofundar o conhecimento e a compreensão da realidade social a partir da perspectiva das protagonistas, seus processos de subjetividade e a forma como conformam as suas experiências. Por isso trata-se não só da soma de informação e de espaços de construção de conhecimento e análise, mas acima de tudo é um ato de comunicação humana que leva consigo uma carga afetiva devido a importância da relação que se estabelece entre protagonistas e pesquisadora na qual faz-se

necessário no intuito de gerar, a partir desta interação, uma troca fluída de informações.

O estudo das subjetividades quanto às objetividades, destas dez protagonistas, deve ser abordado sob uma análise micro, de modo que as particularidades interpretativas dos processos econômicos, políticos, sociais e familiares pelos quais elas atravessaram possam ser apreendidas a partir de observações específicas destas como pessoas concretas e de sua interação. Por este motivo, considero que este estudo sobre as mulheres acadêmicas mayas guatemaltecas pode ser útil para que se identifiquem eventos cotidianos de resistência e transgressão nos espaços rituais, políticos, acadêmicos, territoriais, sociais, étnicos e religiosos, onde elas vêm construindo suas identidades e subjetividades ao redor de processos de objetivação, aspecto fundamental para promover sua participação em todas as esferas.

Portanto, no que se refere aos procedimentos metodológicos, cabe mencionar que a etnografia aqui não é apenas pensada como um conjunto de técnicas, tais como entrevistas, observação participativa, coleta de informação, escrita de diário de campo ou outros, mas sim como uma articulação de dados e teoria que permite contar, na fase final do trabalho, com um texto de cunho antropológico. Em uma primeira etapa do processo de pesquisa, realizou-se uma revisão bibliográfica sobre a temática a abordar, o que proporcionou elementos para elaborar o referencial teórico e delimitar o problema da investigação. Com base nisso, conseguiu-se estabelecer um mapa conceitual que facilitou a delimitação das dimensões do estudo, as categorias e variáveis a partir

das quais se desenharam os instrumentos que foram concebidos para recolher informações.

Paralelamente, revisou-se a literatura e diversas fontes bibliográficas sobre a antropologia feminista, movimento de mulheres, racismo e o contexto econômico, político, social e cultural na Guatemala e América Latina. Ainda, foram aprofundados os aportes do modelo de Michel Foucault de “genealogia e arqueologia do saber” como metodologia, para estabelecer a emergência das práticas discursivas, espaço no qual a arqueologia e genealogia constituem-se como dois conjuntos complementares e inseparáveis. Para Foucault, a arqueologia

(...) Procura cercar as formas de exclusão, de limitação, da apropriação (...); mostrar como se formaram, para responder a que necessidades, como se modificaram e se deslocaram, que força exerceram efetivamente, em que medida foram contornadas. (FOUCAULT, 1996, p.227)

Por outro lado, a genealogia é o:

Acoplamiento de los conocimientos eruditos y de las memorias locales: el acoplamiento que permite la constitución de un saber histórico de las luchas y la utilización de este saber en las tácticas actuales. (...) Se trata (...) de la insurrección de los saberes. Y no tanto contra los contenidos, los métodos y los conceptos de una ciencia, sino contra los efectos de poder centralizadores dados a las instituciones. (...) La genealogía debe conducir la lucha justamente contra los efectos de poder de un discurso considerado científico. (FOUCAULT, 1996, p.18-19)

Portanto, a arqueologia: “*Sería el método propio de los análisis de las discursividades locales y la genealogía sería la táctica que, a partir de las discursividades locales así descritas, hace jugar los saberes, liberados de la sujeción que surgen de ellas*”. (FOUCAULT, 1996, p.20). Nesta parte, é importante definir que não se está tentando focar na análise do discurso, senão no que se refere à emergência do que nomeamos de *práticas discursivas*, as que Foucault identifica como forças as que podem mudar de direção. Ele também manifesta que na abordagem da genealogia busca-se a origem dos saberes através dos fatores que interferem na sua emergência, permanência e adequação ao campo discursivo como elementos incluídos em um dispositivo político que abre as condições para que os sujeitos possam se constituir imersos em determinadas práticas discursivas.

Por outro lado, já pensando no fazer do meu papel como antropóloga, o trabalho constituiu-se tanto na observação direta como na participação das rotinas diárias para escrever e descrever a cena social. Além de fazer as entrevistas, pensou-se na necessidade de envolvimento da pesquisadora, não só com as protagonistas sociais de maneira pessoal, mas com seu contexto familiar, político e acadêmico, com o interesse de compreender as razões dos sistemas de significados e os costumes e práticas de cada uma delas, o que resultou em um encontro intersubjetivo. Só assim foi possível resgatar os fatos sociais como foram percebidos pelas próprias protagonistas do processo social. Aparece, então, o real e o imaginário, o simbólico, o subjetivo que é mais importante do que a mera narrativa dos fatos.

A entrevista semi-estruturada foi a ferramenta escolhida para a coleta de dados, já que por ser flexível e dinâmica, permitiu à pesquisadora encontros frente a frente com as protagonistas. O roteiro da entrevista foi estruturado partindo dos objetivos específicos da pesquisa

1. Estabelecer as condições históricas, políticas, econômicas, sociais e culturais que intervieram na emergência e construção das diversas práticas discursivas e políticas das intelectuais mayas que colaboraram nesta pesquisa.
2. Identificar quais foram as necessidades pessoais que estimularam a construção de uma trajetória educativa que rompe com a construção tradicional das mulheres mayas.
3. Caracterizar os elementos de resistência que estas dez intelectuais mayas constroem ante às relações de poder que de forma cotidiana enfrentam em sua convivência com as instituições e estruturas tradicionais da sociedade guatemalteca

Nestas entrevistas, as respostas obtidas vinham carregadas de dados das experiências de vida das interlocutoras. Estas respostas forneceram numerosas descobertas, que possibilitaram construir e estudar as categorias de análise apresentadas. A quantidade e a qualidade da informação obtida têm relação com o grau de empatia e confiança que a pesquisadora e as protagonistas conseguiram desenvolver, não só no processo desta investigação, visto que já existiam conhecimento e amizade pessoal com a maioria delas, construída por vários anos, em espaços tais como: a academia, o trabalho e espaços políticos organizativos compartilhados na Guatemala.

Também nesta descrição metodológica, faz-se necessário falar de meu diário de campo como um dos protagonistas, já que essas notas que contém palavras-chave, anotações entre aspas, palavras sublinhadas e demais signos, constituíram um aporte importante tanto no processo de observação participativa como durante as entrevistas. Só com esta ferramenta foi possível incluir descrições de pessoas, acontecimentos e conversas, bem como ações, sentimentos e intuições que tiveram presentes no trabalho de campo e que não foram registrado com o gravador e câmera.

TRABALHO DE CAMPO

Cheguei à Guatemala no dia seis de outubro de 2008 com muitas expectativas, pois estava em meu lugar de origem; nesse momento, o país constituía-se meu campo de trabalho antropológico; estava a ponto de experimentar o fazer da antropologia *at home*. Ou antropologia em casa, a mesma que no passado era vista como uma tarefa difícil e só concebida para antropólogos experimentados em contextos externos segundo o manifesta Dumont (1986). Por outro lado Mariza Peirano falando do mesmo tema referiu-se ao caso quando Malinowski deu sua aprovação a Hsia Tung Fei, seu orientando, para publicar sua etnografia sobre os camponeses chineses, “*enfatizando que, se o autoconhecimento era o mais difícil de alcançar, então uma antropologia de seu próprio povo era a mais árdua, mas também a mais valiosa, conquista de um pesquisador de campo*””. (PEIRANO, 2004, p.33) O cenário já me era bastante conhecido; contudo, o contexto econômico, político e social havia mudado muito nestes quase dois anos onde estive ausente e lamentavelmente, para pior. As condições de

pobreza, em geral, degradaram-se, e a questão mais difícil é a insegurança que atualmente vive-se no país e que afeta diretamente as mulheres, quase diariamente aparecendo uma ou mais assassinadas, mantendo os cidadãos num contexto de terror. Esta crise dificulta a acessibilidade aos diferentes lugares aos quais tive que me trasladar, tendo sido necessário a criação de diferentes estratégias de mobilização visando maior segurança.

Por outro lado, minha inserção foi facilitada por muitos fatores: de imediato estabeleceu-se um clima de boas relações com todas as protagonistas (*o rapport*) e pela proximidade que tenho com elas consegui compartilhar seu mundo em suas diferentes dimensões, tanto no espaço privado como no espaço público, chegando a comugar, quase familiarmente, e, com muita liberdade nos diferentes cenários nos quais as ditas protagonistas moviam-se sem, no entanto, perder o objetivo da pesquisa.

Foi inesquecível o dia em que estivemos descascando milho na casa da Elizabeth, quando, entre falas de feminismo e marxismo, planejamos um *tesmascal*, um costume milenar dos Mayas. Não se pode deixar de lembrar-se das caminhadas e conversas filosóficas com Ixkik nos altos e maravilhosos bosques de Paqui, a aldeia onde ainda mora, e as longas conversas com seu pai nos dias de frio perto do fogão de sua casa. Também as noites de farra com Azucena e Adela, quando os risos e gargalhadas que brotavam de nossas gargantas vinham dos nossos corações.

Tampouco pode-se deixar de mencionar o dia de mercado em *Chichicastenango*, lugar conhecido no mundo inteiro por seu alto grau de sincretismo, e o mercado cheio de artesanatos de todo o país, onde no meio de uma procissão do santo do povo as cores e o cheiro de copal e incenso faziam desta cena algo espiritual. Ali foi que conheci a família da Margarita, que tem um ponto de venda neste mercado, lugar ideal para fazer observação participativa; mulheres, homens, meninos, meninas, avós e avôs caminhavam atrás da procissão. A música do *Tum* e da *Chirimilla* era profundamente intensa numa tarde fria pelo clima, mas extremamente quente por todo o vivido.

As noites de entrevista e conversas na casa de Marta foram formidáveis, escutando as narrativas de Christian, seu pequeno filho, falando de suas experiências na escola e da experiência forte que teve que viver com a morte recente de seu bisavô; pude ver com clareza os laços fortes que unem esta família. Já com Aura tive a oportunidade de encontrá-la em seu espaço de trabalho, parecendo ser uma das poucas mulheres indígenas que trabalham no FLACSO² Guatemala; logo na apresentação de um de seus artigos mais recentes, num fórum de feministas, sua proposta foi muito elogiada e questionada.

As duas visitas que fiz na casa de Saqbe', uma residente de uma zona de classe média na capital da Guatemala, foram preenchidas de acontecimentos diferentes, pelo fato de ser uma funcionária do Estado; o contexto mudou radicalmente. Entretanto, a identidade de Saqbe' como mulher indígena é por demais, forte. Dali fui à casa de Emma outra das

² FLACSO: Facultad Latinoamericana de Ciencias Sociales, sede académica Guatemala.

protagonistas com quem tive a oportunidade de conversar. Emma estava voltando de uma viagem recente, já que se encontra cursando seu doutorado na Universidade Nacional Autônoma do México; foi nessa conversa muito familiar que tive a oportunidade de conhecer mais de sua proposta e trabalho com as mulheres mayas *Kakchiqueles*.

A entrevista com Flor de Copal foi o último encontro, o qual foi muito difícil de marcar, porque quando ela não está em seu escritório, está na sua comunidade há muitos quilômetros da cidade, apoiando organizações de jovens e mulheres e tentando participar nas eleições municipais em *San Indelfonso Ixtahuacan*. Eu conheço Flor de Copal há muitos anos, pois fomos ambas dirigentes do Fórum Nacional da Mulher, quando compartilhamos trabalho e luta. Agora, após este encontro, reconheço o privilégio que tive em contar com o apoio de todas estas mulheres sensacionais.

QUEM SÃO AS PROTAGONISTAS

Neste trabalho recolhi as vozes e subjetividades de dez mulheres acadêmicas mayas; através de suas *histórias de vida*. Além disso, tenho que esclarecer que depois de ter consultado as protagonistas desta pesquisa, os nomes que utilizarei para identificá-las em alguns casos serão os nomes reais e em outros, serão nomes fictícios, os quais elas mesmas escolheram. Como já mencionei anteriormente, elas pertencem a diferentes povos e comunidades lingüísticas do país, todos de origem Maya. Ao realizar a seleção destas protagonistas, propus-me mostrar a diversidade de identidades e práticas discursivas, assim como o trabalho político que elas vêm construindo e desenvolvendo há vários

anos. E como elas constituem um movimento que atualmente fazem aportes importantes na desconstrução do imaginário que se tem das mulheres indígenas no país.

Elas se auto-identificam como mulheres mayas, todas desde crianças tiveram que enfrentar de diversas maneiras inimigos comuns tais como: o machismo, a pobreza e o racismo. A maioria delas nasceu em comunidades rurais e seus processos de construção como pessoas no processo educativo deu-se nos anos de maior intensidade da guerra³, tendo suas famílias, por esta e outras razões, que migraram forçadamente para outros lugares do país deixando a região onde nasceram, e algumas tradições de seus grupos étnicos. Neste processo, exterior à suas vontades, ocorre um fenómeno de descampesinização, que tem um efeito transformador em suas trajetórias de vida, uma vez que ingressar e permanecer no sistema educacional não é fácil, o que provavelmente não teria acontecido se não tivessem migrado para outros lugares fora de suas comunidades de origem.

Estas dez mulheres são doutorandas, mestras e licenciadas tanto em Antropologia Social como em outras áreas das Ciências Sociais. Formaram-se em universidades da Guatemala e de outros países e além de suas teses de graduação e algumas de pós-graduação, a maioria conta com várias produções, como livros, artigos e ensaios. No âmbito do

³ Utilizarei o conceito da “Guerra” para identificar o enfrentamento armado que ocorreu entre o exercito Guatemalteco e a guerrilha, entre os anos 1962 e 1996, na Guatemala. Em consequência dessa guerra, apoiada e sustentada pelo governo dos Estados Unidos e a oligarquia nacional, a população guatemalteca sofreu um dos períodos mais fortes de terror e morte. No capítulo III desta dissertação se apresentarão dados históricos e políticos, sobre esta guerra que deixou um rastro de mortos, torturados, sequestrados, desaparecidos e centenas de massacres no país.

trabalho, inserem-se em diferentes áreas, tais como: docência universitária, pesquisa dentro e fora da Guatemala, direção e assessoramento de instituições tanto governamentais como privadas.

Elas se consideram feministas ou não, algumas são marxistas, cristãs, ateias, lésbicas, heterossexuais, ex-combatentes, líderes comunitárias regionais e nacionais, mães, solteiras, casadas etc. Mas nos últimos anos, por meio de seus trabalhos e diferentes práticas discursivas, têm sido reconhecidas tanto dentro da academia quanto no movimento de mulheres. Este último as considera aliadas que apóiam e contribuem na construção da resistência ante as históricas e excludentes relações de poder nas instituições tradicionais da sociedade guatemalteca. Além disto, elas obtêm reconhecimento também em outros espaços. Formam parte das novas gerações de intelectuais do país que produzem conhecimento através de seu trabalho individual e coletivo.

Como se mencionara antes, estas mulheres acadêmicas mayas fazem parte de um “*movimento*” que vem estimulando mudanças nos caminhos que foram traçados para a constituição de suas várias identidades, em especial as de gênero, étnica e de classe. Nesse caso, suas trajetórias não se ajustam aos estereótipos que foram estabelecidos para serem consideradas “tradicionalis”⁴ mulheres mayas.

⁴ Neste sentido, Carmen Álvarez (2006, p.23) afirma que: “en la cultura maya existen marcos filosóficos y de orden social que se fundamentan en las ideas de reciprocidad, respeto mutuo y responsabilidad. No obstante, es importante reconocer que en la práctica prevalece una relación de subordinación de las mujeres frente a los hombres. Las relaciones hombre-mujer, en muchas situaciones, son jerárquicas, asimétricas o desiguales; los hombres tienen más

Elizabeth, 36 anos, é a mais velha de cinco irmãos e a única filha mulher, dos três vivos⁵. Sua mãe não sabe ler nem escrever e seu pai é professor da primeira fase⁶. Na infância viveu na extrema pobreza e por este motivo começou a trabalhar quando tinha sete anos, lavando roupa ou cuidando de crianças. Recentemente perdeu o marido num acidente de trânsito. Mora em sua comunidade de origem, com sua única filha, na casa que vem construindo há vários anos. Em 2006 finalizou seus estudos de mestrado em Violência Intrafamiliar e Gênero, na Universidade Nacional de San José de Costa Rica, na América Central, onde recebeu reconhecimento pela qualidade de seus trabalhos. Quando mais jovem, trabalhou alfabetizando mulheres, campesinos e jovens indígenas nas comunidades de sua região. Identifica-se como uma mulher *Maya-Mam*, feminista, revolucionária; pertence a diferentes organizações do movimento de mulheres guatemalteco, onde tem sido reconhecida como uma ativista e intelectual comprometida com as lutas das mulheres e povos indígenas.

poder de decisión que las mujeres, y aún cuando se comparten algunas formas de trabajo doméstico no se tiene la misma condición”.

⁵ Considero importante anotar aqui os dados da Maternidade na Guatemala porque a maioria das entrevistadas indicam ser uma das sobreviventes dentro do grupo familiar no que se referem à mortalidade infantil, pelo que as taxas estatísticas nos confirmam os dados anotados pelas entrevistadas: A maternidade na Guatemala o 44.3% de mulheres menores de 20 anos já são mães, taxa global de fecundidade: Total na área rural: seis filhos/as por mulher. A prevalência de anemia por deficiência de ferro é maior nas mulheres na idade fértil (35.5%) e entre elas, as grávidas (39.1%) sobre tudo o grupo de idade entre 15 e 19 anos. Por outro lado a mortalidade infantil é uma das mais altas taxas da região com 34 crianças mortas para cada 1000 nascidas, (Prensa Libre de Guatemala 7 de Julio 2008, e Foro Nacional de la Mujer, 2002: p.23)

⁶ A Educação Primária na Guatemala aproxima-se ao que no Brasil denomina-se o ensino fundamental.

Adela, 40 anos, é a mais nova de treze irmãos, destes, dois são homens e onze mulheres; vem de uma família mestiça, em que a mãe é indígena e o pai é ladino⁷; sua mãe nunca aprendeu a ler e escrever. Toda sua família é trilingue, já que teve que migrar e aprender a língua do povo do lugar para onde se mudou. Logo, Adela deixou a sua comunidade por entender que aquele lugar, de alguma maneira, não era suficiente para dar conta de sua aspiração e que era muito pequeno para ela. Identifica-se como uma mulher *Maya-Q'eqchí'*, lésbica, feminista, educadora popular, ex sindicalista, integrante do movimento estudantil e ex-combatente membro de uma organização revolucionária, docente universitária, solteira. Escreve poesia desde menina e diz que gostaria de escrever uma novela. Atualmente encontra-se na fase final de seu mestrado em Trabalho Social⁸, na Universidade de San Carlos de

⁷ Para falar do “Ladino” na Guatemala, poderíamos dizer que é toda a população que “não é indígena”, já que é esta a definição oficial. Contudo isso seria simplificar um problema histórico na Guatemala que não tem apenas a ver com as condições biológicas e étnicas desta população senão também com os contextos econômicos, políticos, sociais e culturais do país. Além disso, temos que reconhecer que durante o tempo que o termo vem se usando no contexto guatemalteco, este mudou muito. Se conta com varios estudos antropológico que têm feito aportes importantes neste debate, por exemplo os trabalhos de Carlos Guzmán Böckler, Claudia Dary, Isabel Rodas, e, recentemente o Historiador Angel Valdés. Todos eles concordam que o termo “Ladino” tem evoluído muito e guarda uma relação íntima com o contexto político, económico e cultural do país. No mais recente estudo sobre o termo “Ladino” feito por Angel Valdez se estabelece que é um termo que se refere ao miscigenação dos europeus com os índios de América. Nas Americas foi utilizado o conceito de mestiço para identificar esta mistura, mas no caso da Guatemala e o sul de México se le conhece desde esa data como “Ladino”. Por outro lado, o mesmo historiador indica que se chamava de “Ladino” ao indígena que aprendia falar o castelhano, pelo que no imaginário da época pensava-se que estas pessoas tinham entrado no processo de civilização, abandonando seus costumes de “barbaros”. Por outro lado, o mestiço era o filho ou filha nascido da relação entre uma indígena e um europeu. Logo estes dois termos constituíram-se em uma analogia pra logo fundirse em um so termo que é o que se usa hoje. Pelo que em alguns momentos se les chama de “Ladinos” e em outros momentos de “Mestiços”. Em nosso trabalho utilizamos apenas o conceito de “Ladinos”, contudo em algumas citações tanto de diversos autores como das protagonistas desta Dissertação podem aparecer como “Mestiços” o encontrar o termo “Ladino/Mestiço”.

⁸ O Trabalho Social na Guatemala equivale ao Serviço Social no Brasil.

Guatemala. Seu ativismo dentro do movimento feminista e outros na Guatemala é muito reconhecido e uns dos autores que tem impactado sua vida é Paulo Freire.

Margarita, 28 anos, antropóloga, uma das mais jovens das entrevistadas, é a segunda de um grupo de quatro irmãos; reconhece a forte influência de seus avós no seu processo educativo e espiritual, ela pratica a espiritualidade maya. Considera sua mãe uma mulher fora do contexto, já que sempre tomou suas próprias decisões e é uma pessoa forte com relação aos seus projetos próprios. Seu pai foi um dos primeiros promotores educativos bilíngues na Guatemala. Margarita gosta do teatro e trabalhou como atriz, temporariamente, em Paris, numa companhia teatral francesa. Como parte importante de seu projeto de vida, encontra-se esperando o seu primeiro filho. Identifica-se como mulher *Maya-K'iche'*; é mestra em História das Ciências pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, em 2008. Atualmente encontra-se construindo sua própria casa na sua comunidade de origem e é consultora privada.

Azucena, 33 anos, vem de uma família numerosa. Ela é a sétima, porém a mais nova das mulheres. Sua família foi forçada a abandonar sua comunidade de origem devido a violência extrema instalada pela guerra. Esse deslocamento transformou a vida econômica da família, mas também lhe deu a oportunidade de estudar. Identifica-se como mulher *Maya-K'iche'*, lésbica, feminista, mestre em Antropologia Social pela Universidade de Campinas, São Paulo, em 2007. O enfoque de seu trabalho, em geral, está focado sobre o respeito à identidade da mulher maya. É co-autora de um livro, e escreveu já vários artigos.

Atualmente trabalha num programa contra o racismo. Quer continuar estudando, cursar o doutorado e contribuir dando aos jovens a possibilidade de ter uma visão que supere as visões conservadoras mediadas pela ideologia patriarcal, racista e classista. É uma ativista reconhecida dentro de diferentes movimentos sociais na Guatemala, em especial, o de mulheres. Um dos seus sonhos é escrever contos para crianças e fazer um filme. Neste momento, mora na cidade.

Aury, 34 anos, é a terceira filha entre os filhos vivos e a primeira filha mulher. Identifica-se como mulher *Maya-Kaqchikel*, solteira, mestra em Sociologia, graduada do programa de FLACSO sede acadêmica na Guatemala, em 2007. É pós-graduada em Gênero pela Universidade Autônoma de México/Guatemala⁹ em 2008. Foi aceita para cursar o doutorado em Sociologia da Universidade Autônoma do México, o qual iniciará em agosto de 2009. Autora e co-autora de vários livros e artigos. Seu trabalho como intelectual e ativista independente contra o racismo vem sendo reconhecido nos diversos espaços do país. Frequentemente é convidada para apresentar seus trabalhos em diversos foros internacionais, assim como para publicá-los. Reconhece a força que sua mãe lhe deu para continuar estudando. Desde muito jovem, junto com seus irmãos, iniciaram um negócio que lhes ajudou a manter seus estudos.

Ixxik, 27 anos, é a terceira de cinco irmãos, e a primeira mulher entre os três vivos. Identifica-se como mulher *Maya-K'iche'*, marxista, solteira, o mais sagrado para ela é a vida, mestre em Estudos Sociais e

⁹ Fundação Guatemala é um programa de estudos de gênero, em parceria com a Universidade Autônoma do México. UNAM.

Políticos Latino Americanos, pela Universidade Alberto Hurtado, em Santiago do Chile, em janeiro de 2008. Atualmente é aspirante ao programa de doutorado em Estudos Latino Americanos da Faculdade de Filosofia e Humanidades da Universidade Nacional Autônoma de México, UNAM. Conta com vários trabalhos e sua produção intelectual, com enfoque predominantemente interdisciplinar, tem sido apresentada em diversos eventos internacionais. Desde criança seu refúgio foram os livros que tinha em casa, devido ao fato de seu pai ter sido professor e estudado na universidade.

Marta, 33 anos, vive na sua comunidade de origem, é a mais velha de um grupo de sete irmãos, tem um filho de sete anos e identifica-se como mulher *Maya-Kakchikel* de pensamento de esquerda. Mestre em Antropologia Social no CIESAS¹⁰ de Guadalajara - México, em 2007. Atualmente, como parte de seu projeto de vida, encontra-se construindo sua própria casa. Sua mãe pratica a medicina natural, com a qual ajuda a sua comunidade. Marta trabalha numa instituição do estado, onde é uma das poucas funcionárias indígena. Em sua comunidade de origem, lidera um projeto de análise político com várias mulheres mayas profissionais de sua comunidade; estas mesmas mulheres organizam debates sobre diferentes questões que envolvem os processos eleitorais, nacionais e municipais. Tem o projeto de realizar o doutorado em Antropologia Social no CIESAS, México onde ela foi aceita, mas no momento tem outras prioridades.

¹⁰ CIESAS, Centro de investigaciones y Estudios Superiores en Antropología Social, México.

Saqbe', 35 anos, socióloga, filha única, criou-se na cidade, nas casas onde a mãe trabalhou. Sua mãe sempre foi uma trabalhadora doméstica, que não apreendeu a ler nem escrever, mas sempre questionou as estruturas de opressão, sendo um grande exemplo para a filha. Saqbe' criou-se como ladina, mas ao tomar consciência das implicações disto, começa seu processo de construção como mulher indígena. Saqbe' atualmente é uma das poucas funcionárias de Estado que são indígenas. Mora com seu único filho e seu marido num prédio residencial da capital da Guatemala, onde é a única mulher indígena que mora de aluguel naquele residencial; as outras mulheres indígenas que vivem no prédio trabalham como empregadas domésticas no mesmo. Identifica-se como mulher *Maya-K'iche'* e feminista. Considera que tem aprendido muito das leituras das filósofas feministas européias e que agora está interessada nas feministas da Índia. Deseja realizar seus estudos de pós graduação fora de Guatemala; é coautora de duas produções recentes, uma delas escrita em coletividade com outras mulheres mayas.

Emma, 46 anos, socióloga de profissão, é a segunda de sete irmãos, e a primeira das mulheres. Foi pressionada a ser uma excelente estudante por seu pai, a fim de garantir que as suas outras irmãs estudassem. Seu pai foi comerciante toda a vida, assim como seu avô. Sua família sempre trabalhou coletivamente pela comunidade. Reconhece que sua mãe ensinou-lhe a ser uma lutadora. Emma quer aprofundar e refletir mais sobre a cosmovisão maya. Mãe de dois filhos, mora com seu marido e identifica-se como mulher *Maya-Kakchikel*, que advoga pela teoria feminista, mas não se identifica como feminista. Atualmente faz o doutorado em Sociologia na Universidade Nacional

Autônoma do México. (UNAM) Foi integrante fundadora da primeira organização de mulheres mayas intelectuais da Guatemala. É uma das intelectuais mayas mais reconhecidas na Guatemala, tendo escrito vários livros e artigos sobre sexualidade e afetividades das mulheres indígenas, especificamente das Kakchikeles.

Flor de Copal tem 41 anos de idade, é a primeira de três irmãos. Aos sete anos de idade presenciou o assassinato de seu pai, pelas forças repressivas do exército durante a guerra, experiência que a marcou profundamente. Ela teve que abandonar sua comunidade para salvar sua vida. Atualmente cursa o mestrado em Administração Pública, no Instituto de Estudios Administrativos de Guatemala. Solteira, identifica-se como uma mulher *Maya-Mam*, de pensamento de esquerda. Também é outra das poucas mulheres indígenas trabalhando como funcionária do Estado, sendo o maior apoio econômico de sua família. Tem estudado e praticado a religião maya e é conhecida no ambiente dos sacerdotes e sacerdotisas mayas. É uma dirigente *Mam* em nível nacional e trabalha na sua comunidade para onde viaja todos os finais de semana, a fim de apoiar diversos grupos de mulheres e jovens.

Todas elas fazem parte de um grupo seletivo de mulheres que têm uma ampla trajetória de resistência, transgressão e trabalho com as mulheres e com os povos indígenas, suas comunidades, seus jovens e, enfim, pela sociedade em geral. Trabalhei com estas dez protagonistas sistematicamente durante quatro meses, reconstruindo e, melhor dizendo, “construindo” as suas histórias de vida, a fim de explorar as expectativas que elas têm hoje, frente ao campo acadêmico e político. Além delas, também foram entrevistadas seis profissionais e ativistas do

movimento de mulheres guatemaltecas que, neste momento, são um referencial importante dentro do contexto guatemalteco, no que se refere ao processo de avanço e participação das mulheres na Guatemala. Elas são: Hermelinda Matzul, trabalhadora social de profissão, intelectual Maya-Kakchikel, uma das diretoras do grupo Kaqla- a primeira organização de mulheres intelectuais e profissionais mayas na Guatemala que se organizou para enfrentar as diferentes formas de discriminação que encontram em diversos espaços por serem mulheres mayas. Miriam Maldonado, feminista, Assistente Social, mestra em Administração Pública, seu trabalho e ativismo é conhecido em nível nacional e fora das fronteiras guatemaltecas. Atualmente é diretora do Instituto Universitário de Mulher da Universidade San Carlos de Guatemala (IUMUSAC), primeiro instituto universitário de pesquisa feminista na América Central. Ana Silvia Monzón, socióloga feminista, reconhecida no âmbito latino-americano como pesquisadora e ativista do movimento feminista por sua vasta produção e trabalho com e a favor das mulheres. Walda Barrios, antropóloga feminista, morou muito tempo como exilada no México, no tempo da guerra. Foi a primeira mulher de esquerda a participar de um processo de eleições nacionais para o cargo de vice presidente. Clara Arenas, antropóloga, diretora da Asociación para el Avance de las Ciencias Sociales em Guatemala – AVANCSO, um dos poucos centros de investigação social da Guatemala, espaço construído pela antropóloga Mirna Mack assassinada em 1991, em função da guerra. Também uma das primeiras intelectuais mayas, Amanda Pop encontrou neste centro um espaço para desenvolver seu trabalho posicionado contra o racismo e o machismo.

A maioria do material qualitativo e as citações apresentadas nesta dissertação estão baseadas nas conversas, observações e diálogo que mantive com as protagonistas desta pesquisa e com as ativistas e intelectuais entrevistadas. Aqui, cabe mencionar que tanto as citações destas protagonistas como das ativistas serão escritas em fonte 10.5 e com um recuo de três espaços. Se anotar o nome da pessoa no caso das protagonistas e no caso das ativistas se anotarão nome e sobrenome. As citações dos teóricos utilizados serão apresentadas em fonte 9.5 e recuo como o estabelece as regras do A NBR. Considero importante este esclarecimento para facilitar a compreensão da leitura do texto.

RELAÇÕES DE PODER: FUNDAMENTOS TEÓRICOS

Investigar o processo de constituição discursiva e de identidades obriga a pensar as interlocutoras envolvidas em relações de poder; relações que atravessam os corpos e as consciências. Por isso, ao estudar estes processos de desconstrução de imaginários sociais e construção de novos paradigmas, no qual as protagonistas vêm trabalhando, se faz necessário colocá-las em um contexto globalizante, no qual.

Nuestras sociedades están viviendo procesos de cambio acelerado, aceleración que está determinada – en gran medida- por la innovación y las transformaciones producidas por las nuevas tecnologías. (...) derribo de todo tipo de fronteras desde las nacionales hasta las institucionales e individuales, interacción en el espacio-mundo en tiempo real, que se ha convertido en “aldea global”. (GARCÍA-RUIZ, 2006, p.9)

Do mesmo modo, estabeleceremos os efeitos do poder que circulam entre estas práticas e como se produzem estas intelectuais

como sujeitas em suas várias identidades, especialmente a étnica, a de gênero e a de classe, uma vez que estas práticas transcendem a simples resistência ao poder, e constituem a subjetividade destas mulheres. Segundo Foucault (1996) *“Cada época tem “modo histórico de subjetivação”*.

Nessa mesma linha de pensamento, Márquez (2000) menciona que actualmente as relações de poder permeiam as subjetividades e que são:

Relações intersubjetivas que, conseqüentemente, pressupõem processos que são profundamente politizados. Aqui, abertamente, entram em jogo as estruturas de poder, tanto de classe, étnicas como de gênero, de onde se pode revelar claramente um processo de hegemonia, onde a resistência e submissão, autodeterminação e dominação se entrelaçam dialeticamente. (MÁRQUEZ, 2000, p.3)

Mas como toda análise requer uma conceituação prévia dos problemas tratados, temos que esclarecer à luz da teoria, qual é o exercício de poder que produzem nestas protagonistas, suas possibilidades de resistência e de transformação. Além disso, aprenderemos como suas “idéias força” constituem-se no elemento central que sustenta quotidianamente os processos de transgressão das diferentes estruturas, que se resumem em suas lutas políticas, expressas em seu trabalho intelectual.

Portanto é importante analisar as relações complexas entre o poder e a resistência, onde precisaremos colocar-nos sobre as crises, rupturas e recomposições dos processos socioculturais, econômicos e

políticos, bem como sobre as subjetivações e objetivações, pelas quais as protagonistas vão transitando desde a esfera privada até o domínio público. Inicialmente é indispensável estabelecer que o poder, o estamos concebendo desde a perspectiva foucaultiana, a mesma que será um dos cunhos epistemológicos utilizados neste trabalho. Desde já, também nos apoiaremos em outros autores assim como nas concepções da Antropologia Feminista.

Para Foucault (1979; 1995), poder corresponde à relação de forças; forças que se confrontam com outras forças, poderes que interagem com outros poderes, revelando-se nas lutas quotidianas, deslocando-se de espaço e de nível, nas várias instâncias da vida humana. Encontrar-se ao alcance de todos os envolvidos, de todos os interlocutores, independente do sexo, gênero, classe, etnia, raça, sexualidade, idade.

Nesse sentido, pode-se dizer que estas relações de força constituem-se no campo, onde partindo da resistência para não serem sujeitas submetidas aos diversos sistemas colonizadores, as interlocutoras desta pesquisa emergem com diversas práticas discursivas, que transgridem as estruturas tradicionais, desde seus contextos mais próximos até os espaços políticos e acadêmicos por onde elas transitam. Não obstante, dada a complexidade destes processos, é evidente que estas práticas fazem parte da construção de suas subjetividades e objetividades, que estão em permanente movimento e que terão implicações na passagem constitutiva das protagonistas, como novas sujeitas históricas da transformação social.

Estas também fornecem suas diversas identidades, que são singulares e que podem ser modificáveis, no que diz respeito às diferentes relações que estabelecem em seus diferentes campos; daí sua natureza social, por que:

Tradicionalmente, la identidad era definida por las instituciones, pero la irrupción de la modernidad – o de la post-modernidad, según los casos- ha convertido a la identidad en un curso auto-integrado ya que a través de mismo se valoriza – según las circunstancias y los intereses coyunturales o estratégico – aspectos étnicos, religiosos, profesionales, sexuados, etc. (GARCÍA-RUÍZ, 2006, p.31)

Tais mulheres vêm enfrentando relações hierárquicas em suas famílias, na escola e dentro da comunidade quanto as políticas de carácter governamental que podem ser reconhecidas como dispositivos culturais, sociais, políticos e econômicos que delimitam e regulam as funções, tempos e espaços destas no momento que iniciam sua experiência como sujeitas.

No que se refere às práticas discursivas, se reconhecem todas aquelas ações subjetivas e objetivas, orais, escritas e simbólicas que as interlocutoras, vêm fazendo nas diferentes passagens da construção de suas identidades e do trabalho que atualmente realizam. Nesse sentido Foucault, diz.

Las prácticas discursivas constituyen fuerzas cuya dirección es modificable, los saberes ocupan un campo estratégico y son elementos de tácticas variables. Son discursos-fuerza. (...) Las tácticas discursivas son transferibles variables. (FOUCAULT, 1996, p.8)

Tomando por base o que dissemos anteriormente, o olhar deste trabalho será orientado à emergência das práticas discursivas, os contextos em que são produzidas, as estratégias de resistência utilizadas e as transgressões realizadas, que como menciona Foucault, lutam contra os privilégios do conhecimento. Mas também são uma oposição contra o segredo, a deformação e as representações mistificadas impostas às pessoas.

Ao pensar e trabalhar no rastro dos princípios de formação e regras de emergência destas práticas, evitaremos a linearidade, a mesma que Foucault impugna e consideraremos estas histórias de vida ou testemunhos como enunciados, que evidenciaram os acontecimentos que promoveram o movimento das ideias e formas de conceber o mundo destas mayas intelectuais. Porque Foucault:

Considera “enunciado” a las aseveraciones que están garantizadas por las prácticas sociales encargadas de validar los conocimientos. Un enunciado se genera desde las esferas culturales o institucionales. Los enunciados, para este autor se distinguen de las palabras, las frases o las proposiciones, porque comprenden en sí mismos, como derivados de ellos, las funciones de sujeto, de objeto y de concepto. Las formaciones discursivas son verdaderas prácticas y sus lenguajes contingentes promueven mutaciones. Existe interacción entre lo que se enuncia y lo que se ve. Existe también un proceso histórico que facilita diferentes modos de visibilidad. (DIAZ, 2007, p.2)

O pano de fundo no qual suas vidas, experiências e história se desenvolveram é a violência organizada e perpetuada em todas as suas estruturas pelo sistema patriarcal, racista e uniclassista do Estado

guatemalteco. Porém, o fio condutor de suas ações é a resistência e a transgressão, que são uma constante no cotidiano destas profissionais, e que ao mesmo tempo evidenciam formas de ser, caráter, ideias forças, lutas e campos de ações. Tem que se destacar que a vontade e a paixão com que estas mulheres vêm trabalhando na construção de suas liberdades são verdadeiros exemplos de resistência, persistência e transgressão e ao mesmo tempo vem se constituindo em referências diferentes, que na atualidade são reconhecidas tanto no âmbito nacional como internacional.

Todos estes elementos têm o propósito de ajudar na vinculação direta entre as histórias de vida, a história em geral e a sociedade para compreender que a travessia subjetiva e objetiva que as protagonistas iniciaram há vários anos e que hoje, através de múltiplas mudanças, pode se configurar em um “movimento” político e simbólico contra os diferentes estados de dominação em que lutam na tentativa de construir-se como sujeitas, no meio de uma série de relações assimétricas com as quais se confrontam dia a dia. Foucault, para estabelecer este processo reconhece três formas de objetivação que são as que transformam os seres humanos em sujeitos. Estas são apresentadas no seu trabalho sobre O sujeito e o Poder (1995). A primeira tem a ver com a objetivação do sujeito falante. Em segundo lugar, nomeia as práticas divisórias, pelas quais explica que o indivíduo está dividido tanto no seu interior quanto no dos outros. E, finalmente, refere-se aos modos em que os seres humanos transformam-se a si mesmos em sujeitos.

ESTRUTURA CAPITULAR

O ponto de partida da pesquisa são dez relatos de vida de acadêmicas indígenas mayas da Guatemala. O conhecimento preciso das circunstâncias que acompanharam o processo histórico das interlocutoras foi primordial para a análise dos dados recolhidos no trabalho de campo. Só depois desta grande tarefa foi possível estruturar a proposta organizada em capítulos que revelam: períodos e experiências de vida das protagonistas, assim como também encruzilhadas e dilemas vividos tanto em relação a suas famílias quanto a seus contextos comunitários e nacionais, sem que elas tivessem que renunciar a seus sonhos e objetivos de vida. Além disso, revelam-se questões do contexto econômico, político, social e cultural, em âmbito nacional e internacional, vividos durante o período estudado e como, na Guatemala, estes afetam a vida das mulheres e, em especial, das mulheres indígenas.

Portanto, esta etnografia inicialmente apresenta uma introdução que dá conta das complexidades epistemológicas e metodológicas que se constituíram na parte medular deste trabalho. Logo no capítulo I, pretende-se fazer toda uma discussão das íntimas relações entre as categorias de gênero, etnia e classe e como a visibilidade desta intrincada interseccionalidade faz-se necessária para a compreensão da problemática das mulheres na Guatemala e, em especial, da vida das protagonistas, partindo do fato de que elas são mulheres, indígenas e pertencem a uma classe econômica específica.

Por sua vez, no capítulo II, procura-se dar conta dos processos de “Resistência e transgressão” das famílias e, em particular, das interlocutoras da pesquisa. Nesse capítulo privilegia-se os diversos períodos históricos do país, tentando revelar o papel de protagonistas das mulheres indígenas, poucas vezes reconhecido, mas sempre exercido, pelo que se revelara a presença das mulheres indígenas na história da Guatemala, tentando escrever a contra-história ou uma nova história. Além disso, evidenciaram-se os rompimentos tanto econômicos, quanto políticos e sociais, que estão fortemente ligados a um sistema, no qual as relações hegemônicas de poder, discriminam, excluem e tornam marginais permanentemente as populações vulneradas por este tipo de relações. Contexto que faz parte da vida cotidiana na Guatemala e que impacta profundamente a diversas identidades das protagonistas.

Já no capítulo III, farei uma aproximação de como: “*A guerra impacta a vida das mulheres indígenas em Guatemala*”. Onde se falara sobre o Génesis da violência, e as implicações que se enfocam são aquelas que vêm desde o terror generalizado que esta ideologia impõe através de suas diversas estratégias e ferramentas sobre as populações, especialmente, aquelas que ficam mais vulneráveis; até o feminicídio, fenômeno que tem como alvo a vida das mulheres. Também registrara-se como as mulheres iniciaram processos de desconstrução, reconstrução e emancipação a partir da violência.

No capítulo IV, o tema tem a ver com as diversas práticas discursivas das protagonistas, desde seu trabalho político e intelectual, e que vêm posicionando-se no meio de um contexto adverso. Nosso

objetivo aqui é o de apresentar os processos e resultados da insurreição destas protagonistas que estão relacionados com os processos de subjetivação e objetivação, os que foram emergindo no meio de relações de poder desiguais e que estas intelectuais vêm desconstruindo ao longo de suas vidas e carreiras profissionais. Outro dos elementos a aprofundar, é que a emergência destas práticas discursivas não é um processo individual, tem a ver com uma série de lógicas de mobilidade em um mundo globalizado, onde os processos locais estão amarrados aos processos internacionais. Além disso, têm sido acompanhadas também pelos processos de descolonização de suas próprias famílias. A última parte constitui-se das considerações finais da pesquisa, as mesmas que darão conta das diversas e concludentes interpretações dos dados com os quais se contou para construir este trabalho.

CAPÍTULO I.

RELAÇÕES ÍNTIMAS ENTRE O GÊNERO, A CLASSE E A ETNIA NA VIDA DAS MULHERES MAYAS NA GUATEMALA

Como já mencionei na introdução deste estudo, o olhar deste trabalho vem da Antropologia Feminista, a mesma que guiou todo o itinerário teórico-metodológico assim como o historiográfico necessário para o desenvolvimento da pesquisa. E, para contar com uma análise objetiva e evitar ser reducionista das realidades estudadas, parto da idéia de que nesta etnografia é necessário trabalhar o relacionamento íntimo que se dá entre as categorias de gênero, classe e etnia.

Ello porque los hombres y las mujeres no están sólo definidos por su género sino también por su posición social y por otras cualidades que le son asignadas dentro de esta organización social compleja. Se insiste, la multiplicidad de la organización social y su complejidad irrumpen dentro del análisis de género dejando vislumbrar los estrechos lazos con la etnia y la clase social. (PAPÍ GÁLVEZ, 2001 cli: p.3)

Estas três categorias de análise, que ao mesmo tempo são enfoques, só têm sido trabalhadas de forma articulada recentemente, tanto dentro como fora das ciências sociais. Isto está relacionado com os debates e denúncias que atores e atrizes vêm fazendo na sua luta política, ao verem-se despojados de seus direitos pelo fato de pertencerem a um gênero, classe ou etnia e outras identidades. Por outro lado, *“Los actuales conflictos culturales y el debate sobre el racismo y la inmigración muestran a las claras cómo las cuestiones de raza, etnia, clase y nación, continúan siendo algunos de los problemas más*

acuciantes de la sociedad civil". (García Canclini, 1999, p.20). Por isso, se faz necessário trabalhar articuladamente estas três grandes interseções, que no caso da maioria das mulheres guatemaltecas, vive-se de forma cotidiana.

Na Guatemala, o estudo das mulheres vem ocorrendo já, há vários anos, mas só ultimamente as variáveis de gênero e etnia foram trabalhadas de maneira articulada neste tipo de estudos. Ana Silvia Monzón em seu trabalho *Mujeres, género y etnia en Guatemala. Aproximaciones conceptuales*, manifesta que é só recentemente que se tem acrescentado o interesse por conhecer a situação e condição das mulheres em geral e das indígenas e mayas em particular, especialmente:

Desde la perspectiva de género/etnia, es relativamente reciente en el ámbito académico y político de la sociedad guatemalteca. A pesar de muchos esfuerzos aún no se logra un estatus epistémico para este tipo de estudios. Lo que se encuentra es, por un lado, estudios enfocados sólo en las mujeres, o sólo en las mujeres indígenas pero sin ubicarlas en el entramado de las relaciones de género y etnia que caracterizan a la sociedad en que ellas se desenvuelven (MONZÓN, 2008, p.2)

Retomando o dito por Monzón, caberia perguntar-se: por que a falta de interesse neste tipo de estudos? Quem são os atores e atrizes sociais que merecem atenção como sujeitos sociais, para ser parte da pesquisa social na Guatemala? Quais são as variáveis e categorias que têm importância acadêmica na Guatemala? Pois, desde meu ponto de vista, para se construir o perfil das guatemaltecas e entender sua

situação, condição e posição, é necessário e indispensável trabalhar com estas três grandes intersecções, “*variáveis que permitem observar e diagnosticar as desigualdades sociais com maior nitidez*”. (PAPÍ GÁLVEZ,2001,p.1). É evidente que estas categorias devem ser trabalhadas simultaneamente, já que de outra forma não dariam conta da realidade da maior parte das mulheres na Guatemala, pois a maioria delas são indígenas e pobres.

Colocando sobre a mesa esta preocupação conceitual e metodológica, proponho-me trabalhar e mostrar as relações de poder que se constituem na intimidade da convivência entre gênero, classe e etnia. E como na Guatemala elas dão conta do contexto econômico, político e sociocultural, onde as dez mulheres intelectuais mayas, protagonistas desta pesquisa, vêm desenvolvendo-se, resistindo e desconstruindo todas essas relações assimétricas, nas quais nasceram, cresceram e vivem atualmente.

Aqui se faz necessário mencionar que a Guatemala caracteriza-se, desde a colônia até hoje, pelo uso dos pertencimentos étnicos, classistas, de gênero e outros, de maneira que os povos indígenas, as mulheres, os pobres e outras minorias têm sido marcados, já que:

Las etiquetas raciales se usan desde el principio, la ordenación en cuanto a la distribución del a riqueza, el prestigio, la ocupación, el espacio que se habrá de ocupar, el poder que se ha de tener, etc., se desprenden de la separación racial y, con el correr de los siglos, se ligan indisolublemente con la posición económica . (GUZMÁN BÖCKLER, 1978, p. 44)

É por isso que me manifesto a favor da inclusão dos enfoques de gênero, classe e etnia, pois na Guatemala a opressão das mulheres evidencia-se claramente sobre a desigualdade econômica, social, cultural e outras.

Antes de passar para o outro segmento, considero importante esclarecer que para aproveitar ao máximo as narrativas das protagonistas quanto às possíveis interpretações e análise à luz da teoria, considere importante trabalhar as relações de poder tanto de gênero, étnica como de classe de forma específica. Embora, como tem sido dito permanentemente nesta primeira parte, considera-se estas três interseções como variáveis e categorias que se articulam de forma permanente no cotidiano das mulheres e que atuam contundentemente na construção dos imaginários que se constituem individual e coletivamente.

RELAÇÕES DE PODER DESDE A INTIMIDADE DO GÊNERO

Nesta perspectiva, devo destacar que neste estudo etnográfico utilizo a categoria de gênero, não em caráter descritivo, mas como o menciona Celia Amoros (2007) como um instrumento crítico que facilitará a desarticulação das ilegítimas relações de poder. Levando em consideração que estas relações têm colocado as mulheres em condições de exclusão pelo simples fato de serem mulheres. Além disso, tenho que enfatizar que por um lado concordo com Joan Scott, quando estabelece que: *“O gênero é um elemento constitutivo de relações sociais fundadas sobre as diferenças percebidas entre os sexos, e o gênero é um primeiro modo de dar significado às relações de poder”* (SCOTT, p.14) Por outro lado, manifesto-me a favor do que Lola Luna,

afirma sobre que: *“La renovación actual de la historia, especialmente en sus aspectos políticos, pasa por investigar la inclusión y las formas de inclusión de las mujeres en el poder, sus relaciones y experiencias con sistemas políticos concretos.”* (LUNA, 2003, p.33).

Pensando em todo o anterior, considero que uma mirada genealógica acerca dos processos de desconstrução pessoal e coletiva das dez protagonistas deste trabalho, desde as interseções de gênero, classe, e etnia; tornará possível distinguir como estas intelectuais mayas, partindo da resistência e suas subjetividades, vêm transitando por diversas transformações. As mesmas que têm sido influenciadas pelas mudanças econômicas, políticas e socioculturais da época. Além disso, como os não privilégios destas mulheres vêm sendo alterados. Com este estudo queremos avançar não só no descobrimento e na revelação das situações econômicas, políticas, sociais e culturais, senão também da resistência, porque como diz Foucault, com o propósito de entender de que se tratam as relações de poder, *“Talvez devêssemos investigar as formas de resistencia e as tentativas de dissociar estas relações.”* (FOUCAULT, 1995, p.234)

É aqui que se faz oportuno começar a apresentar as diversas experiências vividas pelas entrevistadas, que dão conta de como o problema da discriminação de gênero impacta especificamente a vida das mulheres. Embora se possa dizer que o grupo estudado, resistindo e transgredindo permanentemente, de alguma forma já começou a cruzar com êxito os primeiros estágios discriminadores deste sistema patriarcal. De modo que elas nos contam que:

*Además de ser la penúltima hija, mi mamá ya me tuvo cuando era mayor, todo eso hizo que **me criara con mayor libertad que a mis otras hermanas**, quizás con una libertad parecida a la que le dió a mis hermanos. (Adela)*

***Por ser mujer**, la mayor y vivir cerca de la casa de mis abuelos, yo tenía que levantarme a las cuatro ó cinco de la mañana, ir a la casa de ellos para cocinarles, sacarlos del temascal y hacer todo lo que ellos necesitaban. (Elizabeth)*

*Recibíamos un poco la presión de mis tías y tíos diciendo: ¿Por qué mis padres mandaban a sus hijas a la escuela? si ellas necesitan estar en la casa, (...) ellas tienen que tejer. La función de las niñas en este caso era crear una producción de un apoyo material inmediato y no se visualizaba la importancia de estudiar, y lo que eso pudiera significar para el futuro. (...) Mi papá siempre nos decía. “Si van a la escuela a buscar marido, mejor piénselo antes y no van”, siempre la desconfianza de mi padre hacia las mujeres, eso si fue bastante marcado a pesar de que mujeres y hombres tuvieron la oportunidad de ir a la escuela. **Siempre hubo una presión marcada sobre las mujeres de cuidarse y de cuidar el honor de la familia.** (Aury)*

*Cuando tenía 7 años era natural que yo empezara a cocinar, hacer el nixtamal y la molida¹¹ cosa que hice, pero siempre me pregunté **¿por qué yo tenía que***

¹¹ El nixtamal se prepara según una técnica mesoamericana: se cuece el maíz en agua con una proporción fija de cal (hidróxido de calcio), comúnmente tres partes de agua por cada una de cal, aunque el contenido de cal puede aumentar si los granos son muy duros. Una vez cocido, el grano se deja reposar durante la noche, tiempo en que revienta y se separa la cáscara del maíz para facilitar la molienda. Luego se enjuaga para eliminar el exceso de cal y se muele sobre el metate (piedra de moler) hasta formar la masa, este proceso se ha modernizado y actualmente la molienda se lleva a cabo mayoritariamente con máquinas o molinos industriales, pero en algunas áreas rurales el uso del metate persiste. (Días Roig, Mercedes: 1979, sem numero de pág.).

hacerlo y mi hermano no? ¿Por qué soy yo la que tengo que levantarme mas temprano, lavarlo y dejarlo preparado antes de irme a la escuela? Me molestaba tener que hacerlo. En mi casa en el imaginario de mi mamá las mujeres indígenas deben aprender a cocinar, deben tener hijos, deben ser “buenas mujeres”. Yo creo que por la misma constitución social y como se forman a los sujetos masculinos y femeninos, mi mamá estaba reproduciendo una relación de sometimiento hacia las mujeres, porque en el imaginario de ella era eso, que una mujer indígena debía ser. (Ixxik)

*Mi carácter y mi personalidad me distinguieron, porque si mi hermana hubiera querido transgredir muchas cosas que estaban ya establecidas, “como el deber ser”. Si ella no hubiera respetado al pie de la letra todo eso hubiera podido conquistar otras cosas, pero como ella es fiel a la cultura y fiel a todos los dictámenes tanto locales como familiares. (...) Mi papá nos quería dar la herramienta de la educación a todos hombres y mujeres pero la guerra estallo justo cuando yo tenía cinco año, **sino nuestro futuro era el ser trabajadoras domésticas de las casas de Santa Cruz.** Mi mamá no estaba de acuerdo con que estudiáramos, porque efectivamente cuando nos íbamos a la escuela ella se recargaba de trabajo, y había toda esa tradición de que las mujeres sirven en la casa. Antes de ir al a escuela nos teníamos que levantar a las 4 de la mañana e ir al molino.¹² **Todo el tiempo teníamos que estar aplicadas en el trabajo de la casa, aplicadas en la escuela y aplicadas con el comportamiento social.** (Azucena)*

¹² Molino é uma máquina industrial que é colocada em um ponto estratégico da comunidade; é o lugar aonde as mulheres ao amanhecer vão para moer o milho, o nixtamal, para fazer a massa que mais tarde usarão para fazer as tortillas, alimento que faz parte da dieta cotidiana dos e das guatemaltecas.

Mi mamá se saltó las trancas, mi abuelo y abuela la quisieron casar a los 14 años pero ella les dijo que no, y mucho menos aceptar que la intercambiaran por cosas, ella dijo: “yo no soy cosa y no me voy a ir con el hombre si no soy casada por la iglesia y ya cuando mi cuerpo este formado”. Ella rompe muchos esquemas por ejemplo: no permitir que se le maltratara, y sobre la negociación de los hijos mi papá empieza diciendo que los hijos no van a estudiar sino a trabajar la tierra para que salgan adelante. Mi mamá tiene toda esa concepción que no se de donde la saca, ella es analfabeta pero ella se resiste. (Saqbe´)

Soy la segunda mujer, tuve que hacer lo mejor de mi para estudiar y de esa manera mis otras hermanas tuvieron la oportunidad porque mi papá vio que las mujeres también podíamos. Por un lado el tener acceso a la educación como que nos da orgullo el hecho de decir puedo escribir, puedo leer entonces me puedo defenderme. (Emma)

Estas experiências mostram-nos que as opressões que as mulheres sobrevivem, quotidianamente, estão imersas em relações de poder, que vêm do sistema patriarcal exercido desde a família e passado às outras estruturas, pelos diferentes sujeitos sociais, tanto de forma individual como coletiva. Os conflitos internos e externos também fazem parte desta aventura de construção das identidades, no meio de relações de poder assimétricas e injustas. Até que as levam a configurar novas formas de resistência, que se articulam quase estrategicamente no seu confronto contra os diversos ambientes sociais que as oprime. Nesse sentido, nos relatos apresentados anteriormente, destacam-se diversas experiências que dão início a um processo de descolonização¹³ das vidas

¹³ Usaremos o conceito *Descolonizador*, desde a perspectiva fanoniana, ainda que esta não seja trabalhada com perspectiva de gênero. No entanto, apresenta elementos que esclarecem

destas protagonistas, as formas como elas vão desconstruindo-se e construindo-se por sua vez, partindo das relações dialéticas com seus diversos contextos.

Ninguém nasce mulher: torna-se mulher (SIMONE de BEAUVOIR, 2002) pelo que se considera que a identidade de gênero é fundamental no que se refere aos papéis entre homens e mulheres na estrutura familiar. Martin-Baró (1985), quem desenvolve a socialização do gênero como o processo que dá origem a identidade de gênero, manifesta que homens e mulheres têm papéis diferentes, tanto fisiologicamente como na sua própria forma de ser, seus papéis sociais, em suas aspirações pessoais e nas normas que regulam sua existência. Este autor também indica que o problema surge quando esta diferenciação, tal como se apresenta historicamente, manifesta uma discriminação sexual que nega a alteridade real da mulher, subordinando seu desenvolvimento, seu projeto de vida ao desenvolvimento e projeto vital do homem.

Nesse sentido, adquire relevância à verificação que as interlocutoras constantemente fazem de seu ser mulher, já que a maioria

de forma contundente o processo de descolonização que pode ser aplicado tanto a homens como a mulheres e outros grupos sociais: “La descolonización, como se sabe, es un proceso histórico: es decir, que no puede ser comprendida, que no resulta inteligible, traslúcida a sí misma, sino en la medida exacta en que se discierne el movimiento historizante que le da forma y contenido. (...) La descolonización no pasa jamás inadvertida puesto que afecta al ser, modifica fundamentalmente al ser, transforma a los espectadores aplastados por la falta de esencia em actores privilegiados, recogidos de manera casi grandiosa por la hoz de la historia. Introduce en el ser un ritmo propio, aportado por los nuevos hombres, un nuevo lenguaje, una nueva humanidad. La descolonización realmente es creación de hombres nuevos. Pero esta creación no recibe su legitimidad de ninguna potencia sobrenatural: la “cosa” colonizada se convierte en hombre en el proceso mismo por el cual se libera.” (FANON, 2008, ps.26-27).

delas, nas relações de troca e tensões em seu contexto familiar, deverá disputar os espaços, condições e posições de poder com irmãos e outros membros masculinos da família, para logo afrontar, com diversas estratégias, as atitudes patriarcais tanto dos pais, das mães como dos avôs e outros familiares. Aqui podemos tomar como exemplo o que manifesta Rosa Piló: *“En la cultura indígena Kaqchikel, se marca la discriminación desde el nacimiento (...) y cuando se pasa de lo privado a lo público las desigualdades se manifiestan con gran fuerza, con el simple hecho de no ceder poder a las mujeres”*. (PILÓ, 2007, p.29). Por outro lado Emma Chirix afirma em sua dissertação sobre: *Identidad masculina entre los Kakchikeles* que: *“la complementariedad es percibida en la cotidianidad como unidad de la desigualdad.”* (CHIRIX, 1987, p. 76)

Estes testemunhos abordam claramente a vulnerabilidade que representa o fato delas serem mulheres, porque suas famílias são permeadas pelos referentes masculinos e os padrões e representações do ser mulher nas relações intrafamiliares desenvolvem diversos processos de discriminação, visto que os estereótipos depreciativos atribuídos às mulheres as colocam em situações, condições e posições de desigualdade.

La condición de la mujer esta constituida por el conjunto de relaciones de producción, de reproducción y por todas las demás relaciones vitales en que están inmersas las mujeres independientemente de su voluntad y de su conciencia y por las formas en que participan en ellas; por las instituciones políticas y jurídicas que las contienen y las norman; y por las

concepciones del mundo que las definen y las interpretan. (LAGARDE, 200: p. 78).

O universo do lar, entre mães, pais, irmãos e outros familiares interfere na vida destas protagonistas, potencializando claramente a resistência e a transgressão. Desta forma, enfrentam com diversas táticas as duplas e até a tripla jornada de trabalho que sofrem desde meninas. Falando do mesmo tema em relação às mulheres indígenas mexicanas, Soledad González , (2001) manifesta que: é só recentemente que estas mulheres têm aparecido nos foros públicos, falando de sua tripla opressão e dupla luta. No caso das entrevistadas desta pesquisa, Azucena e Elizabeth manifestam que:

Antes de ir a la escuela nos teníamos que levantar a las 4 de la mañana, ir al molino, hacer el desayuno y para poder ir a la escuela, y mis hermanos no. (...) nosotras nos íbamos con mis hermanos a sembrar, íbamos con ellos a cosechar y al mismo tiempo teníamos que responsabilizarnos de la casa. (Azucena)

E no caso de Elizabeth, ela tinha a responsabilidade de ajudar a seus avos antes de ir para escola, e ao voltar trabalhava em as casas vizinhas lavando roupa o cuidando crianças. Estas representações femininas, claramente dão-se em espaços de relacionamentos assimétricos, onde se revela uma sociedade autoritária e desigual. Além disso, evidencia-se que a tendência dentro da família é reforçar o sistema de dominação patriarcal, o que fica claro na maioria das vivências narradas. Já que tanto: “*El mercado como el espacio privado se ha beneficiado siempre de la servidumbre de género impuesta a las mujeres*”. (LAGARDE, 2001, p.19) Grifo meu No entanto, no processo de desconstrução deste sistema, elas vêm exercitando novas

formas de liberdade, de reconhecimento e de auto-afirmação para se constituírem como sujeitas políticas. Mas é evidente, em todos os casos, que as múltiplas transformações têm a ver com a luta destas intelectuais no interior de seus grupos familiares, embora, em alguns casos, esta batalha tenha se iniciado desde a geração das suas avós e das suas mães.

Neste processo defende-se a necessidade de igualdade de oportunidades entre homens e mulheres, procurando garantir espaços decisórios que respeitem as demandas delas como mulheres. E o grande desafio é romper com a dominação e discriminação histórica do masculino sobre o feminino dentro de suas famílias, comunidades e em outros contextos mais amplos. No caso destas protagonistas, as lembranças que elas têm dessas formas de resistir dentro da família, por momentos, denota ainda desconforto, em alguns casos tristeza, raiva dos momentos vividos, mas também percebem que é parte do processo de desconstrução e empoderamento tanto delas quanto de suas famílias.

RELAÇÕES DE PODER DESDE A INTIMIDADE ÉTNICA

Mergulhar nas relações de poder desde a identidade étnica obriga-nos a revelar a problemática do racismo, sua gênese a partir da colônia e como este se enraizou profundamente em todas as estruturas que conformam a sociedade guatemalteca, de modo que em muitas ocasiões é considerado até um fenômeno natural, não só pelos ladinos, senão também por alguns indígenas, mesmo que “*Asegura la dominación a través del tiempo, haciendo a los subordinados aceptar el lugar que ocupan en la sociedad, como fundado en la voluntad de Dios, en la naturaleza o en el deber moral*”. (CASAÚS, 1998, p.30)

O problema de racismo na Guatemala tem sido identificado, assinalado e questionado há várias décadas, por diversos cientistas sociais nacionais e estrangeiros, mas especialmente pelos trabalhos dos guatemaltecos. O antropólogo Carlos Guzmán Böckler com sua obra: “Colonialismo y Revolución” e o historiador José Severo Martínez com: “La Patria Del Criollo”, ambas as obras foram publicadas na década dos anos setenta e nas mesmas se estabelece com clareza que o racismo na Guatemala é um fenômeno que tem uma construção histórica e social. Onde se tem excluído e marginalizado permanentemente a população indígena na tomada de decisões nos processos sociais, econômicos e políticos, e que sempre foi usada como mão de obra barata e explorada pelo que esta nação foi organizada e construída como uma sociedade etnocêntrica e permeada pelo racismo desde a chegada dos europeus até nossos dias.

Apenas em 1996, depois da assinatura dos acordos de paz, o Estado guatemalteco se reconhece como pluricultural, plurilíngue, multiétnico e com graves problemas de racismo. A partir de 1995, depois da assinatura do “Acuerdo sobre identidad y Derecho de los Pueblos Indígenas” (AIPD), aumenta consideravelmente o interesse pelo problema do racismo, tornando-se um tema vigente de análise e de estudo, desde diversas perspectivas e disciplinas, contando-se atualmente com uma extensa produção a respeito. Em relação a este trabalho faz-se necessário indicar que a categoria do racismo¹⁴ será

¹⁴ O racismo para Frantz Fanon: “No es un fenómeno ‘innato’ en los hombres, ni tampoco una disposición psicológico-mental. Es una forma de discriminación social que va de la mano con la aniquilación cultural, la dominación política y la opresión militar de los pueblos colonizados en el marco de la explotación económica capitalista. (...) Es por eso que no se puede ser racista inconscientemente, como sostiene Fanon. El racismo tiene método. El Racismo es un

trabalhada a partir de diferentes autores e, além disso, será uma ferramenta que nos apoiará na descrição do problema e também da sua crítica.

Na Guatemala, depois da invasão dos espanhóis no século XVI, os indígenas têm sido considerados, “*Pagãos, Politeístas, animais, torpes etc.*” (JEAN-LOUP, 1995, p.143). Concordo com os autores que afirmam que o racismo é um componente histórico que possui suas raízes nas estruturas das sociedades coloniais. Porém, mesmo no século XXI, os indígenas ainda continuam sendo sujeitos a condições discriminatórias pela sua identidade étnica, porque: “*El racismo funciona como mecanismo ideológico para invisibilizar y naturalizar las relaciones de poder y dominación*”. (Heckt, 1997)

Neste sentido a naturalização do racismo e a rejeição do mesmo ficam claras nas experiências narradas por duas das protagonistas quando nos contam que:

método de explotación, dominación, subyugación y deshumanización.” (Franz. T Lee, 2008: p.1) Já para Foucault o racismo é: em primeiro lugar o exercício do poder através do qual se pode exercer o direito de matar. “*Es un modo de establecer una censura en un ámbito que se presenta como un ámbito biológico. Es esto, (...) lo que permitirá al poder (...) subdividir la especie en subgrupos que, en rigor forman las razas. Son estas las primeras funciones del racismo: fragmentar (desequilibrar) introducir censuras en ese continuum biológico que el biopoder inviste. (...) La raza, el racismo, son – en una sociedad de normalización – la condición de la aceptación del homicidio. (...) el racismo resulta indispensable para poder condenar a alguien a muerte, para hacer morir a alguien.*” (Foucault, 1996: p.206-207). *El racismo, como procedimiento ideológico, busca presentar como natural un orden social desigual (Stolcke: sin fecha: 47), asegura la dominación a través del tiempo, haciendo a los subordinados aceptar el lugar que ocupan en la sociedad, como fundado en la voluntad de Dios, en la naturaleza o en el deber moral. (Casaus, 1998). Por isso, “La lengua, los comportamientos sociales, las sutiles discriminaciones en la elección del personal para un trabajo, la facilidad que un banco ofrece para otorgar un préstamo, la atención que un docente presta a sus alumnos, los contratos de arrendamiento, la rapidez en la atención médica hospitalaria y muchos otros elementos de la vida cotidiana son atravesados por el sexismo o el racismo. (Francesca Gargallo, 2007)*

*Después de graduarme yo recuerdo que empezaron mis luchas contra el racismo, porque contra los profesores no tenía capacidad de luchar. Recuerdo que cuando me fui a inscribir para continuar estudiando, iba mi madre conmigo y a la hora de entregar la papelería, yo la había desordenado un poco y la secretaria del instituto me tiro la papelería por la cara. “Ese fue mi primer encontronazo con el racismo”, y mi madre que estaba conmigo, al parecer por las vivencias de racismo que había tenido miraba esto con mayor **naturalidad**, sin embargo yo **no la acepte**. (Aury)*

*Mi papá sigue pensando que los ladinos son más inteligentes que los indígenas (...) también recuerdo una experiencia en un congreso de Trabajo Social, yo tenía que hacer las conclusiones y un profesor me dijo “¿usted habla bien español?, ¿no se va a confundir hablando español?, hable bien español porque no queremos ser la vergüenza de las mesas” Entonces yo dije si, si puedo hablar español **pero renuncie y me fui de la mesa**. En Santiago de Chile me sentí discriminada varias veces. Cuando estas en la academia, siempre tu opinión, no se si como mujer indígena pero o como diferente, la van a pensar como Folklorista. (Ixxik)*

Contraditoriamente, tanto no caso da mãe de Aury que viu com naturalidade o fato discriminador contra sua filha, sem reagir, quanto o que considera o pai de Ixxik que “los ladinos son, mas inteligentes que los indígenas”, claramente pode se estabelecer como o racismo atravessa as concepções e as subjetividades dos próprios indígenas. Trata-se aqui de explicar as persistências das crenças ou atitudes raciais em função dos interesses das classes dominantes, embora estas venham dos próprios afetados. Além disso, a naturalização das diferenças justifica as ações de agressão, discriminação, exclusão e violência. Também

recria imaginários sociais com o sujeito racializado e tem como objetivo final um sistema de relações racistas, que tem sua origem na ideologia racista originada na colônia e defendida pelas estruturas de poder, através de seus aparatos ideológicos, tais como a igreja, a escola e a família. Nessa dimensão como o menciona Bronislaw Baczko:

O imaginário social se expressa por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais Elementos plasman visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças. (BACZKO ipud MORAES, 2002, p.1)

Os povos indígenas na Guatemala são sobreviventes de duas grandes barbáries: a primeira relativa à chegada dos espanhóis, incluindo o processo da colonização, e a segunda referente aos 36 anos de guerra no século XX. Além disso, como já fora mencionado antes, continuam a ser o maior segmento da população do país, contudo permanecem marginalizados e excluídos da sociedade guatemalteca pelo fato de serem indígenas e, a maioria deles, pobres e mulheres.

O racismo, como uma das heranças funestas da colônia, faz parte do despojo individual e coletivo dos povos indígenas, já que como o manifesta Guzmán-Böckler: “*En la Guatemala colonizada, el racismo y las diferenciaciones raciales son tan importantes como las separaciones calcadas en factores de orden económico*”. (GUZMÁN-BÖCKLER, 1978, p.42) E eu agregaria de gênero e outros.

O racismo na Guatemala teve e tem diferentes formas, vem se transformando e enraizando profundamente no imaginário, na vida e nos

corpos “das e dos” guatemaltecos. Neste sentido, Marta Elena Casaús em seu livro: *La Metamorfosis Del Racismo en Guatemala*, afirma que:

Con la irrupción de nuevos actores sociales, el cambio de dominación y sobre todo con la modificación sustancial del agro guatemalteco y las reformas liberarles, el racismo sufre una nueva metamorfosis, que se manifiesta polifacética. El ejercicio del racismo provendrá directamente del Estado y se expresará en las constituciones, ordenanzas laborales, en la restructuración político-administrativa, en el imaginario de las elites, etc. (CASAÚS, 2007, p.35)

A vida de nossas interlocutoras tem sido imersa em uma série de experiências adversas no que se refere ao enfrentamento cotidiano destas protagonistas com um sistema injusto e desigual; algumas destas experiências já foram apresentadas, especificamente, às que se referem à discriminação de gênero, as quais foram anotadas e analisadas no item anterior. Agora, considera-se oportuno apresentar outras vivências que têm a ver com sua identidade étnica. Não com a perspectiva da vitimização, senão pelo contrário. Visto que estes momentos vividos, embora fossem processos dolorosos e marcantes, também foram elementos que as confrontaram com realidades; que depois de terem sido digeridas pelas reações imediatas, como dentro de profundas reflexões, as colocam em posições políticas de resistência que as movem para transgredir as estruturas racistas, nas quais se mobilizam quotidianamente. Como afirma René Márquez “*las relaciones de poder, trascienden la simple resistencia al poder, también es práctica de la constitución de la subjetividad en positivo*”. (MÁRQUEZ, 2000, p.1) Nesse sentido, sobre as experiências de racismo vividas elas narram:

Es algo reciente donde sentí la discriminación, porque a veces se aprende a naturalizar las cosas y como que ya no te afectan. Los tratos injustos en los aeropuertos son discriminatorios, las personas allí no creen que vayas a estudiar piensan que solo cierta clase tiene derecho. Si te ven con tu traje te discriminan, yo como mecanismo de sobre vivencia tuve que dejar mi traje por un lado en algunas ocasiones y ponerme vestido occidental para poder sobrevivir y no vivir esa discriminación. Por otro lado, después de la maestría hay gente que te cuestiona, te pregunta una y otra vez, ¿eres máster de verdad? no creen que es cierto, pareciera que solo la gente de cierta clase y de cierto status puede llegar a tener esta preparación académica. (Elizabeth)

Mi hermano mayor se casó con una mujer que se definía así misma como ladina y sus papás eran muy pobres. Cuando ella llegó a la casa, (muchas personas en Guatemala piensan que entre ladinos e indígenas pobres no hay relaciones de poder) observamos que habían enormes deferencias entre nosotros y ella. No solo diferencias sino relaciones de poder desiguales, ella se burlaba de la forma en que nosotros comíamos y siempre decía, “nosotros los ladinos” comemos de forma más moderna. Nos enseñó una serie de comidas, y nos metió en una dieta diferente. Cuando ella nos llevaba a visitar a su familia o en la calle nos trataba de vos, con el trato se evidenciaba perfectamente quienes éramos para ella. Al sentir la presión de su familia, no se sentía con la capacidad de tratarnos de forma horizontal. (Aury)

Si, porque el hecho de no usar el traje también es una fuente de discriminación y esto en los círculos mayas, porque por un lado es no reconocer que también es una visión estereotipada, de que se es maya cuando se tiene el corte.¹⁵ Tanto que los hombres mayas no importa si

¹⁵ REFAJO (CORTE O ENAGUA). Estes são nomes aplicados às saias das mulheres indígenas na Guatemala. Geralmente são feitas de algodão em teares de pé, dirigidos pelos homens. Os

usa tenis reebok¹⁶ siempre siguen siendo mayas, porque tiene que ver donde se deposita la simbología y la obligatoriedad de reproducir. Por ejemplo: en espacios de participación organizada política si hubo gente que puso tela de juicio si yo tenía autoridad de hablar como mujer indígena, porque no llegaba con corte a las reuniones. La discriminación por ser indígena que venga de mestizos yo creo que no por el hecho de que no me ubican como indígena, precisamente porque estoy vestida como ellos y porque hablo español más o menos con propiedad. (Adela)

El primer año en la capital, fue duro, (...) marcante (...), chocante y frustrante, muy agresivo. A pesar de que había racismo en Santa Cruz, la dureza del racismo en la capital es mucho mas fuerte, hubo momentos que yo sentí que no iba a soportar. En mi vida nunca alguien me había gritado “que yo era tonta, por ser india”. La agresión de los chóferes o mujeres y hombres en las camionetas¹⁷, de repente verme frente a eso y no poder hablar y no poder decir nada, empezó afectar mi autoestima porque empecé a creer que yo era eso que ellos decían. Que yo no merecía, que yo era sucia, porque es eso lo que te dejan sentir, que no sos una persona digna de andar en esos buses, que no sos un ser humano digno de respeto. (Azucena)

Me voy a la escuela de enfermería, creo que allí es donde yo encuentro el choque, había un profesor de Antropología, y ahora le digo “Se recuerda que usted decía que éramos unos brujos”, porque en la clase decía el que los indígenas hacíamos brujería, me dolió tanto que dije: “Aquí, quien tiene miedo para hablar”

cortes são usados em diferentes medidas; às vezes são peças de dois a nove metros de comprimento, onde se envolve o corpo a maneira de uma saia.

¹⁶ Reebok, marca de tênis norte-americano.

¹⁷ Camionetas, nome popular para os ônibus de transporte urbano e extra-urbanos na Guatemala.

y le dije: ¿a cuenta de que nos señala como brujas? Tuve la fuerza de decirlo, como que en ese momento yo perdí el miedo de hablar. Los hospitales, son eminentemente racistas, siempre trabajé con el traje, pero tenía una bata y usaba zapatos blancos, los doctores, las enfermeras profesionales y auxiliares te ven con traje y no te hacen caso. Hubo una auxiliar de enfermería que me quitaba los expedientes clínicos, para que yo no los revisara. (Emma)

En el nivel primario los catedráticos nos obligaban a hablar el castellano y nos castigaban porque se nos hacía difícil aprenderlo. (...) Cuando entre a la universidad me autorizaron una beca pero la coordinadora usando mi nombre se la dio a otra persona y yo tenía que pagar todo. Otro catedrático me decía: “la universidad no es para indias”. En otros espacios he sufrido discriminación, en el área laboral no tenemos el mismo nivel de salarios, no solo por ser mujeres sino por ser indígenas. Las actitudes e ideologías están bien enraizadas, siempre te hacen de menos con tus propuestas, eso es parte también de la exclusión y racismo. (Flor de Copal)

Os fatos que nossas protagonistas têm relatado são explicitamente atos de racismo, que têm base ideológica fundada claramente nas diferenças físicas e culturais, tais como elas mesmas os manifestaram: o uso do “corte” (roupa tradicional) e seu “sotaque” para falar o espanhol foram elementos que enfatizaram seu pertencimento étnico e que foram motivo para excluí-las de diversos espaços públicos. Como já se mencionara antes, o fenômeno do racismo na Guatemala como em outras partes do mundo tem sido construído histórica e socialmente. Contudo, na sociedade guatemalteca até há muito pouco tempo vinha sendo considerado inalterável e expressado regularmente em práticas quotidianas pelos diversos sistemas de poder, mesmo que

sejam executadas de forma consciente e/ou inconscientemente. Evidencia-se assim que se continua vendo o “outro” como inferior a partir dos estereótipos de identidade étnica.

Falando do sistema guatemalteco, tem que se dizer que embora o Estado guatemalteco seja signatário da Convenção 169¹⁸, assim como de vários tratados internacionais em favor dos povos indígenas, também conta com um acordo de paz específico quanto ao respeito das diversas identidades étnicas do país. Além disso, tem uma legislação que, embora não seja uma panacéia, mas podem ser considerados instrumentos importantes para o processo de desconstrução do racismo. Com tudo isso, ainda continua sendo uma estrutura que responde a um modelo de país com relações marcadamente assimétricas, desde o gênero, a etnia, a classe e outras.

Por outro lado, de maneira permanente, estes processos de discriminação étnica também estão articulados à discriminação de gênero e de classe. Nesse sentido, uma das mulheres intelectuais mayas na Guatemala, que tem trabalhado as relações íntimas que se dão entre o racismo e o machismo é Aura Cumes, que as desenvolve claramente em seu trabalho sobre *“Machismo y Racismo: Dos formas de naturalizar las opresiones y desigualdad.”* Neste trabalho, a autora faz uma reflexão que se ajusta, plenamente, ao que estamos considerando como parte para análise da problemática que estão submetidas permanentemente as mulheres indígenas.

¹⁸ Convenção 169, da Organização Internacional do Trabalho (OIT) ratificado pelo Estado guatemalteco em Junho de 1996.

El racismo y el machismo, (...) no actúan solos sino se articulan con otros procesos mayores que les dan efectividad y legitimidad. (...) Estos fenómenos no pueden menospreciarse como simples conductas cotidianas sin trascendencias, pues están insertos en las estructuras sociales y consolidan sistemas de dominación. (...) En concreto, esta reflexión se basa en algunas formas en que las mujeres mayas experimentan actitudes racistas y machistas en la vida cotidiana y particularmente en espacios como “la calle”. Me apoyo en la vivencia compartida con mujeres mayas, en la observación empírica y en la vivencia propia. Todo ello para intentar comprender cómo y por qué el racismo y el machismo se convierten en mecanismos efectivos para legitimar, consolidar y hacer incuestionables la opresión y la desigualdad (CUMES, 2006, p.20)

Continuando com esta linha de pensamento, cito a outra das intelectuais maya-Q'echí' que trabalhou fortemente o problema do racismo e do machismo na Guatemala antes de morrer no ano 2007. Ela é *Amanda Pop* que em seu trabalho sobre “Racismo y Machismo en La Dinámica de Opresión” manifiesta que:

Tanto el machismo como el racismo se les considera fenómenos porque en el proceso en el que se establecen se manifiestan y cuando se les estudia no proceden de un solo mecanismo u origen, o sea que no tienen una sola explicación, ni tampoco se les puede ubicar determinadas manifestaciones ni efectos, es por eso que también se les considera dinámicos y complejos, porque sufren mutaciones en la interacción social. En la dinámica de opresión puede uno de los fenómenos, sobreponerse o prevalecer sobre el otro, como también entremezclarse entre sí, que dependerá de las circunstancias, de las percepciones, de acontecimientos predominantes, con quienes se está interactuando o de quiénes sé esta hablando, etc. (POP,1998, p.1)

Depois de analisar tanto os argumentos das protagonistas como as abordagens das duas intelectuais mayas, sobre o problema do racismo e machismo na Guatemala. Assim como seus efeitos na vida das pessoas e na vida concreta das mulheres mayas. Também é importante trazer aqui o imenso potencial de rebeldia, resistência e transgressão manifestado pelos povos indígenas e, em especial, destas mulheres através da história. Este potencial promove a mobilização política e social dos povos e, no caso estudado, destas intelectuais mayas que procuram em todas as suas ações a construção de relações equitativas no campo político, econômico, social, cultural e intelectual. Tais relações podem ser observadas em seus processos subjetivos e objetivos como pessoas, no âmbito individual e também como parte da coletividade. Mudanças que vêm sendo capitalizadas, tanto pelas protagonistas quanto pelas famílias e outras coletividades, ainda que, em alguns casos, essas mudanças objetivas e subjetivas possam ser objeto de densas críticas e ocasionar tensões dentro e fora do contexto familiar.

RELAÇÕES DE PODER DESDE A INTIMIDADE DA CLASSE

Na tentativa de continuar com a lógica trabalho, neste momento faremos uma análise desde as relações diferenciadas pela classe visto que estas fazem parte deste estudo. Na Guatemala, por ser um país construído depois da colônia com uma lógica dependente do sistema capitalista-neoliberal, sua economia tem estado subordinada à agro exportação, (café, açúcar, algodão, e outros produtos agrícolas) e atualmente depende grandemente das remessas de dinheiro enviadas pelos guatemaltecos e guatemaltecas que moram nos Estados Unidos. Neste contexto, as relações assimétricas de poder estão baseadas em uma relação desigual entre os que possuem os meios de produção e

quem não os possui; porque como o manifesta Foucault (1995), o poder está sempre dependendo da economia, recebendo suas finalidades e funções, sua razão de ser destina-se a fazê-la funcionar.

A maioria da população guatemalteca mora nas áreas rurais e são, majoritariamente, indígenas e mulheres que vivem em condições de pobreza ou extrema pobreza. Assim, é evidente que a sociedade guatemalteca encontra-se atravessada pelas relações de classe, que vêm marcando profundamente a vida dos guatemaltecos e, especialmente, das guatemaltecas. Quanto a esta questão, não podemos esquecer que, de acordo com Marx e Engels, “a história da humanidade tem sido a história das lutas de classe.”

Por outro lado, Rodolfo Stavenhagen, em seu livro “*Las clases sociales en las sociedades agrárias*”, manifesta que:

Las clases, por lo tanto no sólo constituyen elementos estructurales de la sociedad, sino, sobre todo, agrupamientos de intereses político-económicos particulares, los cuales en circunstancias históricas específicas, adquieren conciencia de si mismos y de estos intereses, y tienen la tendencia de organizarse para la acción política con el objeto de conquistar el poder del Estado” (STAVENHAGEN, 1969, p.31)

O Estado guatemalteco historicamente tem sido representado pelos interesses das classes dominantes, elites hegemônicas que vêm influenciando nos processos históricos de uma forma dinâmica e permanente, a través do poder político e econômico que possuem. Estas classes na Guatemala estão representadas em todos os níveis de participação, “*tem consciência de si mesma e de seus interesses, assim como sua “missão” histórica.*” (STAVENHAGEN, 1970, p.36).

Nesse sentido, uma das entrevistadas coloca-se frente a esta questão, dizendo:

Yo creo que en Guatemala difícilmente hay un sujeto social definido, a no ser que sea el sujeto social clase dominante, porque allí esta claro los unen ciertos intereses y aunque se peleen esta clara su apuesta política, su visión de país, noción de que futuro quieren y tienen los medios para hacerlo. (Adela)

Depois de revisar todos estes elementos, fica claro que a essência deste problema que vem afetando a vida dos e das guatemaltecas tem a ver com o sistema capitalista e suas diferentes expressões. Além disso, também é uma das bases fundadoras da problemática da exclusão e discriminação na Guatemala, já que o fenômeno das classes sociais atravessa de maneira similar ao gênero e à etnia, todas as relações nas quais as pessoas vêm sendo imersas.

No que se refere a identificar com clareza a origem destas relações na Guatemala, parece-me oportuno colocar aqui o que manifesta Jean-Loup Herbert em *Guatemala uma Interpretación Histórico Social*: no qual em sua conclusão ele estabelece que:

La apropiación de los medios de producción hasta el monopolio, el antagonismo, la conciencia de clase dominante, la ideología, en fin la **Relación ladina/ “indígena” constituye una “RELACIÓN DE CLASE”**. (JEAN-LOUP, 1995, p. 111) grifo meu

Por sua vez, Guzmán-Böckler em seu livro *Colonialismo y Revolución (1975)* afirma que na Guatemala, a distribuição da riqueza, o espaço que pode-se ocupar quanto ao poder está relacionado diretamente com o pertencimento racial. Esta é a realidade por onde as

interlocutoras transitam permanentemente. Por outro lado, o trabalho de Severo Martínez Peláez em sua obra *La Patria del Criollo*, também, nos ajuda com vários elementos para entender melhor a realidade das classes na Guatemala quando escreve que:

La colonia fue la formación y consolidación de una estructura social que no ha sido revolucionada todavía, y a la que pertenecemos en muy considerable medida. (...) La realidad colonial es nuestra realidad más honda. (...) Justamente el hecho de que la mitad de los guatemaltecos sean todavía indios constituye el más voluminoso elemento de juicio para afirmar que la realidad colonial pervive en nosotros. Si a eso se agrega que el latifundismo y la explotación de esos mismos indios sigue siendo el soporte principal de una minoría dominante de terratenientes (...) entonces se entenderá por qué decimos que la estructura colonial no ha sido transformada revolucionariamente. (Martínez-Peláez, 1994, p.574)

É certo que estes autores não incluem o enfoque de gênero, e suas arguições estão ao redor da classe e da etnia, mas é lógico que nestes processos as mulheres e suas vidas estiveram imersas. Neste diálogo, tanto Adela, como os autores mencionados, estabelecem com clareza que o processo de construção das estruturas do poder na Guatemala foi edificado sobre a exploração e morte dos povos indígenas, estabelecendo as históricas relações assimétricas entre indígenas e ladinos, pobres e ricos, homes e mulheres. Assimetria que vem afetando negativamente a vida quotidiana das minorias, ainda que seja a maioria da população do país e, nesse sentido, estou referindo-me aos indígenas, às mulheres e aos pobres.

Novamente temos que fazer uso, tanto dos dados históricos, quanto dos antropológicos e sociológicos no que se refere à vida da sociedade guatemalteca, já que a análise e a interpretação dos processos econômicos e políticos da colonização e neocolonização devem ser trazidas para entender como é que objetivos ideológicos destes sistemas persistem e mantêm as populações indígenas, as mulheres e os pobres em total exclusão, porque: *“A 500 años del inicio de la invasión española a América, nos encontramos en Guatemala en medio de una fuerte confrontación de clases”*. (CAMBRANES, 2004, p. 11).

Embora os antecedentes mais próximos deste **“sistema perverso”** possam ser localizados no século XIX, estes têm suas raízes no processo de criação dos grandes blocos econômicos, que surgiram desde o século XVI, quando os europeus iniciam a invasão e a colonização, com o objetivo de apoderar-se das riquezas materiais e humanas encontradas no novo mundo e na Guatemala, estabelecendo assim as bases do sistema capitalista da produção.

Queda Claro que a partir del desarrollo histórico generado por la Revolución Liberal de 1871, la contradicción fundamental en la formación económica y social guatemalteca era la de la clase (explotadores e explotados). Con ello, la problemática fundamental para el indígena no era el hecho de ser discriminado o poder ser despojado de “su cultura”, sino el que era explotado. (TARACENA, 2004, p. 255)

É neste quadro histórico podemos localizar a situação política da Guatemala no século XX. Época em que, segundo vários autores, pela confrontação entre Estados Unidos da América e a União Soviética, os processos econômicos, políticos e sociais polarizam-se, ostentando a

violência de norte a sul e vice-versa. Os Estados Unidos com seu discurso anti-imperialista invade vários países, entre eles, a Guatemala, provocando guerras fratricidas que deixam uma marca brutal na vida das pessoas: a destruição do meio ambiente e as economias em colapso.

A lógica do sistema neoliberal atualmente é conhecida como um processo homogeneizante e que vem modificando a divisão internacional do trabalho e acentuando as relações de interdependência com uma marcada assimetria. Estas recomposições dos momentos históricos, políticos, sociais e econômicos vividos internacionalmente também afetam nosso país, visto que o fortalecimento dos direitos da propriedade privada, o enfraquecimento do Estado e a supremacia do mercado fazem parte da construção e estruturação dos sistemas de segregação impostos pela violência na Guatemala. Analisando estes eventos, concordo com o pensamento de Foucault, (1992) quando diz que:

Los elementos fundamentales que hacen posible la guerra y aseguran su mantenimiento, su prosecución y su desarrollo, son individualizados muy rápidamente. Más que de conquista y de esclavización de una raza por parte de otra, se habla de pronto de diferencias étnicas y de lengua; de diferencias de fuerza, vigor, energía y violencia; de diferencias de ferocidad y de barbarie. En el fondo, el cuerpo social está articulado en dos razas. (FOUCAULT, 1996, p.55).

Esta lógica de poder exercida no país pelas diferentes estruturas econômicas, políticas, sociais e culturais, na visão das interlocutoras, dos autores e autoras consultadas, e também desde meu ponto de vista, não se reduz à Guatemala, mas está ligada a vínculos permanentes e

fortes, bem como a um sistema global que propõe e sustenta as desigualdades e assimetrias, as mesmas que se concretizam na vida local das pessoas em diferentes lugares do mundo. Como explica Stavenhagen: “*Los procesos de cambio, que comenzaron con la extensión del capitalismo, han modificado las estructuras agrarias y las características de las poblaciones rurales*”. (STAVENHAGEN, 1970, p.79)

Por outro lado, “*La crisis es, también, un tiempo de creación, ya que los actores sociales se ven impelidos a intentar nuevas prácticas y a buscar referentes de interpretación de la realidad para orientar sus acciones.*” (AVANCSO, 1997: p. XI). E aqui é importante apresentar como estes processos se dão na vida das famílias e das protagonistas. É certo que a maioria de nossas interlocutoras nasceu nas áreas rurais do país e suas condições econômicas eram de pobreza ou extrema pobreza. Esses processos econômicos das famílias viram-se afetados por diversos fenômenos, tais como a guerra, a migração, a descampesinização, e outras questões que são reconhecidas claramente por Aury, quando diz que:

*Yo creo que las condiciones para que nosotros llegáramos a ser lo que somos, o tener lo que tenemos es en primer lugar, **migrar a un área urbana a donde había escuela a nuestra disposición, segundo descampesinizarnos y tercero esconder varias de las prácticas culturales, para las que la vida cotidiana no tenía un funcionamiento.*** (Aury)

Por outro lado, e referindo-se ao mesmo tema, Taracena, em seu livro: *Etnicidad, Estado y nación en Guatemala, 1944-1985*, explica.

El esquema de las clases sociales en Guatemala comprendía a la clase burguesa y a la clase proletaria. (...) Como miembros de la clase proletaria, el jornalero temporal, el cuadrillero de las plantaciones algodoneras (...) y el campesino sin tierra. (...) Así, mientras la capa social de los campesinos minifundistas se movía en el marco de una economía mercantil en descomposición creciente, la de los campesinos jornaleros seguía siendo requerida estacionalmente en diversos lugares por la construcción de infraestructura, la extracción minera y las actividades agrícolas de exportación. (TARACENA, 2004, p. 258)

Tanto a análise de Aury quanto a referência de Taracena ajudam-nos a entender as mudanças estruturais em matéria econômica das famílias das entrevistadas; transformações que afetariam também suas relações sociais e que ficam evidentes nos testemunhos que seguem.

Vivimos una pobreza grande, recuerdo que nuestra alimentación era de café, tortilla y chile. (...) Por lo caro cuando era niña no me vistieron con mi traje tradicional. (...) Creo que tenía 7 u 8 años cuando salí a trabajar por primera vez, lavaba ropa y cuidaba niños y niñas y me pagaban Q. 0.50 ó un quetzal o solo me daban mi comida. (Elizabeth)

Mi papá es de la generación de los primeros promotores bilingües, empezó a ser profesor desde los 14 años y mi mamá ha sido comerciante desde que era jovencita. Mi papá se jubiló a los 41 años y desde entonces los dos son comerciantes. (Margarita)

Mi papá después de salir del ejército aprendió el oficio de sastrer, ese trabajo fue el que nos dio de comer. El oficio de la sastrería le permitió desligarse de ser

campesino. Yo creo que si mi papá hubiera optado por ser campesino como mis tíos, nosotros estuviéramos como mis primos, que no tuvieron la oportunidad de ir a la escuela. (Aury)

Mi papá era zapatero y de eso se ganó la vida todo el tiempo, antes de que yo naciera también trabajó como jornalero de una finca. Mi mamá trabajó en oficios domésticos y después aprendió a coser en máquina y toda su vida fue costurera. Aprendió a coser cortes y toda la ropa que usan las mujeres Pocom¹⁹. La primera que cosió para otras mujeres indígenas fue mi mamá. (Adela)

Mi papá desde un inicio fue jornalero luego aprendió sastrería, carpintería y hojalatería y hace 20 años comenzó hacer silos metálicos para guardar maíz. Es el único artesano que hace este trabajo en Patzún, ahora es reconocido por este trabajo dentro y fuera de nuestro pueblo. Mi mamá trabaja en la casa, pero también es organizada en diferentes grupos, trabajó como tejedora. Su don es curar mujeres, atender partos ella entiende de medicina natural y tiene una clínica en casa donde combina medicina natural con la biomedicina. (Marta)

Mi papá antes de casarse era comerciante de sombreros de palma en el mercado local, pero también se iba a vender a Esquipulas y como no tenía recursos se iba a pie, a más de 200 kilómetros de distancia. Mi bisabuelo le heredó tierra, y sin ese recurso mi papá no habría podido mandar a mis hermanos fuera de Xesic. Después de la guerra, sin la tierra nosotros no hubiéramos podido seguir, el hecho de volver a

¹⁹ Los Pocomchies, o mesmo que os Pocomames, são um povo descendentes de um mesmo tronco, os "nem pogom". É provável que os "nem pogom" dominaram o centro da Guatemala uns 20 séculos antes da época fundadora de Kaminal Juyú. No século XVI, o território Pocomchi' era tão grande que compreendia desde San Cristobal Verapaz até o Panzos e desde Chama até Santa Ana Petén.

sembrar maíz y frijol en nuestra propia tierra hizo una diferencia. (Azucena)

Mi mamá antes de venirse para la capital era cocinera de los curas de la Sagrada Familia, curas que fueron asesinados en la iglesias de San Miguel Uspantan durante la guerra, en la capital ella trabajó siempre en casas particulares. (Saqbe´)

Mi papá siempre trabajó en la tienda era comerciante y allí esta todavía. La otra cosa fue que murió mi tío Alberto y mi papá quedo como único heredero y tubo que quedarse trabajando también en el terreno. Luego el tuvo la oportunidad de comprar un terreno grande en el centro del pueblo. (Emma)

Mi papá es maestro desde hace 30 años y mi mamá en el trabajo de la casa (...) sin embargo antes de ser maestro mi papá tuvo una vida muy dura trabajó en varios lugares, apoyaba el trabajo de su papá vendiendo ropa en Huehuetenango a donde tenía que viajar a pie, a veces caminaba hasta siete días. (Ixkik)

Mi papá era campesino pero también trabajaba por la comunidad, después que fuera asesinado, mi mamá y yo nos quedamos trabajando la tierra sembrando frijol, maíz y sandilla y luego los vendíamos en el mercado. Luego tuve que huir del pueblo a una ciudad de la costa sur y trabajé en una tienda y desde allí enviaba dinero para mi mamá y mi hermano. (Flor de Copal)

Ainda que as primeiras gerações destas famílias fossem camponesas, as transformações econômicas e sociais que culminaram na descampesinização dos grupos familiares das protagonistas, facilitaram os processos educativos que as interlocutoras alcançaram. Formação que na maioria dos casos tem incrementado suas condições econômicas, as mesmas que já tinham iniciado transformações e que atualmente vêm constituindo-se em uma pequena e emergente elite de

intelectuais com condições de vida diferentes que a maioria de mulheres indígenas da Guatemala.

Além disso, é importante registrar aqui, que dentro dos povos indígenas também conta-se com diversas elites econômicas e intelectuais, as quais vêm fazendo parte da sociedade e dos povos indígenas da Guatemala, e que pelo fato de terem recursos econômicos que lhes diferenciam da maioria da população maya, é evidente que a sociedade indígena também está constituída em classes econômicas, as mesmas que também estão separadas por abismos profundos.

AS MULHERES: UM DOS ÚLTIMOS ELOS DA CADEIA DO PODER. O PRIMEIRO DA RESINTÊNCIA

Considero importante, na parte final deste capítulo, apresentar de forma resumida, a situação mais geral das mulheres da Guatemala e como estas têm encontrado, nos processos organizacionais e políticos dentro do movimento guatemalteco de mulheres, diversos instrumentos para reforçar a sua resistência e a luta por seus direitos. Por outro lado e desde uma ótica crítica, compreender por qué as mulheres indígenas, embora sendo a maioria, ainda não sejam as representantes nacionais ou as vozes mais significativas deste movimento? E como estas têm sido recebidas nestes espaços de luta das mulheres?

Referindo-se aos processos das mulheres guatemaltecas em geral, já se conta com inumeráveis estudos, os quais têm sido feitos tanto por feministas e antropólogas como por outras cientistas sociais e de outras áreas, assim como por instituições governamentais e de caráter internacional. Nesse trajeto, aparecem variáveis constantes e permanentes, que estabelecem que a condição, posição e situação das

mulheres na Guatemala são de extrema vulnerabilidade e que continuam sendo colocadas como uns dos últimos elos da “cadeia do poder”. *“Guatemala se caracteriza por enormes brechas y exclusiones históricas por la pertenencia étnica, de clase, de lugar de residencia y de género.* (PRIMER INFORME DEL FORO NACIONAL DE LA MUJER, 2002: p.73). Por outro lado Ana Silvia Monzón afirma que:

En la Sociedad guatemalteca, moldeada por siglos de colonialismo, racismo y sexismo han prevalecido, durante la mayor parte de su historia, el autoritarismo y la exclusión económica y política, sostenidas por una cultura de violencia que ha permeado las relaciones sociales. (MONZÓN, 2002, p.8)

É por isso que as relações de poder, nas quais as guatemaltecas vêem-se imersas quotidianamente são assimétricas; desigualdade que impacta sua vida concretamente, tanto no âmbito privado como no público: *“Las relaciones sociales de dominación y de explotación instituidas entre los dos sexos se inscriben así, de modo progresivo, (...) que conduce a clasificar todas las cosas del mundo y todas las prácticas (...) a la oposición entre lo masculino y lo femenino”.* (BOURDIEU, 2000, p.45)

Embora as mulheres na Guatemala sejam sustentadoras da grande parte da economia do país, e a quem foi imposta a responsabilidade da transmissão dos valores culturais, contudo como afirmam os dados do PNUD-SNU *“estas hás sido relegadas históricamente a una segunda clase, como producto de la exclusión política, económica y social”.* (PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO, PNUD 2003). Além disso, elas

são umas das principais vítimas do genocídio e as violências que sofrem diariamente elevam as estatísticas da barbárie do feminicídio²⁰. Ademais as mulheres: “*sufren de altos niveles de desnutrición, altas tasas de mortalidad materna, tienen serios problemas en el ejercicio de sus derechos sexuales y reproductivos y viven en condiciones de extrema pobreza, situación que se agrava, si estas son indígenas.*” (PNUD, 2003).

É importante sublinhar que as condições em que vivem as mulheres na cidade são de extrema vulnerabilidade, mas que são agravadas quando elas moram nas áreas rurais, onde: “*aún existen casos de mujeres que no poseen documentos de identidad, algunas incluso, no han sido inscritas en El Registro Civil*²¹ (es decir, no existen legalmente)” (MONZÓN, 2002, p.9).

Segundo a “Encuesta Nacional de Condiciones de vida principales resultados” (ENCOVI, 2006), o analfabetismo está associado ao gênero, ao grupo étnico e à área em que habitam, visto que 31.1% das mulheres indígenas que moram nas áreas rurais não sabem ler nem escrever, pelo que se considera que *ser mulher indígena em áreas*

²⁰ Feminicídio é o conceito que explica: “la muerte violenta de las mujeres por su condición de género y que se ha posicionado hace varios años en el discurso de las feministas de América Latina y, particularmente en países como Guatemala, los grupos de mujeres comenzaron a utilizar esta categoría para argumentar que los crímenes contra las mujeres son un problema social, no como lo expone la lógica patriarcal que enuncia que son asuntos privados.” (Patricia Borrayo, 2007: P.9)

²¹ Instituição governamental que tem como responsabilidade registrar o nascimento dos cidadãos guatemaltecos, para que no futuro tenham seus documentos de identidade, os quais lhes creditam direitos como cidadãos.

rurais é o maior “fator de risco” para não ter oportunidade de educação.

Neste sentido, a maioria das mulheres, indígenas e pobres são as mais vulneráveis e marginalizadas da sociedade. Sendo que 55.6% da população pobre na Guatemala é composta por indígenas e 51% destes são mulheres. Isso evidencia que ***o perfil de desenvolvimento das mulheres guatemaltecas está determinado por: seu gênero, seu pertencimento étnico e sua capacidade econômica.***

SEM MEDO A CONTINUAR DESCONSTRUINDO AS OPRESSÕES

Minha hipótese de trabalho é que a emergência das diversas práticas discursivas das mulheres, em geral na Guatemala, mas em particular destas dez intelectuais mayas, com as quais trabalhei também têm vários antecedentes, uma vez que estas práticas não emergem por si mesmas, mas estão ligadas a processos de desconstrução individuais e coletivos. Ainda que não estejam na consciência das pessoas, tem a ver com as rupturas e novas propostas de vida das mulheres, que já vêm se suscitando há várias gerações, através de diferentes movimentos sociais. Merece um especial destaque o movimento das mulheres e as diversas correntes e movimentos feministas que surgem no continente Latino Americano nos inícios do século XX.

El antecedente más inmediato, aún presente en la memoria, lo constituyen las luchas y movilizaciones ocurridas en los distintos países entre las décadas de 1930 y mediados de 1950, cuando accedieron a los derechos políticos e igualdad de condiciones que los hombres. (...) Estas acciones vuelven aparecer en la mayoría de los países marcados por gobiernos dictatoriales de gran autoritarismo y represión

(...) en el que las distancias sociales, étnicas e económicas son muy marcadas (DE BARBIERI Y OLIVEIRA, 1986, p. 6)

Particularmente, no que se refere ao movimento das mulheres guatemaltecas, Ana Silvia Monzón, na sua tese de mestrado, estabelece que este processo: “*tuvo sus inicios a finales del siglo XIX, mismo que aparece al rededor de la Teosofía, una red intelectual en América Latina, que debatía sobre las necesidades de las mujeres*”. (MONZÓN, 2002, p.15)

Além disso, a autora enfatiza os processos organizativos das mulheres trabalhistas e outros acontecimentos que foram constituindo o movimento das mulheres na Guatemala. Hoje este movimento conta com a participação de mulheres mestiças, indígenas, garifunas²² e xincas,²³ assim como intelectuais, trabalhadoras sexuais, profissionais, lésbicas, trabalhadoras das maquilas²⁴ e integrantes de diversas comunidades como: estudantes, mulheres idosas e outras.

Porém, este *boom* de organizações e movimentos de mulheres e feministas na Guatemala, sem dúvida nenhuma, está ligado ao contexto

²² Garifunas, é a comunidade afro- guatemalteca que depois de duzentos anos fazendo parte da sociedade guatemalteca, só foi reconhecida como tal em 1996, depois de firmados os acordos de paz.

²³ Xinca é uma étnia ameríndia, quase extinta que se situava em America Central no que é hoje Guatemala e El Salvador.

²⁴ Maquila, ou Maquiladora são plantas industriais onde, confeccionam-se produtos manufaturados que mais tarde serão exportados. Na Guatemala estas fábricas empregam principalmente mulheres e homens, que vêm preferentemente das comunidades indígenas das áreas pobres e marginais do país. Este fenômeno já é um fato em muitos países do mundo, onde é conhecido por diferentes nomes. Porém, tem em comum a violação dos direitos dos trabalhadores.

internacional, no qual vinham sucedendo eventos de muita importância, e que promoveriam grandes mudanças na vida das mulheres ao redor do mundo. Tais como: as quatro conferências internacionais da mulher, promovidas pelas Nações Unidas, e em especial a de Pekim (1995), também a Convenção Interamericana para prevenir, sancionar e erradicar a violência contra as mulheres, (Convenção de Belém do Pará).

Vale a pena mencionar que o século XX tem sido reconhecido como “o Século das Mulheres” devido à relevância do protagonismo alcançado por elas, o aparecimento do modelo teórico e uma nova filosofia chamada feminismo, assim como sua concreta luta pelo poder, incursão na vida social, política e econômica, situação que lhes fora negada sempre.

Em contradição, este momento histórico marcado pelas políticas neoliberais e o sistema de livre comércio, também, foi caracterizado pelas guerras, massacres, incremento das diferenças econômicas, sociais, étnicas, desigualdade, e injustiça de todo tipo. E alguns dos fenômenos que afetaram negativamente a vida das mulheres no século passado, e foram legados para esta nova era são: a feminização da pobreza, o feminicídio, o tráfico de mulheres, especialmente, da América Latina e Ásia para Europa, o uso das mulheres como “mulas” para o tráfico de drogas, o negócio lucrativo da pornografia e a pornografia infantil, o trabalho escravista das mulheres nas “maquiladoras”- fábricas que se encontram de norte a sul e de sul a norte do globo terrestre. Isso para mencionar alguns dos problemas mais evidenciados pela luta das mulheres.

Contudo, a prática política feminina tem sido promovida pelas mesmas mulheres e a sua luta contra a discriminação de gênero, abrindo novos espaços de participação, os quais eram reservados historicamente para os homens. Neste trajeto tem que se reconhecer que um dos momentos mais importantes de crescimento e expansão deste movimento, na Guatemala, deu-se nos últimos anos, no marco da negociação da assinatura dos Acordos de Paz.

1994 hasta 1999 se distingue por un salto cualitativo en la conciencia y accionar de las mujeres, en un período en el que confluyeron simultáneamente tres situaciones: el fin del conflicto armado, la firma de los Acuerdos de Paz y la postguerra. Estas configuran a la vez, un clima de apertura y de confianza en los cambios propuestos en el espíritu y la letra de los Acuerdos.” (PRIMER INFORME DEL FORO NACIONAL DE LA MUJER, 2002, p.69)

Os acordos de Paz negociados na Guatemala entre o governo guatemalteco, o exército e a guerrilha de 1985 a 1995, como já foi mencionado anteriormente, foram assinados em 26 de dezembro de 1996. Os referidos acordos apresentavam, em teoria, a oportunidade de encaminhar a sociedade guatemalteca, depois de uma guerra de mais de três décadas, para dentro de um processo democrático, com mais justiça e, inclusive, respeito aos direitos humanos e uma melhor distribuição da riqueza para a contribuição de um desenvolvimento de toda a população.

El proceso de firma del os Acuerdos de Paz, que culminó en diciembre de 1996 con la firma de los Acuerdos de Paz Firme y Duradera, constituyó un momento de la historia en el que se vivió la posibilidad de sentar las bases para

una sociedad distinta en el futuro. (ARENAS, 2009, p.1)

Tentando alcançar as metas estabelecidas durante os últimos anos da negociação destes acordos, as mulheres fizeram parte da Assembléia da Sociedade Civil. Esta foi uma instância que aglutinou vários setores da população, com o objetivo de: trabalhar sobre as propostas dos acordos e garantir no conteúdo destes instrumentos políticos, a inclusão das problemáticas específicas dos diferentes setores da população guatemalteca. “O setor das mulheres” foi um espaço político que nesse momento contava tanto com o respaldo de diversas organizações de mulheres quanto de ativistas no individual.

El Sector de Mujeres, creado en 1994 conformado por mas de 40 grupos de mujeres ladina, indígenas, garífunas y xincas, coadyuvó a la inclusión de las necesidades e intereses de las mujeres, tanto en el debate al interior de la Asamblea de la Sociedad Civil, como en la agenda de las negociaciones, en los textos de los Acuerdos de Paz y posteriormente en su cumplimiento. (PRIMER INFORME DEL FORO NACIONAL DE LA MUJER, 2002: p.69)

No espaço da Assembléia da Sociedade Civil, as mulheres tiveram que enfrentar relações desiguais de poder, no meio de um discurso que pelo momento histórico que se vivia, obrigava os homens a incluir as mulheres, mas na prática, estas eram discriminadas nas suas propostas e argumentação.

Por otro lado quienes dirigían la Asamblea y los integrantes de otros sectores recibieron con escepticismo el planteamiento de las mujeres de constituirse em un grupo específico, con el argumento de que “las mujeres ya estaban en

otros sectores como el sindical y popular” y que “ir solas” sería dividir el movimiento. Contra todas estas presiones, las mujeres constituyeron un sector donde convergieron diferentes grupos, quienes, durante el proceso de la elaboración de propuestas para dar contenido a cada uno de los Acuerdos de Paz, (...) donde las mujeres plantearon sus necesidades, intereses y demandas, tanto tiempo postergadas. (PRIMER INFORME DEL FORO NACIONAL DE LA MUJER, 2002, p.15)

Somente a decidida participação das mulheres, a militância, seu compromisso com o resto das mulheres e o apoio permanente das diversas expressões do movimento tornaram possível a inclusão feminina no conteúdo dos acordos de paz. Esta inclusão marca um antecedente pois pela primeira vez no mundo, em uma negociação de paz, as mulheres conseguem ser incluídas em um acordo. Embora não tenha sido um acordo específico para as mulheres, conta-se com vários compromissos especiais para elas. O Acordo sobre Aspectos Socioeconômicos e Situação Agrária, hoje, é conhecido como o “Acordo das Mulheres” pelo fato de ter compromissos em favor deste grande segmento da população.

A participação das mulheres neste processo, como se menciona no Informe sobre os Avanços na Participação das Mulheres Guatemaltecas 1997-2001, foi importante em vários sentidos:

Marcaron un hito “en la participación de las mujeres en la resolución de los problemas nacionales, desde su propia y particular perspectiva, así como para el reconocimiento de la participación que siempre han tenido en el seno de la sociedad guatemalteca”. Por otro lado plantearon elementos conceptuales para “pensar” la democracia en términos mas

incluyentes y abarcando todos los espacios, desde el familiar hasta el público. (PRIMER INFORME DEL FORO NACIONAL DE LA MUJER, 2002: p.16)

Este momento histórico, acontecido há mais de uma década, se dá quando as mulheres de maneira organizada conseguem colocar no debate temas e problemas que vêm minando sua vida há muito tempo. São suas denúncias, demonstrações, propostas e negociações que fizeram com que a sociedade guatemalteca visualizasse de alguma forma a problemática enfrentada de maneira cotidiana pelas mulheres tanto na cidade como nas áreas rurais.

Entre outros, se reconheceu: a violência contra as mulheres, a falta de espaços de participação política; um sistema educativo sexista, um sistema de saúde discriminador, pela falta de atenção para as mulheres em suas diversas etapas de vida; e a falta de cotas de participação política. Também exigiu-se co-propriedade da terra, o reassentamento das povoações desarraigadas e das mulheres vítimas da guerra, respeito ao pertencimento linguístico e étnico, uma reforma educativa sem estereótipos sexuais e a institucionalização de políticas públicas para as mulheres.

En ese momento, las mujeres guatemaltecas se vincularon más ampliamente a los espacios regionales e internacionales como los Encuentros Feministas Centroamericanos y Latinoamericanos, las conferencias internacionales de Naciones Unidas y los Foros Alternativos. (PRIMER INFORME DEL FORO NACIONAL DE LA MUJER, 2002, p. 69)

Além disso, surgiram com maior força organizações de mulheres indígenas, garifunas e xincas falando de sua tripla

discriminação e lutando para serem escutadas nos diferentes foros públicos. Ao mesmo tempo, emergiram organizações com identidades que na Guatemala eram consideradas tabus, tais como: organizações de mulheres lésbicas, trabalhadoras sexuais, trabalhadoras domésticas, ex guerrilheiras, mulheres que se organizaram em torno de demandas específicas.

Neste momento, como parte dos compromissos exigidos pelas mulheres, obtém-se a instalação do Fórum Nacional da Mulher (FNM). Este espaço de participação foi integrado por representantes da sociedade civil, assim como também, de diversas instâncias do Estado. O FNM, em sua primeira fase, conseguiu aglutinar mais de cinco mil mulheres, que vinham de todas as partes do país e das diferentes comunidades lingüísticas, assim como de processos organizativos diversos. *“Asimismo, se dieron a conocer las mujeres xincas y las mujeres garifunas, quienes participan activamente en espacios como el foro Nacional de la Mujer.”* (PRIMER INFORME DEL FORO NACIONAL DE LA MUJER, 2002: p. 69).

Foi uma experiência única na América Latina, além disso, a mais participativa e inclusiva de toda a história do país. Esta instância promoveu em 1999, uma consulta em nível nacional sobre: as necessidades e propostas da problemática das mulheres guatemaltecas. Os resultados desta consulta foram utilizados para a criação da Política Nacional das Mulheres. Deste processo de luta e outros esforços, é que atualmente conta-se na Guatemala com diferentes ferramentas institucionais, legais e políticas públicas, tais como: a Defensoria da Mulher Indígena, a Secretaria Presidencial da Mulher, a Procuradoria da

Mulher, o convênio 169 da OIT, a Lei de Dignificação e promoção integral da mulher, a Comissão Presidencial contra o racismo e a Discriminação, os Conselhos de Desenvolvimento Urbano e Rural, a Reforma Educativa, entre outros. Todos estes instrumentos têm como propósito contribuir na tentativa de melhorar as condições de vida das mulheres guatemaltecas.

Mas pouco ia durar tantas expectativas levantadas em relação ao cumprimento dos Acordos de Paz. Uma vez que, nem os dez anos da presença da Missão de verificação das Nações Unidas na Guatemala, (MINUGUA), nem os milionários investimentos da cooperação internacional, nem todo esse número de instrumentos criados, nem mesmo a luta das mulheres e outros movimentos sociais conseguiram frear as atuais condições de violência, pobreza e morte que as guatemaltecas enfrentam no campo e na cidade.

Doze anos depois da tão ansiada assinatura, os dados estatísticos, as diversas avaliações feitas tanto pelas diferentes instâncias da sociedade civil, como organismos internacionais, assim como os resultados de diversas pesquisas, mostram-nos que os avanços, no que se refere aos compromissos estabelecidos nos acordos de paz em relação a melhorar as condições de vida das mulheres, são muito poucos. Pois elas ainda continuam sendo: as mais pobres, as mais desnutridas e o principal alvo da violência.

Nesse contexto neoliberal, o movimento social guatemalteco, também, sofreu um colapso, o qual tem um impacto direto na nossa sociedade e, o movimento de mulheres, devido a uma série de fissuras internas e outros fatores, debilitou-se. Embora se conte com numerosas

organizações de mulheres no campo e na cidade, o protagonismo alcançado há doze anos tem se reduzido. Nesse sentido Adela, uma de nossas entrevistadas tem a seguinte percepção:

*Actualmente el movimiento de mujeres en Guatemala esta aletargado, se mueve poco a lo mejor es una percepción equivocada. Si lo comparo con la efervescencia de la elaboración de ideas y propuestas para la época de los acuerdos de paz, era impresionante no sólo por calidad de lo que se producía sino la cantidad de mujeres que se involucraban y los procesos que se iban generando. Durante la firma y los primeros meses de implementación el movimiento era un actor muy visible, y ahora no tanto. (...) Creo que por un lado se fue especializando cierta parte del movimiento, de acuerdo a ciertos intereses estratégicos por ejemplo: expresiones feministas empezaron a trabajar sus agendas, igualmente algunas organizaciones de mujeres mayas empezaron a trabajar la parte política formal, sus agendas, puestos públicos etc. Eso para mi es un avance pero por otro lado si vamos a la parte masiva, muchas expresiones y personas se fueron desmovilizando y desmotivando, en gran parte por la lentitud e ineficencia de la aplicación de los acuerdos. Además las formas de represión se vuelven más sutiles, entonces empieza a aparecer como si fuera lo mismo la persecución política que la delincuencia común. (...) El asesinato de mujeres hay que verlo como lo que es, un fenómeno de represión dirigida directamente a mujeres por ser mujeres. **Pero (...) además, el hecho de que muchas mujeres lideresas se han institucionalizado, porque ser parte del aparato estatal prácticamente las inmoviliza, (...) pues el hecho de ser ahora la funcionaria de tal institución, implica que la lideresa que hay detrás de esa funcionaria ya esta callada.** (Adela)*

Situação similar é mencionada pela autora de Pão e Rosas, Adrea D'Atri, quanto ao movimento feminista internacional, e sua relação com o momento da débâcle econômica ocasionada pela queda

do muro de Berlim e todos os demais acontecimentos que surgiram depois desta. A autora estabelece que:

O movimento feminista começou sua transformação de “insurreccional” a “institucional”, partindo para a conquista de novos espaços nos regimes políticos, instituições do Estado, universidade, partidos burgueses e até nos organismos multilaterais de financiamento”. (D’ATRI, 2008, p.119).

Porém é importante também mencionar o ambiente adverso que atualmente vivem as mulheres em nível mundial, e em particular na Guatemala. Aqui fica claro que o sistema patriarcal está pretendendo recuar as mulheres a espaços privados e sob a tutela deste cruel sistema, no qual o feminicídio quotidiano é parte da estratégia.

RELAÇÕES DE PODER ENTRE AS MULHERES

Em nossa análise não se pode deixar de mencionar que, contraditoriamente, o movimento das mulheres e o feminista também estão permeados por relações de poder. Nesse sentido, temos que colocar sobre a mesa o que Ana Silvia Monzón chama de “tensões interétnicas entre as relações de mulheres na Guatemala”. Para tentar descrever esta problemática política social e sua complexidade, temos de considerar duas coisas: expor aqui o que Guzmán Böckler diz, vai nos ajudar para identificar a primeira, porque:

Al situar a una sociedad como la guatemalteca debe penetrarse directamente hasta sus elementos básicos; uno de ellos es el racismo. Y creemos no equivocarnos al afirmar que dicho elemento es definitorio y está inscrito en la base misma

de toda sociedad colonial. (GUZMÁN-BÖCKLER,1975, p.43)

Por outro lado, esta mesma constituição da sociedade guatemalteca, promoveu que o movimento de mulheres na Guatemala, desde seu início, tem sido conduzido majoritariamente por mulheres que não são indígenas, nem garifunas, nem xincas. Já que foram as mulheres brancas ou ladinas da classe poderosa que iniciaram a luta em favor das mulheres desde sua identidade de gênero. E que até hoje dentro deste movimento não se reflete.

Las preocupaciones étnicas, especialmente las discusiones sobre el racismo, no figuran dentro de la agenda del movimiento de mujeres y solo son incluidos marginalmente por la insistencia de las organizaciones de mujeres mayas”. (LÓPEZ, 2007, p.155)

Estas relações de poder entre as mulheres ladinas e as indígenas, evidentemente, têm causado certas fricções dentro do movimento das mulheres guatemaltecas. Nos últimos anos estas diferenças foram colocadas publicamente durante o processo da avaliação da Política da Promoção e Igualdade, e a eleição da nova Secretaria presidencial das mulheres. Estes processos acrescentaram as tensões já existentes, e constituíram-se em obstáculos importantes nas possibilidades da articulação de alianças entre as mulheres. Verônica Sajbin menciona em seu trabalho sobre: *Mujeres mayas y ladinas que:*

Una de las reflexiones necesarias sobre las relaciones entre mujeres étnicamente diferentes, son las tensiones que se dan entre ellas, (...) que en la mayoría de casos, las causas pueden ser condiciones constantes y determinantes del fenómeno del racismo y la discriminación. En

los testimonios de las mujeres mayas entrevistadas se pudo percibir que sus encuentros con las mujeres ladinas/mestizas han sido conflictivos tensos y complejos. (SAJBIN, 2007, p.128)

Os elementos encontrados nesta pesquisa, no que se refere às tensões que se vivem nas relações entre as mulheres indígenas e ladinas, especificamente no campo intelectual e no movimento das mulheres e feministas, estão registrados nas narrativas das entrevistadas, onde reconhecem que ainda o discurso das mulheres ladinas é mais reconhecido nos diversos âmbitos em que se expõe. Mas que isso tem relação com várias coisas, dentre outras como manifesta Marta: “*La experiencia de las mestizas comienza a desenvolverse mucho, mas antes que la nuestra.*” Nesse caso, deve-se lembrar que, ainda que as mulheres em geral não tenham um franco acesso à educação universitária, foram as ladinas quem se iniciaram nesse espaço da construção de pensamento político e intelectual. Para esclarecer o panorama tem que se evidenciar que os grupos étnicos imersos nestas tensões, claramente, são as mulheres indígenas e as ladinas. Neste sentido, Azucena argumenta que:

Aunque se continúe escuchando más el discurso de las ladinas, también es cierto que cada vez se tienen mas mujeres mayas escribiendo. Puede ser que no se escuche verbalmente la voz de las indígenas, pero su trabajo esta siendo utilizado como referencia bibliográfica para diversos estudios, donde se esta citando voces de mujeres mayas. Hablando em términos académicos, las mujeres ladinas continúan teniendo el reconocimiento. (Azucena)

Já desde sua experiência, Margarita manifesta que neste espaço tem-se claras relações de poder, pois se defendem campos específicos.

Yo he tenido algunas diferencias con mujeres muchas de ellas feministas, porque defienden un discurso de igualdad para todo el mundo y yo no me apoyo en ese discurso, pues yo me debo a una especificidad, me debo a una historia y no porque sea parte de un historicismo, es porque yo me quiero ver en esa historia, porque a mi me gusta verme en esa historia. En Guatemala, nos hace falta mucho el debate (...) hay mujeres que al ver cuestionadas sus propuestas no siempre lo ven como la posibilidad de llegar un encuentro y discusión de aprendizaje, sino generalmente llegamos hacer enemigas, porque no estamos preparadas para el debate. (Margarita)

Fica claro que existem fortes tensões entre as mulheres indígenas e as ladinas dentro do movimento das mulheres, o feminista e também no campo acadêmico intelectual. Estas tensões partem das diferentes concepções e posturas políticas quanto à constituição de suas demandas, que tem a ver com elementos de viés racista que produzem a falta de compreensão e solidariedade das mulheres ladinas quanto às necessidade das mulheres indígenas em afirmar sua identidade étnica através de suas demandas específicas. Estas demandas estão relacionadas ao fato, de que elas são mulheres com uma identidade étnica que tem sido excluída historicamente; mas que convergem com a luta das mulheres por pertencerem ao mesmo gênero. Por outro lado como o menciona Aura Cumes:

Nosotras las mujeres somos también herederas de luchas unidimensionales, luchas unitarias y quizás donde se prioriza una sola línea de la realidad para reivindicarlo pero sin embargo la misma realidad nos devuelve a pensar en que realmente las mujeres indígenas no tenemos una sola lucha, porque nos vemos oprimidas en un contexto patriarcal, racista y capitalista, un contexto étnico, que articula las múltiples formas de opresión. (CUMES, 2009, p.3).

Neste contexto também pode se destacar que a não inclusão da diversidade de lutas dentro destes movimentos, pode considerar-se como falta de visão política, pensando na possibilidade de enriquecimento e força que isso traria ao movimento das mulheres, às feministas e às intelectuais em geral. Em comunicação²⁵ com Ixmucane (nome fictício) uma das lideranças das mulheres mayas na Guatemala, me manifestou que:

*En relación al Plan de la Política Nacional de las Mujeres, hubo una discusión muy fuerte entre las ladinas y las indígenas. Porque las indígenas crearon ejes que tienen que ver específicamente con la vida de las mujeres indígenas y eso causo un conflicto grande, porque nos quieren “homogenizar.” Por otro lado las organizaciones de mujeres indígenas también están proponiendo y exigiendo tener: “**Equidad de Participación**” que significa: participar equitativamente con las mujeres ladinas en los proyectos y no ser más solo las “**befeciarías.**” (Ixmucane, 2009) Informação verbal*

Levando em consideração todos estes depoimentos, é importante verificar que as mulheres indígenas têm vários campos de lutas, os mesmos que pelas circunstâncias anotadas, também têm que ser trazidos para o interior dos movimentos sociais, políticos e acadêmicos, onde elas transitam:

²⁵ Falando com Ixmucane, uma das lideranças nacionais indígenas do país, sobre as tensões entre as mulheres indígenas e as ladinas ela se referiu ao problema como está registrado. Toda a conversação foi realizada pelo messenger. Usou-se o nome fictício de Ixmucane, a pedido da companheira.

Las mujeres mayas formulan sus propias propuestas donde lo étnico es fundamental, pero sin descartar el género. (...) La construcción de un proyecto propio de las mujeres mayas ha despertado la mirada inquietante de otros grupos de mujeres y especialmente del movimiento de mujeres. Éstas afirman que los espacios organizativos de las mujeres mayas son espacios cerrados y exclusivamente para mujeres mayas, pero en el movimiento de mujeres tampoco existe apertura. Aunque no esta expresamente circunscrito a una identidad en particular, el escaso tratamiento de la otredad lo constituye en un espacio homogeneizador de la diversidad, bajo el argumento de la división y fractura de la lucha de las mujeres. (LÓPEZ, 2007, p.154)

Apesar disso, é importante anotar que existem algumas iniciativas para começar diálogos ou pelo menos a discussão do tema. Nesse sentido considero importante registrar aqui algumas reflexões feitas por duas ativistas, uma indígena e uma mestiça, em um encontro realizado na cidade da Guatemala, na época em que estive fazendo meu trabalho de campo. Elas, em geral, reconhecem as tensões antes mencionadas e consideram que um dos desafios neste processo é aquele que tem a ver com o reconhecimento da diversidade das lutas, bem como a construção de diversas estratégias para trabalhar com elas. Em algum momento o movimento, tanto de mulheres como feminista, tem se encontrado frente a diversas e fortes complexidades: onde não se contam com elementos suficientes, como para enfrentar as distintas realidades e perspectivas, com as quais diariamente têm que se deparar. Kimy De León manifestou nesta conferência referindo-se à Marcela Lagarde que:

En el movimiento de mujeres, feminista y otros en Guatemala es importante buscar a otras mujeres y

dialogar con ellas, tomando en cuenta y respetando las diferencias culturales, ya que, para promover y hablar de la participación política y la represión debemos tomar en cuenta no solo la cultura patriarcal, sino también la caracterización del país. (DE LEÓN, 2009) Informação verbal

Por sua vez Aura Cumes manifestou:

Creo fundamental observar la heterogeneidad de la luchas de las mujeres, porque eso también nos obliga a repensar las estrategias, pero no para omitir la heterogeneidad. Esta nación guatemalteca se construyo en la homogeneidad, es una nación que dijo para ser guatemalteco se debe vestir y calzar a la española, ser practicante de la religión católica y ser propietario. La constitución de la nación negó la heterogeneidad de la población en general y la diversidad indígena. Pero eso no implicó que la diversidad desapareciera, ella esta presente. (CUMES, 2009) Informação verbal

Nesse sentido, é essencial identificar o problema, mas também, se faz necessário promover o diálogo e construir estratégias coletivas para a desconstrução das tensões étnicas dentro do movimento das mulheres guatemaltecas. E, dessa forma, assegurar relações de poder mais igualitárias, as quais permitam o compartilhamento da luta das mulheres, para melhorar as condições de vida de todas as guatemaltecas.

CAPÍTULO II

TRANSGRESSÃO E RESISTÊNCIA

No capítulo anterior, partindo das relações íntimas entre o gênero, a etnia e a classe, revelou-se o pano do fundo geral sobre o qual as histórias de vida das protagonistas vêm se desenvolvendo. Também identificamos particularmente como estas três grandes categorias articulam-se e afetam cotidianamente a existência destas profissionais tanto no espaço privado quanto no público. Por outro lado, apresentou-se o processo histórico e político do movimento das mulheres na Guatemala e parte de suas complexidades. Identificando a todos estes eventos como aqueles que, de alguma maneira, foram agenciando as mudanças e definindo as diversas práticas discursivas com aquelas que agora as interlocutoras identificam-se, porque acreditamos que:

Lo que existe, es el resultado de las acciones de mujeres y hombres que viven en una época específica. Son ellos quienes crean su realidad (material o inmaterial) en procesos de ruptura con lo existente al tiempo que apoyándose en ciertas continuidades. (GARCÍA-RUIZ, 2006, p.5)

Neste novo capítulo, o objetivo é fazer uma viagem dentro das profundas complexidades da questão étnica nacional da Guatemala, pela importância medular que ela tem na compreensão da conformação social do país. Partindo-se do pressuposto de que o fenômeno étnico é dinâmico mas se insere dentro das estruturas classistas, de gênero e outras. Por isto, esta realidade será revisada desde a perspectiva das mulheres, em especial das mulheres mayas e em particular das

protagonistas desta etnografia. Exploraremos os mecanismos da opressão social, cultural, política, econômica e ideológica os quais devem ser pensados de forma simultânea, já que é dessa mesma forma que eles atuam.

Para comprender como se expresa la realidad étnica en la formación nacional guatemalteca, hay que empezar por establecer cómo está conformada estructuralmente la nación y cuál es su contenido sociocultural. (BARILLAS, 1988, p.21)

Além disso, também tentaremos mergulhar nos fatos internos. Aqueles acontecidos dentro das famílias²⁶ de nossas interlocutoras, e especialmente os que têm a ver, histórica e pessoalmente, com as diferentes configurações delas como sujeitas sociais, intelectuais e políticas. Partindo de suas experiências individuais e coletivas assim como de suas diversas subjetividades. Porque como diz Foucault, “*a importância não radica em definir o momento quando aparece o sujeito, mas sim o conjunto dos processos pelos quais o sujeito existe com seus diferentes problemas e obstáculos.*” (FOUCAULT, 2004, p. 261). Por isso, tentaremos visibilizar os procesos de construção e desconstrução destas sujeitas sociais, as quais permanentemente encontram-se imersas em diversos conflitos, tensões e rupturas; os mesmos que foram permitindo o desenvolvimento de uma diferente forma de ver o mundo, assim como posicionar-se e reverter a história.

²⁶ O tema das famílias das interlocutoras serão tratados mais adiante neste mesmo capítulo.

TRAJETÓRIA E RESISTÊNCIA DOS POVOS MAYAS

Partindo de vários estudos antropológicos, sociológicos, dos relatos das protagonistas, dos dados anteriormente anotados, e colocando-os no tempo e na história. Pode-se mencionar que a trajetória e as diversas estratégias de resistência,²⁷ assim como as subjetividades e objetividades, tanto das interlocutoras como de suas gerações mais próximas; estão marcadas pelas diferentes rupturas e recomposições políticas, econômicas e socioculturais do país. Todos estes processos afetaram diretamente a vida e desenvolvimento dos povos indígenas da Guatemala. Nesse sentido, concordo com García-Ruiz quando estabelece que:

²⁷ Neste estudo utilizaremos o conceito de “Resistencia” desde a perspectiva foucaultiana, na qual se establece que: “El sujeto nace resistiendo y es, en esta capacidad de reacción, donde se constituye como tal, donde construye el tiempo de la experiencia. Se defiende, reacciona de mil y una maneras a las fuerzas que inciden sobre su cuerpo y sobre sí. La resistencia, entonces, es la capacidad de todo sujeto de reaccionar, de manera presente o virtual, de oponer una fuerza en sentido contrario a la acción que se ejerce sobre él.(...) El sujeto no sólo resiste a los embates del afuera, oponiendo una fuerza contraria y semejante a la que se ejerce sobre él, manteniendo su individualidad para ser y no perderse o abismarse en el exterior, sino que es capaz de utilizar esa fuerza que se ejerce sobre él deteniendo su paso y transformándola en energía que devuelve ahora hacia el afuera. No sólo es afectado por otras fuerzas sino que es capaz también de afectar el exterior. Es en la lucha, en el enfrentamiento, en la guerra, que el sujeto se prueba y se ejercita, donde se memoriza al acumular experiencia. Es en la lucha, en la guerra, donde se inscriben sus afectos y afecciones, el deseo y el placer. Las relaciones de poder se cargan de erotismo, la resistencia es cruzada por el goce y el placer. (Aquileana, 2007). Foucault, también afirma que: “Donde hay poder hay resistencia” (Foucault, 2000). É dizer, que: “la categoría ‘resistencia’ no debe entenderse sólo en su aspecto negativo sino que posee una positividad, que hace posible revertir y configurar nuevas relaciones de poder. En este mismo sentido Foucault se refiere a las resistencias a un poder cuyo objetivo es la determinación de las conductas como rebeliones de conducta o ‘contraconductas’ en tanto que movimientos que tienen a su vez como objetivo otra conducta, no simplemente el rechazo de la que se les pretende imponer.” (Luis Blengino, Sem data)

Nadie puede construir una existencia estabilizada si no tiene una conciencia clara de que su presente prolonga un pasado. La representación del pasado, en consecuencia es constitutiva no sólo de la identidad – la persona que está integrada por sus propias imágenes sobre sí misma- sino también de la identidad colectiva. En esta perspectiva la importancia que adquiere el origen es de particular importancia, ya que constituye el punto de partida (o en ciertos casos de llegada) de la memoria. En efecto individuos y grupos sociales tienen necesidad de adscribirse a un pasado, pues de ello depende su identidad. (GARCÍA-RUIZ, 2006, p.35)

Portanto, meu interesse não é só mencionar ou fazer uma lista dos eventos e rupturas acontecidas no decorrer do tempo. Senão, estabelecer como estes fatos constituíram-se em elementos importantes na constituição das diversas identidades das sujeitas sociais com as quais trabalhei, partindo da relação dialéctica entre suas subjetividades e as objetivações destas, nos diferentes contextos em que foram recriadas. Usarei os dados históricos como elementos para recuperar a visibilidade e as diversas contribuições das protagonistas deste estudo, e tal como o sugere Hardin (2000), tentarei recuperar as experiências das próprias mulheres como parte da estratégia metodológica. Assim como, fazer aportes na descrição dos fatos, desde a perspectiva das mulheres, tanto como apresentar uma interpretação mais ajustada à realidade vivida pelas mulheres indígenas na Guatemala.

Por estas razões, considero essencial colocar a informação que segue, já que poderia construir uma imagem mais clara da origem dos povos indígenas, aos quais as protagonistas pertencem, e mostrar os processos de resistência que vêm desenvolvendo-se através dos séculos.

También mostrar, que as famílias das interlocutoras, por serem integrantes de alguns dos povos indígenas mayas da Guatemala, fazem parte destes processos. Pelo que me parece oportuno, anotar aqui, de forma resumida, alguns dados historiográficos sobre as origens dos Mayas e outros momentos fundantes de nossa atual sociedade guatemalteca.

Contrariamente a lo afirmado sistemáticamente por la historia oficial, Jean-Loup ha demostrado que, al momento de la llegada de los conquistadores españoles al actual territorio de Guatemala, la población (...) se encontraba en un período fecundo de transformaciones tanto en el campo de la técnica como en el de la organización social, económica y política. (...) En esa época, el actual territorio de Centroamérica estaba poblado por cerca de un millón de habitantes, de los cuales la mayor parte se encontraba en Guatemala. Si bien se trataba de una población esencialmente dedicada a las tareas agrícolas bastante diversificadas, debe subrayarse que los centros urbanos, en su doble carácter de ciudad y de fortaleza, constituían verdaderos núcleos de poder político y de dirección de las actividades comerciales. A tal situación correspondía una organización social jerarquizada en base a la propiedad – tanto privada como comunal – de la tierra y de otros medios de producción y regulada por un sistema jurídico enlazado a los postulados básicos de una religión cosmogónica (...) Esta población, descendía del pueblo maya que, en los primeros siglos de la era cristiana, llegó a desarrollar, en las zonas bajas, selváticas y húmedas del Petén (Guatemala) y Yucatán (México), una sociedad bastante compleja, cuyas razones de disolución aún permanece en la penumbra y cuyos restos materiales aún se yerguen desafiantes, (...) este pueblo maya fue capaz de remontar su pensamiento a los más altos niveles de abstracción y generalización en

los campos de las matemáticas y de la astronomía; resolvió con originalidad los problemas de la arquitectura monumental; desarrolló las técnicas agrícolas que permitieron la construcción del llamado complejo maíz-frijol-ayote. (...) Ahora bien la población descendiente del pueblo maya, antes mencionado, habla hasta el presente lenguas de origen maya y en una medida, aún no esclarecida en toda su profundidad, conserva muchos de los elementos conformados del pensamiento maya, aun cuando las largas interrelaciones con otros pueblos hayan tenido influencias innegables. (GUZMÁN-BÖCKLER, 1975, p.12-13)

Depois desta breve introdução sobre o que se conhece sobre as origens da numerosa população maya, é obrigatório mencionar o período que representa a violenta chegada dos espanhóis na Guatemala. Neste momento, as mudanças dos mayas foram monumentais, porque passaram da condição de donos da terra para colonizados e, assim, sua posição social mudou categoricamente. O partilhamento de terras, tanto para os militares, como para os fazendeiros e a igreja católica, deixou praticamente os povos indígenas despojados de seus ancestrais territórios. “*O sea, que la sociedad colonial surgió a la vida distribuyendo la riqueza en función del grupo étnico*”. (GUZMÁN-BÖCKLER, 1978, p.42)

Neste momento histórico tanto as diferenças étnicas quanto as econômicas e de gênero, foram fundadoras para a atual sociedade guatemalteca. Estas vêm manifestando-se nas relações desiguais de poder, as quais são vividas entre homens e mulheres, pobres e ricos, indígenas e ladinos, até hoje mantidos pelo sistema de violência instalado pela guerra e o terror permanente. “*La colonia estableció,*

pues, los rasgos esenciales de la “cuestión étnica en Guatemala”
(BARILLAS, 1988, p. 9).

O fato destes povos continuarem sendo a maioria da população guatemalteca, evidencia claramente a existência de um árduo processo de resistência e sobrevivência apresentado até nossos dias. Processo que emerge dos diversos confrontos militares, políticos, culturais, econômicos e sociais, que os mayas têm atravessado ao longo da história e que lhes permitiu manter sua identidade como povo, partindo de

Su cosmovisión, sus diversos idiomas y sus propias formas de entender y analizar su historia y su política. Estos forman sistemas de conocimiento que integra la fuente de la memoria colectiva y de las experiencias de la gente a través de la historia. (JIMENEZ, 2007,p.5)

A invasão, a colonização e a guerra já vêm sendo mencionadas em diferentes momentos deste trabalho, contudo serão trazidas como um referente, como ponto de partida e análise em muitas outras ocasiões, já que são eventos violentos que marcarão profundamente a vida de nossos povos e têm como fio condutor a violência, a mesma que segue sendo um dos traços permanentes de nossa história . Neste sentido, não podemos esquecer o que Guzmán-Böckler quando afirma:

El conquistador y conquistado quedan separados debido a una acción particularmente violenta, vale decir, sangrienta. Este es un hecho importante que debe ser retenido en la memoria, puesto que esa violencia inicial no solo marcara para siempre a la sociedad que de ahí nace sino

que será la razón de ser de esta misma sociedad.
(GUZMÁN-BÖCKLER, 1978, p.20).

Nessa mesma linha de pensamento Jimenez, referindo-se aos 36 anos de guerra compreendidos entre 1962 e 1996 afirma que:

Esta (...) fue dirigida al exterminio cultural y social del pueblo Maya. Ya que las diversas fuerzas militares y paramilitares organizadas por el Estado llevaron la vida de más de 200,000 personas 83% de las cuales eran Mayas, plenamente identificadas por la Comisión para el Esclarecimiento Histórico. Causaron el desarraigo de más de un millón de Mayas, creó más de 400 fosas comunes clandestinas y destruyó más de 600 comunidades Mayas masacradas colectivamente, identificaron 23,671 víctimas de ejecución arbitraria y 6,159 víctimas de desaparición forzadas. (JIMENEZ, 2007, p. 10)

Em relação à composição étnica do país, a “Academia de Lenguas Mayas,” na Guatemala, estabelece que no território nacional coexistem 23 diferentes grupos étnicos, sendo 21 de raízes mayas, os Xincas, um grupo afro-descendente (o povo Garínagu), além dos ladinos ou mestiços.

La historia de los grupos étnicos no constituye la simple enumeración de sus “antecedentes” sino que es un recurso indispensable tanto en lo teórico como en lo metodológico. (BARILLAS, 1988, p.4)

Em relação aos grupos mayas falaremos aqui dos povos: Kakchikel, K'iche', Q'eqchi', e Mam, já que estes são as identidades específicas dos povos aos quais pertencem as famílias das interlocutoras. Também porque: os Mayas não são um grupo

homogêneo, têm suas particularidades culturais, socioeconômicas e políticas.

Abordando inicialmente ao *Kakchikeles*, pode-se dizer que, em sua maioria, habitam principalmente nos departamentos de: Sacatepéquez, Chimaltenango, Sololá, Suchitepéquez, Guatemala e algumas áreas de Escuintla e Baja Verapaz. Quanto ao número de Kaqchikeles falantes, não se tem um dado exato, uma vez que, a Academia de Línguas Mayas reconhece que há 348.000 falantes, enquanto o Instituto Nacional de Estatística (INE) tem registrado, de acordo com os dados do censo de 2002, um número de 832.968 falantes do idioma Kakchikel e, por sua vez, o Programa de Educação bilíngue Intercultural afirma que existem aproximadamente 1.032,128 000 Kakchikeles falantes no país.

Um dos mais importantes dados históricos que se reconhecem deste povo na época da invasão, é que os Kakchikeles foram aliados dos espanhóis na luta contra os K'iche's, (outro dos povos mayas que habitam a Guatemala) devido ao fato de terem conflitos entre eles. Mas, na primeira metade do século XVI também se reconhece a liderança dos Kakchiqueles, em duas grandes insurreições contra os espanhóis. As famílias de Emma, Marta e Aury são Kakchikeles, originárias de Chimaltenango.

Os *Mames*, heróicos defensores de sua liberdade, como se costuma chamá-los, devido à forte resistência que apresentaram contra a invasão dos espanhóis. Sucumbiram diante dos espanhóis, só depois de um prolongado cerco à sua fortaleza, na qual morreram quase todos os

defensores. Os herdeiros dessa nação Mam são os quase 347 mil falantes do idioma Mam, os quais, na sua maioria, habitam no departamento de Huehuetenango e San Marcos. Em menor número estão em Quetzaltenango e uma pequena parte em Retalhuleu. Sabe-se que na década de 1970 emigraram em grandes quantidades para o Ixcán,²⁸ de onde tiveram que sair devido à pressão dos fazendeiros e do exército. Anos depois, foram também expulsos de suas próprias terras pela política de “*Terra Arrasada*”²⁹ em 1982. Mesma política que deixara uma marca profunda neste povo, mais especificamente, já que 16 % dos casos de morte que foram legalmente documentados e reconhecidos pelas instâncias responsáveis, referem-se ao povo Mam, ocupando este o segundo lugar nas estatísticas de morte durante a guerra. (GÓMEZ, 2000, p.40). As famílias de Elizabeth e Flor de Copal são mames originárias, uma de Quetzaltenango e a outra de Huehuetenango.

Os *Q’eqchi’s*, segundo a história oficial, foi o único povo da Guatemala “conquistado por meios pacíficos” pelos missionários dominicos dirigidos por Frey Bartolomeu das Casas, que em 1538 depois de aprenderem o idioma levaram a cabo, com “êxito”, à conquista das Verapaces.³⁰ Neste caso, não se pode esquecer a relação política e econômica que existia entre a igreja católica e a coroa espanhola, assim como os altos benefícios territoriais e comerciais que a

²⁸ Ixcán: município no departamento de Quiché, no norte da Guatemala

²⁹²⁹ O tema da Terra Arrasada, será tratado amplamente no capítulo III.

³⁰ Verapaces: Região de bosques úmedos no norte da Guatemala

igreja obteve na exploração do território dos Q'eqchi's. Os missionários, para obter estes benefícios aplicavam as medidas administrativas da coroa; portanto os Q'eqchi's viram-se expropriados de suas terras, e além disso, deviam pagar tributo e trabalhar dia e noite para manter a organização sócio-política espanhola. Por isso, considero que não é possível nomear de “conquista pacífica” a ocupação das Verapaces pelos missionários dominicanos. O Q'eqchi' é falado predominantemente em Alta Verapaz, nos Municípios de Ixcán e Uspantán; Quiché,³¹ assim como Sayaxché,³² parte da Libertad e San Luis, em Petén, Estor Livingston e parte de Morales em Izabal,³³ e o sul de Toledo, Belize.³⁴ Na atualidade, esse idioma é falado por aproximadamente 474 mil pessoas, conforme registros da Academia de Línguas Mayas da Guatemala. Segundo alguns estudos, os 13% das vítimas, do total da guerra, pertencem ao povo Q'eqchi'. A família de Adela é Q'eqchi' originária de Alta Verapaz.

Por outro lado, os *K'iche's*, o maior império pré-colombiano, tanto no Pop Wuj³⁵ como em sua defesa na conquista, mostraram-se

³¹ Quiché: Um dos departamentos do norte do país.

³² Sayaxché: Um dos municípios do departamento de Petén, zona norte do país.

³³ Izabal: Departamento na parte norte oriental do país.

³⁴ Belize: Atualmente é um país da América Central que faz fronteira com a Guatemala pelo lado Norte. No passado, Belize fazia parte do território guatemalteco.

³⁵ Pop Wuj: É uma compilação de vários mitos dos K'iche's, que historicamente têm um valor e importância no plano religioso. Pelo que se conhece como “Livro Sagrado ou a Bíblia dos Mayas K'iche's”. Oferece detalhes de sua cosmogonia, suas origens e sua descendência. É uma das peças escritas dos Mayas mais conhecida e traduzida no mundo inteiro. Sua importância consiste na concepção do mundo e da vida dos habitantes da Guatemala pré-colombiana nos inícios do século XVI. Expressa como nenhum, a cosmogonia e a própria forma do pensamento dos indígenas k'iche's da Guatemala, a mesma que era compartilhada pelos

como uma casta guerreira; foi o principal império maya quando da chegada dos espanhóis. São descendentes da avó Ixmucane, da deusa Ixkik e de Hunapú. Reconhece-se deste povo o valor com que enfrentaram o exército invasor, livrando as batalhas mais sangrentas da época. Conhece-se sua origem só pelos relatos mitológico-religiosos do Pop Wuj, já que os outros livros foram queimados pelos espanhóis. Os K'iche's continuam sendo o grupo étnico mais numeroso da Guatemala, com quase 648 mil falantes, segundo as cifras de Academia de Línguas Mayas. Atualmente, ocupam a maior parte do departamento do Quiché e habitam também o norte de Sololá.³⁶ Segundo o censo demográfico do ano 2002, 94% da população de Totonicapan³⁷ está integrada pelos K'iche's. *“El pueblo K'iche' representó un 32% de las víctimas de la guerra, por lo que es conocido como el pueblo Maya más afectado por la violencia política en los 36 años de guerra.”* (GÓMEZ, 2000, p.40). As famílias de Azucena, Saqbe', Ixkik e Margarita, são K'iche's, originárias de Quiché e Totonicapan.

habitantes da área mesoamericana até a chegada do colonizador europeu, nos finais do século XV,

³⁶ Sololá, departamento da zona centro oeste do país.

³⁷ Totonicapan: departamento da zona oeste do país.

Apesar de estarem distribuídos em diferentes regiões do país e falarem seus próprios idiomas, esses povos mayas têm coisas em comum. Neste sentido as mulheres de Kaqla³⁸ manifestam:

Los territorios de dónde venimos pueden ser diferentes, pero nuestra condición de mujeres y la identidad que tenemos como mayas, es lo que nos identifica y lo que tenemos que valorar. Nuestras experiencias, condiciones sociales y económicas son diferentes; pero nuestra identidad étnica es compartida, es lo que nos define y fortalece. (KAQLA, 2004, p.52)

No entanto, é importante ressaltar que os povos e mulheres indígenas compartilham toda uma história de despojo e exclusão, mas também de resistência e transgressão. História essa que permitiu aos povos sua existência até hoje, com suas próprias identidades. Contudo, isto não se pode idealizar, pois, na atualidade os povos indígenas são vistos como um obstáculo para o desenvolvimento, e ainda são considerados como objetos turísticos ou folclóricos, por outro lado também:

Se les considera comunidades “tradicionales” o “autenticas” cuyos habitantes viven en el área rural, son analfabetos y pobres por ser indígenas y carecen de iniciativas organizativas. Las políticas y programas de gobierno e incluso de algunas ONGs y otros que trabajan en programas de “erradicación de la pobreza,” se generan haciendo esta asociación entre pobreza y analfabetismo con el ser Maya. En otras palabras, para ser parte de la modernidad, los

³⁸ Kaqla: é o primeiro grupo organizado de mulheres indígenas mayas intelectuais na Guatemala. No capítulo IV, desta dissertação amplia-se a informação sobre este grupo, seus antecedentes e objetivos.

Mayas tienen que dejar de ser Mayas, renunciar a su identidad, y apropiarse de una identidad ajena (ladina) que se basa en creencias e ideologías occidentales. (JIMENEZ, 2007, p.10)

O panorama exposto por Jimenez (2007), anteriormente, se revela com clareza através das estatísticas. Pois na Guatemala a marginalização dos povos indígenas é inegável, já que são eles os que têm:

Los índices de alfabetización y de ingresos más bajos de la sociedad guatemalteca, entre ellos los más afectados son los niños y niñas indígenas. (...) el 67% de los niños y niñas indígenas padecen de desnutrición crónica. Más de la mitad de niños y niñas trabajadores son indígenas y estos a su vez representan el 35% del total de niños y niñas indígenas de entre 5 y 17 años, a su vez trabajan más y tienen menos probabilidades de asistir a la escuela (60% versus 80%). La población no indígena estudia en promedio 2 años más que la población indígena. (COMISIÓN IBEROAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS, 2005)

Depois de revisar cuidadosamente esses dados estatísticos, se estabelece claramente que na Guatemala os povos indígenas e, em particular, as mulheres indígenas, continuam sendo os cidadãos de segunda categoria, no sentido de serem excluídos dos quase inexistentes processos de desenvolvimento do país. Já que as cifras negativas estão cheias de rostos e vidas de mulheres e crianças indígenas. Situação, condição e posição que tem uma origem nas relações desiguais de poder, em que as interseções de classe, gênero e etnia relacionam-se intimamente de forma permanente. Já que: “*La nación guatemalteca*

tiene una desigual estructura socioeconómica como una desigual estructura sociocultural". (BARILLAS, 1988, p.12)

Apesar de tudo, e sem dúvida, falando dos povos indígenas em geral, não se pode deixar de mencionar ainda, todas estas condições que os vulneram e excluem permanentemente, atualmente e depois da celebração do V centenário da chegada dos europeus na América. Estes povos, juntamente com outros povos indígenas da região, vêm fortalecendo seus processos organizativos, de participação política, intelectual, de reflexão e reconhecimento de suas identidades como povos em particular e como uma coletividade Maya. Desta forma, assume-se que as identidades são dinâmicas e que constantemente vêm modificando-se, e que o debate sobre estes processos são necessários e urgentes. Quanto às mulheres, têm exercido um papel importante, não só pelas suas inquietudes, mas também devido às posições políticas assumidas. Estes debates e lutas encontram-se, já na mesa de discussões.

AS MULHERES MAYAS E A HISTÓRIA

Somente há pouco tempo que as mulheres vêm denunciando que a história oficial apresenta os fatos e acontecimentos históricos utilizando um único modelo. Modelo, no qual não tem havido um interesse de visualizar as lutas, trabalhos e contribuições que os outros segmentos da população têm realizado. Pelo fato de terem identidades distintas à classe dominante, portanto, continuam fazendo com que sejam invisíveis e ainda mais vulneradas e excluídas. No entanto, a luta, o trabalho de pesquisa e denúncia das mulheres e outros grupos têm obrigado os cientistas sociais, bem como profissionais de outras áreas, a modificarem suas abordagens iniciais. Foi assim que, nos anos 90,

apareceram os primeiros trabalhos historiográficos das mulheres na América Latina. “*En Centroamérica el desarrollo de esta área esta aún más rezagado. (...) pero particularmente desde 1995 entramos en una etapa de “despegue” en los estudios históricos sobre las mujeres y el género en Centroamérica*”. (RODRÍGUEZ, 2001, p.115)

Contudo, estes trabalhos ainda são insuficientes para resgatar totalmente a contribuição das mulheres no curso da história e particularmente o das mulheres indígenas, pois continuam sendo as grandes ausentes. Por isso, concordo com o que manifesta Norma Sosa (2001) quando fala que: “*El recorrido de las mujeres indígenas es un reconocimiento pendiente en el estudio del pasado*”. Por outro lado temos que reconhecer que: “*El racismo y el machismo no son sólo situaciones que deben ser denunciadas. Son procesos, relaciones. Son parte del trabajo de constituir identidades. Y son muy difíciles de vencer, aun para gente bien intencionada.*” (NELSON, 2006 p. 377).

A reconstrução historiográfica do contexto guatemalteco, que já iniciamos no Capítulo I, também pretende ser parte importante deste Capítulo II, no qual aspiramos evidenciar a presença, a luta e as contribuições permanentes das mulheres, em especial, das mulheres indígenas. Fato que pode nos ajudar a registrar e a colocar os eventos e as atrizes na justa medida de participação, no processo de desconstrução das relações de poder desiguais que enfrentam permanentemente nos diferentes espaços, onde elas participam de forma cotidiana. Embora estes sejam insipientes, estão fazendo “*cambios en el imaginario*

social,³⁹ como resultado de un manejo discursivo autónomo desde las mujeres, que ha tenido efectos simbólicos en el resto de la sociedad.” (PRIMER INFORME DEL FORO NACIONAL DE LA MUJER, 2002, p.36). E como o manifestam as mulheres de Kaqla.

Deconstruir la internalización del pensamiento opresor es un trabajo que nos toca hacer. Se relaciona con rescatar la historia y el proceso de sometimiento de los pueblos indígenas, especialmente de las mujeres. (KAQTLA, 2004, p.24)

Vale destacar que insistimos na visibilidade das mulheres e em especial das mulheres indígenas, no marco de uma sociedade que durante séculos tem tentado mantê-las segregadas e direcionadas ao serviço da reprodução da espécie, transmissora dos valores culturais e como mão-de-obra barata. Sem reconhecer seu direito à autonomia pessoal, sexual, cultural e laboral, e o desenvolvimento de seus potenciais, pois

En este país está comprobado que, con, o sin, el traje indígena, hablando o no los idiomas mayas, con doctorado o sin él, con capacidad económica o sin ella, (...) Tenemos que tener claro que con ninguna de esas herramientas se va a dejar de practicar la discriminación. (KAQTLA, 2002, p.63)

³⁹ O imaginário Social “é composto por un conjunto de relações inagéticas que atuam como memória afetivo-social de uma cultura, um substrato ideológico mantido pela comunidade. Trata-se de uma produção coletiva, já que é o depositario da memória que a família e os grupos recolhe de seus contatos com o cotidiano. Nessa dimensão, identificamos as diferentes percepções dos atores em relação a si mesmos e de uns em relação aos outros, ou seja, como eles se visualizam como partes de uma coletividade. (...) O imaginário social expressa-se por ideologias e utopias, e também por símbolos, alegorias, rituais e mitos. Tais elementos plasman visões de mundo e modelam condutas e estilos de vida, em movimentos contínuos ou descontínuos de preservação da ordem vigente ou de introdução de mudanças. (DE MORAES, 2002,p.1)

Por isso, pode-se dizer que não é cem por cento verdade que, resolvendo o problema da pobreza, resolvem-se os problemas de discriminação por o gênero e de racismo. E, neste segmento do trabalho, disponho-me a fazer uma breve descrição dos diferentes momentos da história da Guatemala, buscando registrar a voz e ressaltar a participação e a vida das mulheres nessas diferentes épocas. Resgatando os fatos desde o ponto de vista das mulheres que fazem história e também são parte da história, por que

Es importante ver la historia (...) con más respeto por el rol que las mujeres han jugado en la historia. Eso ayudará a elevar nuestra autoestima, a erradicar al opresor interno y aportar en la construcción de un país distinto; con nuevos paradigmas y creación de expresiones artísticas colectivas en todas sus formas que nos permitan recuperar y establecer el orgullo étnico-cultural. (KAQTLA, 2002, p.30)

Nessa perspectiva de construção da justiça de gênero, etnia e classe, além de revelar o protagonismo das mulheres poucas vezes reconhecido, mas sempre exercido pelas guatemaltecas e, especialmente, pelas mulheres indígenas, apresentaremos como elas reagem nestas relações desiguais de poder tentando dar uma virada de 360 graus aos roteiros estabelecidos para suas vidas. É dessa maneira que se pode ir oficializando sua participação na história do país e escrevendo a contrahistória, o que seria para Scott “ *uma nova história das mulheres mas igualmente uma nova história*”. (SCOTT, 1991, p.6)

Desde meu ponto de vista, para tentar fazer um resgate historiográfico da vida das mulheres guatemaltecas e, em especial, das mulheres indígenas na Guatemala, faz-se necessário retomar os relatos

do Pop Wuj onde, para começar tem que se mencionar que os deuses Tepeu e Gucamatz foram à mãe e o pai da criação. Ali se estabelece que a mulher, simbolicamente e na realidade, tinha uma posição de importância, já que era identificada com uma relação direta com a mãe terra, a inteligência da onça e a força sagrada. “*Se reconoce a Ixmucane, Ixb´alankej, Ixel, Ixkik todas ellas mujeres, como personajes de importancia política*”. (DEFENSORIA DE LA MUJER INDIGENA, DEMI, 2000, p.4)

Aqui considero ideal colocar parte da análise desde a perspectiva de gênero que faz Dora Luz Cobián, em seu livro “*Génesis y Evolución de La Figura Femenina en El Popol Vuh*,” trabalho que tem como objetivo apresentar a realidade textual da sociedade maya-k´iche´ segundo o Pop Wuj e como as mulheres são apresentadas nesta obra literário-mitológica guatemalteca:

El desarrollo del papel de la mujer en la sociedad maya-K´iché, según el Pop Wuj, (...) atravesó por una variedad de niveles que van desde la veneración hasta la explotación. (...) En la asociación conyugal, en la cual la mujer tiene igual poder que el hombre, se le considera ente pensante, capaz de tomar decisiones junto con el hombre. (...) Evidencia de este poder es la participación, (...) con poder equitativo entre el hombre y la mujer en el proceso de la creación, vale decir, no existe diferencia de género en términos de poder. (...) La mujer es copartícipe junto al hombre y se plantea en igualdad de condiciones con éste. Ixmucane, es respetada no solo por su edad sin por su sabiduría, su experiencia y conocimiento expresados a través de su arte mágica, su capacidad de trascender su corporeidad y de tener acceso al conocimiento vedado a otros dioses y, por supuesto, a los mortales. (...) Lo que acentúa la función de Ixmucane es el hecho que Ixpiacok desaparece

totalmente luego de cumplir su función de procreador. (...) de “inseminador”, de reproductor. A medida que pasa el tiempo, evoluciona la sociedad. (...) Esta posición será, afectada negativamente por factores de orden económico, político y social que se dan en etapas posteriores del desarrollo de la sociedad. (...) Ahora se refiere a ella como madre abnegada, al cuidado de sus hijos y sus nietos. (...) Ixmucane es relegada al ámbito del quehacer doméstico. No en calidad de señora, sino de sirvienta. (...) El mundo de Ixmucane ha desaparecido. (...) A pesar de los cambios operados en la sociedad y el descenso en su función social, después que sus nietos se convierten en el Sol y la luna luego de morir, Ixmucane trasciende su papel de servidora, y vuelve al ámbito celestial. Ella es parte de la mitología de la sociedad maya-K'iche'. (...) Es importante hacer notar aquí la importancia, que le da el narrador del Popol Vuh a la figura de Ixmucane. El (...) transcriptor podría haber escogido cualquier otro personaje mítico de la cultura maya-K'iche' sin embargo escogió la historia de Ixmucane. Indudablemente esta elección tiene en sí misma su importancia. (...) Elige la historia de Ixmucane por el valor extraordinario que tenía en su cultura, era la diosa mayor de la cultura maya-K'iche', la diosa madre de los maya-K'iche', la historia empieza a partir de una mujer, de la madre diosa. (COBIÁN, 1999, ps.30-70)

Por outro lado, também contam-se com dados que confirmam a existência de várias rainhas; mas em outro nível, também, as parteiras, as mulheres com o poder de curar, e as sacerdotisas, tinham prestígio, poder e uma importante função na comunidade. Acredita-se que anteriormente, as decisões do âmbito privado eram só uma responsabilidade das mulheres.

Aqui vale mencionar que recentemente na Guatemala, tem se iniciado um debate, que fora colocado por algumas mulheres mayas

feministas e não feministas sobre a interpretação da cosmovisão do povo Maya. Visto que muitos homens e mulheres mayas, desde seus pontos de vista, fundam certas desigualdades em relação aos diferentes valores estabelecidos em dita forma de ver o mundo, e as relações dos seres humanos entre si, especificamente homens e mulheres.

Nesse sentido a “complementaridade” tão idealizada, e às vezes utilizada para oprimir e excluir, tem sido questionada pelas mulheres. Aqui tem que se enfatizar que não é uma crítica à própria cosmovisão, senão à interpretação que alguns homens e mulheres mayas lhe dão. Nesse sentido o grupo de mulheres Kaqla, tem um importante papel neste debate, afirmando que:

Mas que pensar en el pasado para justificar nuestras actitudes, tenemos que pensar en qué es lo que está mal ahora, en la experiencia que vivimos hoy y a partir de allí, construir una manera de vivir que nos permita ser felices. (...) El patrón de nuestra cultura no es perfecto, tiene muchas cosas positivas pero también tiene cosas opresivas que hay que cambiar, para no heredarlas a nuestros hijos e hijas. (...) Para ello necesitamos repensar nuestra cultura, deconstruirla y volverla construir. Necesitamos hacer auto-análisis y autocritica a algunos principios y valores culturales, que han sido una carga y han excluido y marginado a las mujeres, a nivel del país e a lo interno de las comunidades. (KAQLA, 2004, p.43)

Por outro lado, a espiritualidade também faz parte dos diversos processos de identificação e resistência dos povos indígenas. Nesse sentido, para legitimar suas diversas formas de construir e expressar sua espiritualidade, algumas de nossas entrevistadas, partindo de suas próprias experiências, reflexões e decisões nos compartilham o seguinte:

Yo soy Cristiana Evangélica, pero sé que con la espiritualidad no vamos a tocar el sistema de opresión, es parte pero debe ser integral. Tenemos que apostarle a debatir y proponer en los otros contextos, en los espacios económicos y políticos. (...) No conformarnos solo con lo místico, porque con la espiritualidad no vamos a transgredir todo. (Elizabeth).

Cuando me fui, tuve acercamiento al movimiento espiritual-maya, pero estoy muy en desacuerdo porque me parece que es solo la búsqueda de un discurso, para sustentar prácticas que no son del todo justas ni aplicables a la realidad de las personas. Pero yo y mi familia siempre hemos practicado la espiritualidad maya. (Margarita)

Estoy en desacuerdo (...) cuando la espiritualidad maya se empieza a convertir en religión. A tornarse con una serie de reglas estrictas, esas reglas que reproducen una religión, porque estoy en desacuerdo con toda la institucionalización de cualquier espiritualidad. (Aury)

Yo soy cuestionadora de lo que algunos denominan la espiritualidad maya. (...) Yo no la practico, no conozco mucho estoy conociendo y estoy leyendo sobre el tema. Pero me parece que la manera en que lanzaron esta lógica de la espiritualidad maya, tiene los mismos métodos del establecimiento de omnipotencia de lo cristiano. Yo personalmente soy atea. (Ixkik)

Yo fui muy católica porque mis padres eran católicos, pero ahora practico la espiritualidad maya. La que aprendí de mis abuelos, se que estas espiritualidades son muy diferentes, pero me identifico con la espiritualidad que me es propia, pues aprendí que cada cosa tiene su espíritu. (Flor de Copal)

Por ejemplo yo salgo de una trayectoria Judeo cristiana donde todo era pecado, para pasar a la cosmovisión maya donde todo era miedo. Miedo a que

si no haces una ceremonia te va pasar algo, miedo a que si no le pagas al sacerdote te va a pasar algo. Ese tipo de cosas que son más de fanatismo que de espiritualidad, no quiero. Pero lo que sí es cierto es que respeto la voz de los ancianos, y de nuestros antepasados que vienen a visitar y dar mensajes, el uso de la medicina natural, todo esto tengo como principio que mi mamá me enseñó. (Saqbe´).

Aqui, cabe citar que depois destes depoimentos, fica claro que na trajetória de resistência destas entrevistadas, algumas delas aproximam-se da espiritualidade maya, uma delas é cristã evangélica e outras parecem ser cétricas. No entanto, parece que nenhuma identifica-se totalmente com um caminho mais místico, mas com clareza, posicionam-se e questionam as espiritualidades aprendidas. Porém, neste processo, têm construído suas particulares cosmovisões ou formas de entender o mundo partindo de suas ideias, conhecimentos, convicções e próprias formas de expressar sua espiritualidade e, dessa maneira, é que contam com uma filosofia específica de vida.

Logo depois de apresentar este momento histórico na vida das mulheres mayas, considero importante mencionar que como o menciona Barillas (1988) não se procura, nem se pretende voltar ao passado, para idealizá-lo, ao grau de considerar as sociedades pré-hispânicas como perfeitas, sem estratificação, sem contradições. Porque não se busca louvar o passado em si, mas a construção de uma “contra-história ou nova história” que é útil para a compreensão da sociedade e suas constantes contradições.

Passando a outro momento de nossa história, é importante estabelecer que depois da chegada dos espanhóis, inicia-se um período

de agressão direta contra as mulheres, já que elas perdem seu prestígio e poder, pois passam a serem as concubinas ou simplesmente os objetos de satisfação sexual dos invasores. Os estupros tornaram-se uma constante, *“pues de esas violaciones nacieran los primeros mestizos/ladinos en nuestros territorios”*. (DEFENSORIA DE LA MUJER INDÍGENA, DEMI, 2002, p.7) Guzmán-Böckler anota que: *“La violencia inscrita en la conquista y en la colonización condujeron a relaciones interétnicas en las que la mujer “india” sufrió el escarnio del colonizador. No se conoce casos de “indios” que hubieran fecundado a españolas”* (GUZMÁN-BÖCKLER, 1975, p.39). Por sua vez, Martínez Peláez descreve profunda e detalhadamente o fenômeno, quando afirma.

El mestizaje inicial fue un acto realizado en el contexto y como consecuencia de la inferioridad y desventaja de la mujer de la clase servil frente al hombre de la clase dominante. Fue resultado de la unión biológica basada en una profunda desunión y desigualdad humana; de la fornicación como acto de dominio de clase más o menos encubierto, y en muchos casos como un simple ultraje. (...) Posteriormente, al instaurarse el régimen de servidumbre, fue muy frecuente el concubinato de españoles o criollos con mujeres indias, (...) Bajo el feudalismo colonial se dieron las condiciones generales de presión económica y social para que, como fenómeno reiterado, los varones del grupo terrateniente pudieran servirse sexualmente de las mujeres indígenas. (...) No debe suponerse, empero que en el marco de las relaciones feudales desapareció la **violación de las mujeres indias en la forma más brutal**. El fenómeno perduró, especialmente en las regiones interiores del país. (MARTÍNEZ-PELÁES, 1994, p.265,358) grifo meu.

Referindo-se ao mesmo problema, várias mulheres indígenas, em um dos capítulos do livro, *La Palabra y El Sentir de las Mujeres Mayas de Kaqla*, se manifestam, indicando que:

El rol establecido para las mujeres indígenas fue el de ser concubinas de los españoles, donde la única mujer legítima y reconocida para ellos era la mujer española. Por ende, fueron pocos los españoles que al morir entregaban sus bienes a sus concubinas indígenas, que bien pudieron ser nuestras abuelas o tatarabuelas. (KAQLA, 2004, p.24)

Fica claro que, além de abusar dos direitos individuais e coletivos, esturparem as mulheres, os costumes, os sistemas políticos e administrativos e todas as formas de convivência comunitária; utilizando a cristianização imposta através de métodos agressivos e intimidação para persuadir. Exerciam relações de poder que exploravam, discriminavam e mantinham nas povoações indígenas; e especialmente as mulheres submetidas a um sistema patriarcal, racista e uniclassista, que as despojava de todos seus direitos.

Por outro lado, durante o período conhecido como o da independência, de 1821 até 1871, faz-se necessário ressaltar a instauração do sistema de latifúndio e minifúndio, fenômeno que deve ser apresentado como *a essência do poder colonial*, que construiu de forma permanente as relações desiguais de poder entre o povo indígena e o ladino/o mestiço.

El primer acto del colonizador es el de usurpar el suelo. Apenas un año después del primer paso del hombre europeo sobre la tierra americana el Papa legitimaba el acto de expropiación. (...) Es interesante observar que serán el Papa y la

religión católica quienes van a legitimar, utilizando el poder de la monarquía, (JEAN-LOUP, 1995, p.74).

Toda esta expropriação de terra indígena e apropriação territorial, por parte da igreja católica e os invasores espanhóis, possibilitaram a instauração do sistema lati-minifundista. E, para sustentar este sistema, obrigou-se os povos indígenas a migrarem todos os anos, por longas temporadas, para a costa sul do país, onde se converteram em mão-de-obra barata para a colheita do café, cana de açúcar e algodão.

Los grandes latifundios (...) constituyen la fuente principal de ingreso de divisas y son el centro de la mayor explotación – tanto cualitativa como cuantitativa – de la clase indígena, cuya fuerza de trabajo masiva y estacional es indispensable. (GUZMÁN-BÖCKLER, 1975, p.117)

Nesta migração forçada, famílias inteiras eram trasladadas de maneira desumana, desde suas comunidades até as fazendas onde trabalhavam por vários meses e viviam em condições deploráveis.

En las épocas de migración a la costa y boca costa, presenciamos como los trabajadores eran hacinados de pie, (...) y tapados con las lonas impregnadas de insecticida. Así hacían un trayecto de ocho o más horas entre su localidad de origen y la finca destino. Muchos viajaban con su esposa y sus hijos porque todos contribuían con el trabajo, o porque no quedaba alimento alguno en la vivienda. Ni la enfermedad, ni la debilidad a causa de las condiciones del transporte liberada al indio de su deuda. (...) Eran altas las tasas de mortalidad y de enfermedad entre los trabajadores migratorios. (...) Volvía enfermo de paludismo

o intoxicado por las fumigaciones y los abonos químicos. (COLOM, 2000, ps. 47-56)

As mulheres não foram apenas parte da mão-de-obra, trabalhando mais de dez horas diárias, onde é bastante conhecida a qualidade de seu trabalho na colheita de café. Além disso, elas também tinham que ocupar-se dos cuidados da família que migravam. Nesse sentido, estou referindo-me a terem que atender emocional e sexualmente ao marido, assim como prover as condições mínimas de segurança alimentar e higiene de seus filhos, irmãos, pais, primos, sogros e outros familiares.

Con mis hermanos visitábamos la ranchería (...) Y conocíamos por su nombre a los trabajadores que llegaban año tras año. Yo veía que todos eran muy pobres, y movida por la curiosidad le pregunte a Diego Pu porque tenía tantas esposas e hijos. Me respondió que las mujeres sembraban y cosechaban el maíz que cultivaban en tierras de la finca para su propia manutención; que ellas se ayudaban unas a otras en el oficio de la casa y en el cuidado de los niños; y que siendo varias nunca se sentían solas. (COLOM, 2000, p.54)

Estabelecidas, assim, para elas as duplas ou triplas jornadas de trabalho, as quais têm a ver com o trabalho produtivo e reprodutivo. O conceito e categoria de dupla jornada de trabalho têm sido investigados por várias autoras como parte da problemática das mulheres, e também é colocado na luta do movimento feminista e de mulheres como uma de suas mais urgentes reivindicações.

Desde los años 70 algunas investigadoras feministas habían hablado sobre la “triple opresión” de las mujeres indígenas, como campesinas, como indígenas y como mujeres,

(Young, 1978). Pero fue recién en los 90 que pudimos escuchar por boca de las mismas mujeres en qué consiste la opresión que sufren “como mujeres” (...) La cuestión étnica- que había quedado casi totalmente subsumida por la cuestión campesina, que a su vez sufrió un fuerte reflujó a lo largo del os 80- pasó a ocupar un primer plano en la atención nacional e internacional a raíz del levantamiento indígena chiapaneco. (GONZÁLEZ, 2001, p.101).

Voltando ao exemplo das mulheres indígenas nos latifúndios, sabe-se que o trabalho destas mulheres nunca foi reconhecido, pois eram os maridos quem recebiam o dinheiro e seus salários eram muito mais altos que os delas, só pelo fato de serem homens. *“É sabido que na grande maioria dos países de todos os continentes, nós mulheres, recebemos um salário equivalente a 60% ou 70% do total recebido pelos homens que realizam o mesmo trabalho”*. (D’ATRI, 2008, p.21) As mulheres nunca foram inscritas nas listas dos trabalhadores para receberem o salário ou serem relacionadas para os programas de aposentadoria, de saúde e do Seguro Social; mas nunca deixaram de ser cobradas a pagar as dívidas que, como famílias, tinham contraído nas mercearias e mercados das fazendas.

Esta forma de exploração conseguiu manter-se até nossos dias, já que, *“en Guatemala de hoy, para movilizar a centenares de millares de indígenas hacia la costa sur; la persistencia del patrón latifundio-minifundio y las propias necesidades del desarrollo del capitalismo los obliga a desplazarse.”* (BARILLAS, 1988, p.12). Nesse sentido, pode-se mencionar que as famílias de nossas interlocutoras, nas primeiras gerações também tiveram que trabalhar nesses latifúndios, tendo que migrar em sua maioria das terras altas do oeste da Guatemala até a costa

sul, sendo transportadas da forma que já se mencionara antes, deste modo, Margarita e Azucena relatam que:

Mi abuelo paterno, venia de una familia muy pobre y vivían en una comunidad fuera del pueblo, ellos sí tuvieron que sufrir todo eso de ser contratados para que viajarán y trabajar en la costa, trabajaron toda su vida en la costa. Creo que toda esa dura experiencia motivo a mi abuelo a querer cambiar la situación de su único hijo. (Margarita)

Mi papá, que mi abuelo se esforzaba por trabajar en la costa sur, y lo que el ganaba era una miseria. Mucha gente cuando se le acababa el maíz y estaba trabajando en la costa tenía que comprar para vivir el resto del tiempo. Él ingenió una manera de mezclar maíz con el mismo olote⁴⁰ o con la misma punta de la milpa, el decía que así abundaba y así el tenía cierta reserva y con eso comprar tierra. Cuando mi abuelo pudo comprar un terreno, el ya no quiso volver a trabajar en las fincas de la costa del sur. La clave para mi abuelo era tener tierra, para que sus nietos no fueran a la costa a trabajar. (Azucena).

Sabe-se que a descampesinização e a urbanização são mudanças no modo de produção; são processos que vêm sucedendo em diversas comunidades indígenas e campesinas, não somente na Guatemala, mas também em diversas partes do mundo os grupos familiares coletivamente ou de forma individual modificam suas formas de subsistência e se desarticulam de seu modo de produção, incorporando-se ao sistema de mercado capitalista com o propósito de atingir seus objetivos pessoais.

⁴⁰ Olote, o que no Brasil seria espiga de milho.

Por outro lado, já referindo-me ao período liberal, o qual se dá entre 1871 até 1944, momento histórico que se caracteriza pelas pretensões que se tinham de modernizar o país,

El capitalismo entro en otra etapa de su desarrollo, esta vez de la mano del café, y con la expropiación a la iglesia y a las comunidades indígenas, la tierra se convirtió en mercancía y estuvo al alcance de los grupos emergentes. (BARILLAS, 1988, p.10)

Estes e outros elementos nos ajudaram a entender com maior clareza os acontecimentos que se desenvolveram no futuro, período em que as mulheres indígenas continuaram a serem afetadas profundamente. Como menciona Diana Nelson: “*En Guatemala el género tiene una gran carga racial (...) Los cuerpos importan y son evocados para marcar diferencias raciales y otras*”. (NELSON, 2007, p.370).

O direito à educação para as mulheres foi reconhecido neste período liberal; educação que fora instituída como “*laica, gratuita y obligatoria para ambos sexos*”. (BORRAYO, 2007, p.24) Porém, deve-se ressaltar que esta abertura só beneficiou as mulheres ladinas de classe economicamente poderosa. Em se tratando das mulheres, “*Esta educación era pensada desde la posibilidad de mejorar su trabajo en el ámbito privado y con la familia*”. (DEFENSORIA DE LA MUJER INDÍGENA,DEMI, 2007, p.24)

Ainda que a entrada da mulher no campo universitário tenha ocorrido em 1883, (cem anos depois dos homens) como já se mencionara anteriormente, somente foram membros da aristocracia, as mulheres ladinas que conseguiam ser parte deste avanço. Por volta de

2008, a pesquisa feita pelo Instituto Universitario da Mulher da Universidade de San Carlos da Guatemala mostra que a matrícula das mulheres na Universidade Nacional aumentou significativamente, pois em 1964 as mulheres constituíam 13% dos estudantes, e em 2007 48%, diferença por demais significativa. No entanto, não se pode registrar a porcentagem das mulheres indígenas, uma vez que, ainda não se conta com estatísticas e indicadores que incorporam a perspectiva de etnia nas universidades do país.

Mas, partindo de uma análise desde a perspectiva de classe, étnica e gênero, faz-se necessário mencionar que a primeira mulher indígena graduada na universidade, diplomou-se somente em 1975, noventa e dois anos depois da graduação da primeira mulher ladina. Além disso, é correto dizer que esta mulher maya era parte de uma das elites indígenas do país.

Algunos datos históricos reflejan cuál ha sido el acceso de las mujeres indígenas a la educación superior. Hasta los años 70 se graduó la primera mujer indígena, Flora Otzoy, con un grado académico de Licenciada en Medicina. Pocas mujeres indígenas egresadas de la USAC han obtenido un doctorado, en Antropología destacan Irma Alicia Velásquez Nimatuj maya-K'iche' e Irma Otzoy Colaj, maya-Kaqchikel. (CHIRIX, 2007, p.11)

Depois um dos momentos que pode ser compreendido como divisor de águas da história da Guatemala constitui-se no período conhecido como da Revolução dos 44. Mesmo que este período de abertura tenha durado pouco, de 1944 a 1954, algumas mudanças foram favoráveis para todos os cidadãos e, entre eles, as mulheres, já que pelo

caráter político, econômico e social desta mudança, tanto a propriedade da terra, o trabalho, a saúde e a educação têm prioridade. Mas, como menciona Guzmán-Böckler, esta foi uma revolução de caráter democrático-burguês e urbano-ladina, pois: “*No pudieron romper el cerco que a su alrededor alzan los valores urbanos y ladinos*”. (GUZMÁN-BÖCKLER, 1975, p.219) Por outro lado, o historiador Arturo Taracena referindo-se ao mesmo momento político da Guatemala, indica que:

Los gobiernos electos en ese período (...) vieron la transformación de la estructura tradicional agraria como una prioridad (...) sin duda la experiencia de la reforma agraria (...) plantea los mayores alcances para tratar de resolver el problema de la desigualdad frente a la propiedad y usufructo de la tierra. Sin embargo su brevedad y la respuesta tan adversa que provocó por parte del sector terrateniente no permitió la transformación de la estructura social agraria en el país. (...) manteniéndose la estructura agroexportadora casi inalterada. (TARACENA, 2004, ps.400-401)

Porém tem que se reconhecer que foi neste período que se aboliu o *Libreto de Jornaleros*⁴¹, e o escritor Severo Martínez pensa que:

⁴¹ O Libreto dos jornaleros, foi imposto durante a ditadura ubiquista; este, junto com a “Ley de Vagancia,” asumiam que a população campesina e indígena era exclusivamente uma força de trabalho barata ou até de graça para os fazendeiros como para o Estado guatemalteco. Esta modalidade tem suas origens no sistema colonial, especificamente, nos chamados “povos de índios”, onde se organizava e concentrava a força de trabalho que vinha só dos indígenas.

Su abolición fue una de las más importantes medidas de la revolución de 1944, y quizá la única de fondo que perduró después de la contrarrevolución de 1954. Se cerró así el gran capítulo del trabajo forzado en nuestro país, que había comenzado con la implantación del repartimiento de indios en la segunda mitad del siglo XVI. A lo que es preciso agregar, para no caer en ilusiones, que el peso social de cuatro siglos de servidumbre depara condiciones óptimas para la vigencia de salarios bajísimos, hecho que retiene naturalmente al trabajador en el nivel de vida miserable del siervo colonial, aunque esencialmente ya no sea un siervo. (MARITÍNEZ-PELÁEZ, 1994, ps.581-582).

E foi assim que os preconceitos contra a povoação indígena e as mulheres, novamente, não permitiram incluí-las totalmente neste projeto. Especialmente, no que se refere ao direito ao voto, ao qual só tem direito as mulheres alfabetizadas e, nesse sentido, 80% das mulheres ficam excluídas de exercerem seu direito ao voto, sendo a maioria delas indígenas das áreas rurais.

Já nos anos 60 até o ano de 1996 vive-se na Guatemala a guerra que durará trinta e seis anos, a qual afetará profundamente e em maior nível aos povos indígenas e especialmente as mulheres. Motivo pelo qual, esta ruptura histórica do país deverá ser tratada em um capítulo específico para sua maior compreensão, já que este momento político, econômico e social forma parte do cenário, no qual a maioria das famílias e as entrevistadas desenvolvem suas trajetórias, estabelecem suas estratégias de resistência e atravessam diversas experiências no processo de se construir como sujeitas.

TRAJETÓRIA E RESISTÊNCIA FAMILIAR

Para abordar o tema das famílias das protagonistas, concordo com Aura Cumes quando estabelece que este tema deva ser abordado nas complexidades que representa o fato de ser uma família maya na atualidade onde:

La familia nuclear (madre-padre-hijas-hijos), que en teoría es la base de la sociedad, con certeza no es la realidad de todas las familias guatemaltecas, y por lo tanto mayas. Las circunstancias históricas por las que han tenido que pasar las y los mayas, nos permite ver que desde hace mucho tiempo ha habido una reconfiguración de la familia. Las forzadas migraciones internas, la guerra sin reglas y las migraciones externas han apartado físicamente a muchas familias. A esto le sumamos la paternidad irresponsable y las separaciones por razones de violencia. Pero también cuenta la elección de las mujeres a ser madres solteras. (CUMES, 2007, p. 1)

Neste caso, privilegia-se a relação pessoa-família-contexto para uma compreensão mais acabada dos processos, quanto à promoção do bem-estar, de desenvolvimento das diversas identidades e consolidação das potenciais mudanças individuais das interlocutoras e coletivas das suas famílias, para isto os testemunhos das entrevistadas são base fundamental.

Fui la última de trece hermanos, nueve mujeres y dos varones, más dos muertos. Mis hermanos en general tienen más o menos un año de distancia entre uno y otro, yo tengo siete años de diferencia con mi hermano antes que yo, pero entre mi hermana mayor de las vivas, hay como cuarenta y dos años de diferencia. Eso significa que yo

nací en un tiempo en que la familia ya no tenía tanta estrechez económica y yo era la consentida, ninguna de nosotras uso el traje tradicional, por el problema de la discriminación y por el hecho de que mi papá era mestizo. Yo fui educada con cierta permisividad, no fui una niña muy tradicional. (...) En mi familia todos somos trilingües pues aprendimos Q'echi' con mi mamá, español con mi papá que era ladino e Poconchi' porque emigramos a una comunidad Pocomchi'. (Adela)

Soy la tercera de los vivos y la primera mujer, de una familia de migrantes, que de Comalapa migran a Chimaltenango⁴² cabecera del Departamento. Recuerdo que desde que tenía 7 años cargaba sobre mis espaldas a mis otros hermanitos, para ir al mercado y para ir al monte⁴³. Siempre alternamos el trabajo del campo con el de la casa, el ser la primera hermana por supuesto que me marco mucho, eso me ponía frente a mi padre, eso lo recuerdan mucho mis hermanos, ellos dicen que yo era súper rebelde. No aprendí el Kakchikel, porque la escuela donde yo estudiaba no era bien visto, además las recomendaciones de mis padres era no hablar el idioma materno para no sufrir como ellos la discriminación, también crecimos con un rechazo al Kakchikel porque mi mamá lo usaba para regañarnos y para exigirnos cosas. (Aury)

Proviengo de una familia numerosa, mi mamá tuvo doce partos, somos 10 hijos vivos, siete hombres y tres mujeres, yo soy la séptima de la familia la última mujer. Creo que esto influyó de varias maneras, pues si fuese sido la mayor no hubiera tenido las oportunidades que yo tengo. Considero al K'iche' y al español como mis idiomas maternos, ya que aprendí los dos al mismo tiempo, solo que el español terminó siendo más fuerte por la presión que

⁴² Chimaltenango, é uns dos departamentos da região central do país.

⁴³ Ir al monte, é uma expressão que se usa para identificar que se tem que ir trabalhar no campo; fazer o trabalho de agricultura ou recolher galhos para o fogo ou irvas para comer.

existía. Dejamos la comunidad obligados por la guerra. (Azucena)

Fuimos cinco hermanos, cuatro varones y sola yo de mujer, soy la segunda de los vivos. Yo creo que eso siempre me afecto, nosotros vivimos una pobreza grande. Recuerdo que la alimentación nuestra era de café, tortilla y chile y cuando mi madre encontraba algún huevito nos lo dividía entre los tres o los cuatro. Tuve que trabajar fuera de la casa desde los 7 años. (Elizabeth)

Yo fui la segunda hija, el primero es un varón pero detrás de mi siguen cinco mujeres. Tuve que hacer lo mejor de mí para que mi papá tuviera confianza y mis otras hermanas tuvieran la oportunidad de estudiar. Mi familia siempre trabajó en función de la comunidad, siempre tuvimos una tienda⁴⁴. (Emma)

Yo tengo dos hermanas y un hermano, soy la segunda de las mujeres. . La mayor de mis hermanas tiene 32 años, yo que voy hacer 28 y mi hermana que va hacer 26 de allí mi hermano va cumplir 16 si hay un gran corte dentro de mi familia. Yo creo que el lugar que ocupamos dentro de la familia de nosotras tres si define el carácter de cada una. Yo he viajado fuera de Guatemala desde muy joven. (Margarita)

Somos tres vivos y dos muertos, murió la primera y el último, la primera murió de gastroenteritis cuando tenía 6 años y la última murió en el parto. Por seis años fuimos solo los dos mi hermano y yo, después nació mi hermana y parece ser que la atención la tenía mi hermano por ser el mayor y ser hombre y a mi hermanita por ser la más pequeña y estar enferma. (Ixxik)

Soy la primera y única mujer, tengo dos hermanos menores, y desde que mi papá fue asesinado cuando yo tenía 7 años de edad, tuve que asumir la responsabilidad juntamente con mi mamá de apoyar a mis hermanos en

⁴⁴ Tienda: o que no Brasil seria uma venda o mercado pequeno.

todo, y tuve que huir de la represión y salir de mi comunidad. Yo fui de los niños y niñas que el ejército secuestraba para entrenar. Yo no estaba de acuerdo por lo que fui perseguida. (Flor de Copal)

En mi casa somos 7 hermanos tres mujeres y cuatro hombres, yo soy la mayor. Con mi segunda hermana solo nos llevamos un año por lo que crecimos juntas, mi mamá nos vestía de la misma manera a las dos, la gente decía que éramos gemelas. Quizás me afectó un poquito en el sentido de que mi mamá no me dio mucha atención y eso permeó algunas actitudes personales por ejemplo: yo soy muy tímida y con miedos. (Marta)

Soy hija única, y creo que la historia de mi mamá tiene que ver con el hecho de que soy hija única. Mis abuelos querían casarla cuando ella era muy joven, mi mamá cuestionó esa idea desde pequeña, además cuando se casa pone sus condiciones, caso raro para una mujer que ha sido creada para casarse y tener hijos. (Saqbe´)

Com os depoimentos acima anotados, identificam-se vários elementos que podem ajudar na tentativa de aprofundar-se nos conhecimentos das condições que marcaram a posição e situações das entrevistadas, dentro da intimidade do grupo familiar, assim como a identificação de diversos processos que elas têm que enfrentar e que fazem parte da construção de suas diversas identidades. De acordo os dados, todas elas são membros de famílias “nucleares”, concebendo-as dentro do conceito de pais, mães, filhos e filhas, mas também , em alguns casos, aos avós e outros familiares, algumas chefiadas pelas mães em ausência do pai. A maioria das entrevistadas que são ao mesmo tempo as mais velhas vem de famílias mais numerosas, com pelos menos mais de seis irmãos, no caso das mais novas suas famílias são menores.

Por outro lado, é bastante recorrente que elas sejam as segundas ou as terceiras filhas dentro de suas famílias, a exceção de Marta e Flor de Copal que são as mais velhas; o caso de Adela que é a mais nova de 13 irmãos e Saqbe', que é filha única. Aquí, pode se observar alguns elementos familiares que são parecidos na maioria dos casos. Mas o fato de elas serem mulheres e ocuparem o terceiro, o segundo, o primeiro, o último e no caso de Saqbe', ser filha única, tem consequências, tanto em suas relações dentro do grupo familiar, como em seu desenvolvimento pessoal, intelectual e político, fora da família.

Os diversos papéis e responsabilidades que tiveram que assumir dentro de seus numerosos grupos familiares, assim como serem parte de uma geração marcada pela guerra, as migrações, a descampesinização e outras lógicas econômicas, sociais e políticas, tanto nacionais como internacionais, podem ser considerados os momentos fundadores destas protagonistas, na tentativa de se construir como sujeitas sociais, políticas e intelectuais, partindo de suas subjetividades e objetivações. Todos estes eventos têm a ver com um imbricado de relacionamentos, conflitos, tensões e rupturas, tanto pessoais como sociais, os quais se dão dentro do seio familiar, mas que também são atingidos nos diversos contextos externos onde elas transitam. Como o assinala Jesús García Ruiz:

La relación causal entre identidad y conflicto, entre identidad y luchas sociales. Son estas en definitiva las que hacen posible el pasaje de una "identidad vacía" a una "identidad llena", es decir de una identidad impuesta por el sistema y falsa, a una identidad autónoma, propia, verdadera, resultado de las luchas sociales

en las que los individuos están implicados. Son las luchas sociales, la inserción individual en los procesos sociales, los que hacen posible la constitución de una identidad cuya configuración es generada con el conflicto. En este contexto de “ruptura”, de desestructuración de la conciencia, de dialéctica conflictiva de las relaciones sociales que el individuo se desprende de la imposición del orden social sobre su conciencia para emerger como actor, como sujeto de la historia a través de las nuevas modalidades de confrontación y de enfrentamiento que es capaz de asumir (GARCÍA-RUIZ, 1992, p. 239).

A interseção como interação destes fatos vai marcando profundamente esta passagem de transformação, mesmo que no futuro vão ajudar-lhes a tomar decisões que lhes permitiram ir construindo suas próprias histórias, desde suas íntimas cognições e concepções do mundo. Trabalhando para atingir seus projetos de vida, partindo de suas idéias força, e dessa forma, ser parte de um “movimento” emergente de mulheres intelectuais mayas.

Portanto, pode se dizer que: a construção de suas diversas identidades tem a ver com os processos vividos tanto no individual: como sujeitas, membros de um grupo familiar, de uma comunidade, parte de um contexto nacional, quanto com eventos mais amplos permeados pela lógica do sistema neoliberal homogeneizante através da globalização. Onde não se pode perder de vista os meios de comunicação que atravessam nossos mais íntimos espaços.

Nessa nova cultura global, desaparecem as hierarquias de nascimento e sangue, mas

aparecem outras: estruturas de poder patriarcais, sexuais, raciais, étnicas o de classe que limitam poderosamente a capacidade de construir se e exercer como sujeitos. (COBO, 2005, p.7)

Ações que produzem mudanças tanto nas subjetividades quanto nas objetividades, nesse sentido:

La identidad no es por lo tanto entendida como algo dado y fijo que caracteriza de manera unívoca y perpetua a un individuo o a un grupo, sino más bien como un proceso, una imagen de sí que viene construyéndose en la interacción con el “otro”. (...) La identidad constituirá por lo tanto un valor “negociable”, ligado en gran medida al contexto en el que el individuo o el grupo se introduce, y es influido por factores económicos, sociales y de auto/heteropercepción. (ARRIOLA, 1998, p.14-15)

Falando das identidades específicas das entrevistadas; estas não podem ser concebidas como a maioria das mulheres mayas que estão construídas no imaginário da sociedade guatemalteca. Nesse sentido, estou me referindo tanto aos indígenas como aos ladinos, porque:

La imagen de la mujer maya (que no es igual a las mujeres actuales existentes, aunque las afecta fuertemente) funciona como un sostén no sólo para la imaginación, sino para otras identidades también heridas, que están sangrando por los traumas históricos, por ejemplo las identidades étnicas e de género. (NELSON, 2007, p.379).

Estas protagonistas são transgressoras deste imaginário, propondo desde a emergência de suas práticas discursivas, diferentes

liberdades como uma nova simbologia que tem a ver com as representações destas mulheres mayas no presente, mas que também tem que ser construídas desde o reconhecimento das outras mulheres mayas, visto que como o manifesta García-Ruiz:

El concepto de “reconocimiento” es central cuando se trata de la identidad tanto individual como colectiva. (...) Esta exigencia existe desde siempre pero se agudiza aún más por el advenimiento de la globalización, ya que la identidad no se funda ya sobre la jerarquía, sino que depende más aún del reconocimiento del otro. (GARCÍA-RUIZ, 2006, p.28)

E falando do mesmo tema, Aura Marina Arriola nos diz que a:

Identidad como persona posee otros tres componentes nosotros-ellos: pertenezco a- o me siento parte- o soy considerado como de una etnia en contraste con otras etnias; un género, como diferente al otro o a los otros géneros y, estoy inmerso en un proceso de trabajo concreto, bajo unas específicas relaciones sociales de producción, que me hacen tener una posición distinta y opuesta a la de otros en el sistema de clases. (Isidoro Moreno apud Arriola 1998: p.16)

Por outro lado, as subjetividades formam parte das diversas identidades que são componentes constitutivos destas mulheres; identidades que aparecem frequentemente no confronto, em contextos específicos. A socialização destas formas de ser e ver o mundo, permite a construção individual e coletiva das pessoas partindo dos diversos elementos que estão em jogo, por exemplo: o gênero, classe, etnia, idade, preferência sexual, filiação política, religião e outras.

Pero para tener una cabal comprensión del proceso no basta el reconocimiento de la propia especificidad en contraste con el “otro”. Es necesario estudiar cómo se construye y se recrea dicha especificidad. (ARRIOLA, 1998, p. 17).

Embora o tema das indidentidades seja tratado no capítulo IV desta dissertação, considera-se oportuno introduzir aqui estes processos de mudanças e construção de algumas identidades destas protagonistas. Por exemplo, a experiência da luta contra o racismo que Aury iniciou desde menina. O processo extremadamente difícil de assumir-se com uma identidade sexual altamente questionada na Guatemala, como é o caso de Azucena. O forte e transparente posicionamento político de Ixxik. A identidade de feminista e cristã, ao mesmo tempo, de Elizabeth. As três grandes e fortes identidades de Adela como: Mulher indígena, lésbica e ex-guerrilheira. O processo da construção da identidade de Sabe´ como mulher indígena na cidade, fora de comunidade. A luta de Marta como profissional e mãe solteira. As experiências de vida fora da Guatemala de Margarita. O trabalho permanente de Emma em diversos espaços sociais políticos e acadêmicos. Assim como a continuidade do trabalho do pai de Flor de Copal na comunidade e seu trabalho e compromisso pessoal com as mulheres guatemaltecas. Anotaremos aqui apenas três narrativas que nos podem ajudar a compreender melhor estes processos de desconstrução e construção dessas mulheres como sujeitas políticas.

La lucha contra el racismo, es una de las luchas que me han movido desde que yo tengo siete años (...) y junto a esa no es que vaya separada ha sido la lucha por los derechos de las mujeres. Sin que hubiera sabido que existían estos derechos los he defendido

con mis padres, con la iglesia desde siempre y eso unido a otras desigualdades. No son esas dos cosas solas, ni exclusivas sino que eso se vincula con las desigualdades que vive mucha gente y quizás eso ha sido siempre mis motivaciones para luchar. (Aury)

Nunca paso por mi cabeza si a mí me gustaban los hombres o las mujeres, pero hubo un momento (...) que todo mundo estaba empezando a cuestionar ¿Qué era yo?, ¿Era lesbiana o era heterosexual? Esa presión, era parecida cuando me habían presionada para saber si yo era maya o estaba queriendo ser ladina. Y antes de esto si era afín a la guerrilla o al ejército; luego si soy feminista o no. La crueldad de la presión de la sociedad incluso de las feministas, las lesbianas, las heterosexuales, así como de las conservadoras y no conservadoras. Ahorita me pueden preguntar ¿sos lesbiana? y yo puedo responder claramente que sí, pero quien sabe a lo mejor en el futuro no, no estoy cerrada a eso. (Azucena)

También a mí me provoca un poquito de molestia las visones parcializadas de las cosas. Es cierto y yo comparto que las mujeres sufrimos de más opresión por ser mujeres, pero los hombres también sufren opresión por ser hombres. Podemos ir un poquito más al proceso de subjetivización de cómo se constituyen los hombre y como se constituyen las mujeres, esa diferencia está constituida en matrices de pensamiento teológico. Yo creo que la emancipación es urgente y necesaria. También creo que es un mal de occidente, que todo tenga que tener nombre. Por ejemplo: si soy de izquierda o soy de derecha te obliga a mantener una identidad. Pero si la realidad es cambiante no puedes mantener solo una identidad, el ser humano es reflexivo, piensa y hace por las circunstancias que va viviendo. Entonces yo sí creo en la reivindicación como proletario, como mujeres, como indígenas todo eso integral, porque para mí no se puede pensar la realidad parcialmente y la emancipación también. (Ixkik)

Fica claro que, todas estas construções e posturas políticas vão produzindo e estabelecendo novas representações no sistema simbólico das mulheres e povos indígenas da Guatemala, mesmo que por muito tempo não tenham sofrido muitas alterações. Estas representações são totalmente diferentes dos imaginários sociais construídos na base de uma série de preconceitos e estereótipos, que a longo de nossa história instalaram e afirmaram o sistema racista que impera na Guatemala. Nesse sentido, as rígidas e permanentes variáveis com as quais se têm identificado sempre as mulheres indígenas, e que como mencionáramos antes, foram influenciando diretamente nos sistemas de crenças da sociedade guatemalteca, agora pode-se dizer que partindo destas trajetórias e resistência como de outras experiências, propostas e lutas tanto individuais como coletivas vêm fazendo aportes importantes no processo de alterar os padrões de dominação e exclusão que as mulheres indígenas vem carregando há vários séculos.

Continuando com esta mesma linha de trabalho, no capítulo que segue apresentarei um breve resumo da violência instalada na Guatemala, identificando desde meu particular ponto de vista e apoiada por vários autores e autoras os momentos fundadores assim como os momentos sustentadores desta violência e como ela afetou e continua afetando a vida das mulheres guatemaltecas e em especial das mulheres indígenas.

CAPÍTULO III

O IMPACTO DA GUERRA NA VIDA DAS MULHERES INDÍGENAS NA GUATEMALA

Neste capítulo tentarei fazer uma aproximação ao impacto que a guerra tem gerado na vida das mulheres indígenas na Guatemala. Falarei sobre sua gênese, e as implicações da violência que enfocarei são aquelas que vêm desde o terror generalizado que esta ação bélica impõe, através de suas diversas estratégias e ferramentas sobre as populações, especialmente aquelas que ficam mais vulneráveis; até o feminicídio, fenômeno que tem como alvo a vida das mulheres. Também se registrará como as mulheres iniciaram processos de reconstrução e liderança a partir da violência. Para isso, partiremos de vários questionamentos: Por que é necessário dirigir nosso olhar na direção das mulheres indígenas no marco da guerra na Guatemala? Quem são os verdadeiros responsáveis pela guerra na Guatemala? Por que as mulheres indígenas são mais suscetíveis à violência sexual na guerra? Por que depois da guerra as mulheres continuam sendo o alvo da violência sexual e da morte?

A violência, como menciona Jacorzynski, (2002, p.5) “*há sido uno de los temas de moda en los últimos 50 años*”. Neste curso, tem-se reconhecido que este fenômeno que conta com diversas expressões foi constante e permanente na história da humanidade. Com tudo não pode-se esquecer que:

La violencia organizada nace junto con el aparato estatal centralizado que promueve el desarrollo de la tecnología militar, las

políticas expansionistas la conquista por medio de la guerra. (...). Wolf procede a explicar las divisiones y las guerras totales del mundo moderno haciéndolas depender del flujo mundial del capital y, por consiguiente, de la movilización global de los recursos y de la fuerzas humanas, de la división del trabajo a nivel mundial y por la cual las diversas regiones del mundo se especializan en la producción de recursos particulares y en la creación de los grandes bloques de poder. (WOLF apud JACORSYNSKI, 2002, p. 8)

Falando do mesmo tema e, também, concordando com Jacorsynski, Adolfo Guilly (2006) manifesta que:

La inconmensurable destrucción que significó y significa la imposición violenta del mercado capitalista desde el siglo XVIII, a través del sangriento siglo XIX y de las dos guerra mundiales del siglo XX, ese mercado sin ley que continua hoy diseminando como una pandemia la violencia como forma habitual de intercambio y relación entre los seres humanos. (GUILLY, 2006, sem p.)

É assim, que a violência como produto da biopolítica, acontece constantemente na vida de homens e mulheres. Porém, o problema que faz parte do pano de fundo, onde transitam as interlocutoras, é a violência contra as mulheres. *“A violencia es un fenómeno de una complejidad casi fantástica. Podemos hablar con sentido de violencia en relación con una gama asombrosamente inmensa de líneas de conducta y de situaciones”*. (TOMASINI, 2002, p.22). Este fenômeno pode afetar física, psicológica e emocionalmente, e é de caráter, político, estatal, estrutural, econômico e sociocultural. Como problema social já

é reconhecido em todos os continentes, países e na maioria das culturas. Uma das expressões mais brutais da violência contra as mulheres é a Violência Sexual, a mesma que, desde diversos estudos da corrente feminista, assim como das ciências sociais, ciências da saúde e a psicologia, tem se comprovado que os efeitos são devastadores para a própria vida das mulheres afetadas, quanto para suas famílias e comunidades e países.

La violencia sexual también puede causar traumas psicológicos de largo plazo y depresión severa. Más allá de la tragedia individual, la violación tiene un impacto social más amplio (...). Los combatientes saben que, violando a las mujeres de una comunidad, pueden quebrar los cimientos de la sociedad, ya que ese crimen es culturalmente humillante y desmoralizante para los hombres también. (HENCKAERTS, 2008) Informação verbal

Depois de incontáveis e aprofundadas pesquisas, assim como de diversas ações políticas, tem se reconhecido que a violência contra as mulheres tem suas origens nas entranhas do sistema patriarcal, que cria as condições e agendas políticas de ordem que procura submeter às mulheres: *“Ya que, castigando y sometiendo a los cuerpos de las mujeres intenta aplacar todo intento de insurrecciones y resistencias”*. (GLADYS TZUL, 2009) Informação verbal

Porque nós mulheres somos estigmatizadas desde o momento de nascer com o corpo de mulher, que se converte numa marca negativa e nos vulnera permanentemente. O corpo é constantemente construído através da discursividade. *“De modo que el cuerpo recibe la inscripción*

narrativa de la historia, constituyéndose en un cuerpo sexuado que soporta los modos institucionalizados del control". (FEMENIAS, 2003, p.59)

Segundo Bourdieu (2000), para compreender a dominação feminina é necessário compreender estruturas inscritas na objetividade e subjetividade dos corpos. E aqui não se pode deixar de sublinhar o quanto a globalização vulnera os corpos das mulheres através da violência, porque *"la globalizacion (...) no es posible sin una permanente vionlencia"*. (GUILLY, 2006, p.19) Que cada vez se faz mais constante e cruel. Nesse sentido, María Luisa Femenias, na sua palestra sobre: *"Corpo, Violência e Poder"*, apresentada no Fazendo Gênero 2008, diz que: *"Nossos corpos são atravessados pelo poder e circulados pela informação. Potencializando-se constantemente pelo fenômeno da globalização. Daí que o Estado é um corpo que nasce patriarcal, onde os signatários são varões e as mulheres não firmaram o pacto porque foram excluídas"*. informação verbal

Pelo que, nossa identidade do gênero é:

Um sistema de referencias creadas socialmente y culturalmente que nos diferencia a las mujeres de los hombres en todos los ámbitos de nuestra participación. Sobre nuestras características sexuales se nos imponen socialmente los papeles que corresponden al imaginario colectivo y simbólico de ser mujer, que es diferente en cada sociedad y tiempo específico, pero con la particularidad de que a través del género se ha establecido un orden jerárquico que históricamente ha

privilegiado a los hombres. (OLIVERA, 2002, p.80)

Como já se mencionara antes, a violência é um produto histórico e, na Guatemala esta tem aparecido em distintos momentos com diversos nomes, estratégias e formas de se expressar . Neste andamento as mulheres, em particular as mulheres mayas, têm sido profundamente afetadas.

Na Guatemala, tem se identificado a violência sistêmica desde a colônia partindo com a cristianização, o racismo, ladinizacão, castellanizacão, exploracão. Logo na década dos cinquenta, no meio da guerra fria, a violência faz-se presente no insistente discurso anticomunista dos Estados Unidos. Já, na década de 70 a violência era conhecida como política de Segurança de Estado; atualmente identifica-se abertamente como: “Guerra contra o narcotráfico”, “Guerra contra o terrorismo” ou “Guerra preventiva”. Toda esta ideologia de opressão, convertida em um aparelho bélico, estruturou e planejou a guerra contra-insurgente na Guatemala. Guerra que promoveu e cometeu massacres incontáveis, em que as mulheres constituíram-se como o principal botim. Visto que: *“En el contexto de conflicto político-militar, la sexualidad femenina tiende a convertirse en un espacio simbólico de lucha política”*. (JACORZYNSKI, 2002, p.12)

O problema da violência contra as mulheres e, em especial da violência sexual, nos processos graves da guerra tem sido identificado já, desde as guerras de Timor do leste, Libéria, os Bálcãs, a Serra Leoa, onde as mulheres, meninas, anciãs e adolescentes foram utilizadas como botim de guerra, atacadas, sequestradas, estupradas, torturadas e

assassinadas por: militares, milicianos, e membros da policia, e outros grupos armados que fazem parte das zonas de guerra.

En el conflicto armado colombiano las mujeres son víctimas de prostitución forzada, esclavitud sexual, violación, trata de personas y hostigamiento (...) Sus cuerpos son usados como armas de guerra por grupos armados que tratan de amedrentar al otro y que arrojan como únicas perdedoras a las mujeres. (VIII INFORME SOBRE VIOLENCIA SEXUAL CONTRA LAS MUJERES, COLOMBIA, 2009). Informação verbal

Outro caso recente que aparecera na capa dos jornais do mundo foi o julgamento e o condenação dos primos Milan e Sredoje Lukic, acusados de etnocidio na Bósnia, onde:

Tanto el Tribunal para la ex Yugoslavia como el Tribunal Estatal de Bosnia y Herzegovina han reunido pruebas sobre el secuestro de **jóvenes posteriormente recluidas, violadas y sometidas a otros delitos de violencia sexual en el hotel Vilina Vlas**, cerca de Visegrad. Esas pruebas señalan la responsabilidad de Milan y Sredoje Lukic como autores de violación y otros delitos de violencia sexual. Más de 200 mujeres fueron violadas por los paramilitares en hotel Vilina Blas. (ZIN,2009, P.1) grifo meu.

A violência sexual contra as mulheres em tempo de guerra não foi condenada senão até recentemente e nos casos da República Democrática do Congo, em Mianmar, em, Uganda, no Sudão e, especialmente, depois das 40 mil mulheres que sofreram estupro durante

a guerra da Bósnia, assim como os massacres e estupros massivos cometidos contra as mulheres em Ruanda. No caso da Guatemala.

El 99% de la violencia sexual ejercida contra mujeres durante 36 años de la guerra civil fue cometida por integrantes del Ejército, patrulleros civiles y las llamadas patrullas de autodefensa civil, fuerzas paramilitares creadas por el gobierno en aquel entonces. (MÉNDEZ, 2008,) Informação verbal

Este problema da violência sexual contra as mulheres durante a guerra na Guatemala fora identificado e tratado nos dois informes da memória tanto em: *Guatemala Memória do Silêncio*, da Comissão para o esclarecimento Histórico (CEH), quanto em *Guatemala Nunca Mais*, do Escritório de Direitos Humanos do Arzobispado (REMHI).

En la CEH, el capítulo se denominó “Violencia sexual contra la mujer” y distingue dos formas de utilización de la violencia sexual por parte del Ejército de Guatemala, especialmente entre los años 1981 y 1983: 1) Las violaciones masivas contra mujeres mayas y 2) las violaciones sexuales en contexto de represión selectiva. También se documenta el castigo y aislamiento que sufrieron las mujeres indígenas por parte de sus comunidades por ser sobrevivientes de abusos sexuales. El uso de la violencia sexual fue reconocido en ambos informes como una práctica sistemática, generalizada, planificada y ejecutada como acto de exterminio. Para su ejecución existió un entrenamiento castrense específico. (...) Ejecuciones extrajudiciales: El Estado ejecutó a 30,500 mujeres aproximadamente (23% del total de ejecutados) con disparo de armas de fuego; golpes con palos, armas o machetes; por degollamiento, y mediante fuego (quemadas

vivas en una escuela o casa luego de ser capturadas). Detención ilegal y desapariciones: el 12% de las personas desaparecidas y el 23% de las personas detenidas ilegalmente eran mujeres. Torturadas: Además de la violación sexual las prácticas de tortura habituales contra las mujeres fueron golpizas, asfixia bajo el agua o en baldes de excrementos, descargas eléctricas, simulación de ejecuciones, entre otras. Se produjeron hechos de esclavitud sexual en oportunidades de cometerse masacres en periodos de tiempo que van desde un día hasta cuatro días (la mayoría de las víctimas fueron posteriormente ejecutadas); y en contexto de detención, tanto en áreas rurales como urbanas, en periodos que van desde los días hasta meses- muchas mujeres eran liberadas y posteriormente recapturadas- en cárceles, destacamentos militares y áreas de refugio. Asimismo, las mujeres sobrevivientes fueron obligadas a cocinar, limpiar, lavar y bailar para los soldados, también fueron forzadas algunas a unirse con los captores o torturadores, hubo también amputación y mutilación de sus órganos sexuales. (INSTITUTO DE ESTUDIOS COMPARADOS EN CIENCIAS PENALES DE GUATEMALA, 2006, p.10-12)

É importante mencionar, que existem várias queixas de organizações de mulheres sobre, a coleta de dados através das entrevistas, neste processo, já que segundo diversas pesquisas cometeram-se vários erros que foram reconhecidos pelas instituições responsáveis pelos informes, pois desde o início não se tinha a intenção de levantar dados relacionados com a violência sexual contra as mulheres. Isso permitiu que muitas vezes nem se fizessem perguntas a respeito ou as perguntas não eram pertinentes.

Porque estos actos fueron naturalizados tanto por las personas responsables de levantar los datos como por las mismas víctimas, ya que las mujeres tenían miedo de hablar para no ser estigmatizadas socialmente.(INSTITUTO DE ESTUDIOS COMPARADOS EN CIENCIAS PENALES DE GUATEMALA, 2006, p. 15)

Além, de contar com todos estes dados baseados em depoimentos tanto de homens como de mulheres sobreviventes, depois de serem publicados, só se tem falado ligeiramente do problema. Embora se conte com instrumentos legais nacionais e internacionais que poderiam ser utilizados na procura de justiça para estes fatos de violência dos direitos humanos tanto de homens, mas especialmente no caso de mulheres, os etnocidas e estupradores, ainda, estão soltos sem serem punidos. “É assim que o estupro como arma de guerra continua sem encontrar justiça para as vitimas”. (HASESIC apud ZIN, 2009, p.1). Flor de Copal una das entrevistadas narra que:

Llegaron los soldados a la comunidad, la gente decía ya vienen y traen a una mujer que va a señalar quienes están apoyando a la guerrilla. Cuando llegaron convocaron a toda la comunidad y le preguntaban a esa mujer, y ella decía este si y este no. Los que fueran identificados como personas que no estaban involucrados con la guerrilla, contradictoriamente los golpeaban frente a la gente y los mataban. En esa reunión señalaron a mi papá y a un tío; los encerraron en una casa, les interrogaron y luego los liberaron. Al siguiente día a la una de la mañana llegaron los soldados para acabar con la comunidad, ya venían de otras comunidades vecinas que habían arrasado. En mi aldea cuando la gente quiso salir huyendo estaba rodeada por todos lados y

*no hubo manera de salir de allí. Fueron escogiendo a los líderes y a las comadronas y luego los mataban. Yo andaba con mi papá y no quería dejarlo, pues **ese era el final de mi papá**. A todos los ancianos y jóvenes que habían sido señalados, los llevaron en procesión a la orilla del río Cuilco, llegaron a un caserío que se llamaba la hamaca y los soldados incendiaron las casas y yo no pude ir hasta allí, **porque mi papá se había ido**, las casas en llamas y los niños gritaban. Los soldados hicieron dos hoyos, mataban a la gente y las metían allí, ahorcaban a la gente y a otros medio vivos también los metían allí, fue horrible porque los soldados obligaban a matar a sus propias familias, pues sino los mataban a ellos. La poca gente que quedo empezó a huir. (Flor de Copal) Grifo meu.*

O relato do que foi vivido por Flor de Copal durante a guerra deixa claro que as mulheres foram vítimas em todos os sentidos, já que além de serem usadas e obrigadas, pelo exército, a prestarem serviços como informantes e serem estupradas, também, foram sequestradas, torturadas e assassinadas. A vida das mulheres nas áreas onde as ações bélicas foram mais intensas esteve em constante perigo e, embora muitas delas tenham saído com vida desta experiência, com várias marcas externas, com certeza as internas são tão profundas que passarão muito tempo antes que estas possam ser superadas, especialmente porque na Guatemala não se conta com programas especializados de apoio para as sobreviventes da guerra.

Dia 29 de Dezembro de 1996, data bastante simbólica, já que chegava-se ao fim de um período extremamente cruel para todos os guatemaltecos e guatemaltecas; guerra que sem dúvida nenhuma foi a

segunda barbárie⁴⁵, depois da colonização, para os povos indígenas e, em especial, para as mulheres mayas, pois neste capítulo da história da violência na Guatemala, foram elas, as protagonistas da morte. Falando da guerra e o impacto na vida das mulheres guatemaltecas, Miriam Maldonado (uma das ativistas entrevistadas) manifesta que:

Las mujeres durante el conflicto armado interno⁴⁶ están en la búsqueda de salvaguardar su vida y muchas mujeres son obligadas a vivir en el exilio, obligadas a vivir la pérdida de sus seres queridos, pérdidas materiales y morales en el marco del proceso. Hay mucha niñez involucrada, adolescentes, mujeres jóvenes con familias, también ancianos, padres y madres y cada grupo social va asumiendo sus condiciones de sobrevivencia. (...) Las mujeres fueron creando estrategias inmediatas, siempre en el marco de preservar la vida. (...) Habían diversas maneras de sobrevivencia como refugiándose en otros países, involucrándose en organizaciones, también formando parte de las fuerzas armadas rebeldes, otras haciendo acciones mas desde la sociedad civil para denunciar. Pero a mí lo que más me impacto es como las mujeres empezaron a generar una articulación para buscar a sus hijos y esposos desaparecidos, así como para reclamar justicia para sus muertos y castigo para los responsables de las innumerables violaciones que como mujeres, adolescentes y como niñas estaban sufriendo. Las mujeres fueron forzadas por el ejército para que tomaran parte de la vida de las fuerzas

⁴⁵ Desde meu ponto de vista, considero a primeira barbárie contra os povos indígenas a chegada dos espanhóis conjuntamente com o processo da colonização. Identifico concretamente como a segunda barbárie o processo de Guerra vivida durante os 36 anos compreendidos entre 1962 e 1996. Contudo isso não significa que o processo de violência extrema fora interrompido, pois como se demonstra ao longo do trabalho, a violência foi instalada desde a chegada dos espanhóis e tem uma continuidade absurda até nossos dias.

⁴⁶ Conflicto Armado Interno: Conceito que algumas pessoas utilizam para identificar o processo de guerra que se viveu na Guatemala por mais de três décadas.

armadas, pero de forma inhumana y denigrante, porque en muchos lugares fueron usadas sexualmente, o para la cocina, para mantener a la tropa y oficiales. Creo que las mujeres conforme sus historias de dolor, de miedo del terror que vivieron las sobrevivientes, fueron encontrando los mecanismos o las alternativas que les presentaba el momento y la oportunidad y fueron muchos años, durante ese tiempo, fueron varias generaciones y muchas vivencias de las mujeres. (Miriam Maldonado)

Retomando o que Maldonado expõe sobre as mulheres durante a guerra, é de capital importância não esquecer que estas mulheres, em sua maioria, eram indígenas, monolíngues; que poucas ou muito poucas tinham saído de suas comunidades, mas que reinventaram suas vidas, fora dessas comunidades, fora de suas famílias e até fora da Guatemala, marcadas pela violência extrema vivida, mas com a coragem e a determinação de sobreviver e não serem vencidas na segunda barbárie.

Esta mesma determinação permitiria o surgimento de diversas organizações, entre outras, é importante mencionar a Coordenadora Nacional de Viúvas de Guatemala, CONAVIGUA. Integrada no seu primeiro momento por mais de quinze mil viúvas, que em sua maioria eram mulheres indígenas de diversas comunidades linguísticas do país e que reclamavam com diversas ações, justiça e castigo para os genocidas responsáveis por centenas de massacres cometidos contra os povos mayas, e a morte e tortura de milhares de mulheres e homens.

O segundo ponto a destacar é como elas, ao mesmo tempo, geraram diversos mecanismos de resistência⁴⁷ que foram criados,

⁴⁷ Segundo Foucault, onde há poder, há resistência. Por esse motivo ela nunca se encontra em posição de exterioridade com relação de poder. A resistência somente pode existir, por

desenvolvidos e aplicados na tentativa de alcançar seus objetivos, promover suas idéias, força e melhorar suas condições de vida. Pelo que: “*se constituem em protagonistas indiscutíveis da resistência e do enfrentamento ante a barbárie*”. (D’ATRI, 2008, p.158)

Apenas no ano de 2008 o Conselho de Seguridade das Nações Unidas através da resolução 1820, reconhece que a violência sexual sistemática e generalizada contra os civis é uma ameaça contra a paz e a segurança internacional. No mesmo ano, numa entrevista, Jean-Marie Henckaerts, assessora jurídico do Comitê Internacional da Cruz Vermelha, sobre matéria de mulheres e guerra, referindo-se à resolução adotada pelo Conselho de Seguridade das Nações Unidas, sobre *a Violencia sexual como método de guerra* menciona que esta resolução assinala:

La violación y otras formas de violencia sexual son inaceptables en los conflictos armados, así como en tiempo de paz. Por otro lado, la resolución reconoce que esa violencia contra los civiles no es solo un producto derivado de la guerra, sino, con frecuencia, un método bélico utilizado sistemáticamente para desestabilizar, desmoralizar y humillar a las comunidades y obligarlas a huir de su lugar de residencia.(INFORME DE NACIONES UNIDAS SOBRE VIOLENCIA SEXUAL CONTRA MUJERES 2008)

Voltando ao caso específico da Guatemala, a violência tem se desenvolvido histórica, política, econômica, cultural e socialmente.

definição, no campo estratégico das relações de poder; há resistência em potência. (ALCADIPANI, 2005, p.133).

Tem a ver com as construções biopolíticas e imposições sistêmicas do capitalismo-neoliberal que geraram e possibilitaram as estratégias da violência. Ou seja, as que fundaram em determinados momentos políticos e sua recomposição no presente: o despojo, exclusão e morte de incontáveis guatemaltecas. Iniciada com a invasão e colonização dos europeus; continuada através da guerra recentemente acabada como efeito da guerra fria entre os Estados Unidos e a União Soviética, assim como os processos da neocolonização externos e internos; situação que fora comprovada à luz da teoria e da história em diferentes ocasiões ao longo deste trabalho. Porque como o manifestou Guzmán-Böckler “*la Violencia no solo es la primera cara de la colonización sino su hilo conductor. Desde la conquista hasta nuestros días (...) es ya una tradición ininterrumpida*”. (GUZMÁN-BÖCKLER, 1978, p.115)

NO MEIO DA ESCURIDÃO, UMA CENTELHA DE ESPERANÇA

Para dimensionar a emergência das diversas práticas discursivas com aquelas que as interlocutoras desta etnografia fazem à “resistência” cotidiana que lhes permite transgredir as estruturas impostas, se faz necessário revelar as diversas realidades onde elas vêm se construindo como sujeitas políticas, sociais e intelectuais. Nesse sentido, tanto no capítulo I quanto no II abordou-se amplamente o processo devastador da colônia, seus interesses e resultados e como estes vêm afetando a vida dos povos indígenas, as mulheres e os pobres da Guatemala, até o presente.

Aqui aprofundarei os dados, reflexões e acontecimentos da história recente do país, com o propósito de revelar com clareza as

origens que deram pé à guerra interna na Guatemala, a mesma que será objeto de análise, pensando no impacto que ela causara a vida dos povos mayas, as mulheres indígenas, as famílias e em particular os processos de subjetivação e objetivação das protagonistas desta etnografia. Visto que a maioria delas vivera na época da intensidade da guerra e, as mais novas, só os efeitos do pós-guerra. Mas tem que se reconhecer que o que lhes é comum a todas, pelo fato de serem mulheres mayas e integrantes de gerações próximas, é a violência sistêmica contra as mulheres, com a qual se defrontaram nesses momentos e atualmente.

É no âmbito da doutrina de Segurança Nacional, empurrada para os interesses do sistema capitalista, que na década de sessenta instalaram-se várias ditaduras na América Latina, e a Guatemala não foi exceção. Visto que em 1954, com a desculpa da luta contra o comunismo, os Estados Unidos interrompem abruptamente a ilusão de uma incipiente democratização do país; conhecida como a Revolução de 1944. (a mesma que já fora tratada no capítulo II) Depois da contra-revolução dirigida pela Central de Inteligência dos Estados Unidos (CIA), iniciando com a ditadura do coronel Carlos Castillo Armas, inicia-se uma escalada de regimes militares que desencadearam crises políticas e rupturas históricas.

Ao iniciar-se a guerra, ao final dos anos 60, se estabelece o Estado contra-insurgente, dirigido pelos oligarcas, militares e também pela Agência de inteligência Norte americana (CIA). Caracteriza-se pelo uso da força e a imposição através das relações de poder desiguais fundamentadas no autoritarismo, na militarização da sociedade, na

repressão, na pobreza e na exploração, pois: “*La creación de los modernos imperios coloniales se realizó a través de matanzas más pavorosas que las de la primera y la segunda guerras mundiales acumuladas*”. (GUILLY, 2006, p.32) Y “*donde los valores humanos fueron trastocados profundamente y la vida dejó de ser un valor fundamental y fue arrebatada impunemente*”. (Estela Maldonado, 2009) informação verbal.

A violência através da guerra na Guatemala converteu-se no meio para que os oligarcas, representados pelo exército nacional, lutassem para conservar o poder sob os interesses hegemônicos do sistema capitalista, e, de outro lado, a guerrilha tentar conseguir organizar um sistema socialista, com a ideia de estabelecer um sistema mais equitativo. Este episódio durou 36 anos. Em seu início, esta confrontação ocorreu diretamente entre o exército guatemalteco e o primeiro grupo guerrilheiro que nasceu no ano de 1962 com o nome das Forças Armadas Rebeldes, conhecida por sua sigla, como as FAR. Grupo que fora desmantelado quatro anos depois de sua integração devido às táticas do exército dirigidas pela oficina de inteligência dos Estados Unidos de América.

Silvia Soriano (2006) em seu livro: “*Mujeres y Guerra en Guatemala y Chiapas*” menciona que o movimento guerrilheiro aparecerá novamente em 1975 com dois novos grupos: o Exército Guerrilheiro dos Pobres, conhecido como o EGP e a Organização do povo em armas, identificada como ORPA. Tem que se destacar que as FAR, iniciaram-se no oriente e na capital do país onde a população é em sua maioria ladina e urbana. E os outros dois agrupamentos

armados fizeram sua aparição no altiplano do ocidente da Guatemala, onde a concentração de população é majoritariamente indígena e campesina. Já em 1982, depois de ter se iniciado a onda de repressão maior do exército e todos os grupos paramilitares, o movimento guerrilheiro integra-se na Unidade Revolucionaria Nacional Guatemalteca (URNG) que, no final desta guerra, é quem assinaos acordos de paz em 1996.

Dentro dos diferentes grupos guerrilheiros também conta-se com a participação das mulheres, as quais em sua maioria decidiram pegar as armas como única possibilidade de transformar as condições de extrema desigualdade, em que o povo guatemalteco vivia. Porém, também conta-se com mulheres que decidiram ser parte do movimento guerrilheiro como unica alternativa de sobrevivencia. Sabe-se que as primeiras mulheres a fazerem parte destes grupos revolucionários foram mulheres ladinas e estudandes das cidades, especialmente. Embora não se tenha muita informação a respeito, as mulheres indígenas incorporam-se à guerra como combatentes já nos finais da década de 70. E sua incorporação massiva se dá a partir do genocidio. Elas tiveram que deixar de usar sua roupa tradicional e uma série de costumes, para vestir o uniforme de combate e fazer parte destes grupos armados. Se bem é certo que durante a guerra elas, junto com seus companheiros , lutaram pelos mesmos ideais, é importante revelar que foram muito poucas aquelas mulheres que ocuparam os altos mando e não se conhecen nombres de mulheres indígenas. O processo da negociação da paz contou-se com a presença de Luz Mendez, uma mulher da alta

hierarquia dentro as relações diplomaticas da guerrilha mas sem grado militar.

Para que se llegara a la vía armada por parte de los campesinos, indígenas, militares, militantes de la izquierda, estudiantes, religiosos.... Mujeres y hombres guatemaltecos, se recorrió un sinuoso camino, que fue dibujando, a través de varias generaciones a la guerra como el medio para conseguir un fin que podría resumirse en pocas palabras que engloban muchas razones: una cotidianidad más igualitaria. (SORIANO, 2006, p.70)

Por outro lado, o processo desta guerra na Guatemala foi um dos mais complexos, cruéis e longos da América Latina.

A lo largo de 36 años, la guerra interna en Guatemala tuvo tres momentos bien definidos: el inicial que se extiende de 1962 a 1970, en el que el teatro de operaciones se localizó en el oriente del país y luego en la capital e involucro a población ladina en su mayoría. El segundo, comprendió entre 1975 y 1982, corresponde a un nuevo teatro de operaciones, que se traslada de la región del oriente al altiplano occidental, de mayoría maya, con complicaciones hace el norte y la costa sur. Esta visión, y la localización de las acciones armadas en regiones más densamente habitadas por grupos mayas, hace que el conflicto cobre más vidas y destrucción entre la población civil, principalmente campesina. El tercer momento, que se extiende de 1982 a 1996, corresponde a un periodo difícil, en el que la insurgencia si bien ha sido política y militarmente derrotada, pues ya no se

perfila como alternativa posible en el plano político ni esta en condiciones de ganar la guerra, no ha sido aniquilada, en términos estrictamente militares. Es el periodo en el que se inicia la transición a la democracia que coincide con la persistencia de acciones armadas, violencia política y violaciones a los derechos humanos junto a las negociaciones de paz, que concluyen en 1996 (GÓMEZ, 2000, p.43)

Este evento extremamente violento, teve implicações genocidas, tocou profundamente a vida das e dos guatemaltecos, mas em especial dos povos indígenas, entre eles as mulheres e as crianças, pois a maioria dos fatos:

Fueron constitutivos de violaciones a los derechos humanos (...) se expresó en: violencia sexual contra las mujeres; violencia contra la niñez; negación de la existencia, integridad e identidad cultural de los pueblos indígenas; violencia colectiva en contra de población indefensa (masacres) y en algunas regiones del país y en determinados años, genocidio, desplazamiento forzado; privaciones de libertad; negación de justicia y atentados en contra de la libertad de expresión. (GÓMEZ, 2000, p. 39).

Durante quase três décadas sucedem-se, uma atrás de outra, as ditaduras mais sangrentas de nossa história, as quais se constituíram nos capítulos mais escuros e vergonhosos da história do país. Períodos em que a violência e especialmente a violência sexual contra as mulheres foi usada como uma arma de terror que transgrediu não só seus corpos, senão também suas almas e espíritos, assim como o de suas famílias e

comunidades. Executando-se nessa época a maioria dos crimes de lesa humanidade cometidos contra mulheres, crianças, idosos que, em sua maioria, pertenciam aos diferentes povos indígenas da Guatemala.

Como sucedió en Rio Negro, al noroccidente de Guatemala, en donde el paso del camino había más de 25 mujeres ahorcadas y colgadas de los árboles con los prematuros productos de sus vientres convertidos en cadáveres colgando aún de sus entrañas – por ser futuros guerrilleros, dijo el golpista genocida Ríos Montt (OLIVEIRA, 2002, p.79) grifo meu

Entre 1978 e 1985:

El uso del poder político (...) y el auge de la violencia y el militarismo- en sus variantes de dictadura militar y autoritarismo civil-, como mecanismos imprescindibles para reprimir el estallido de las contradicciones derivadas de las desigualdades sociales,” (REGALADO, 2006, p.111)

Este foi utilizado barbaramente, nestes oito anos. O informe *Guatemala Nunca Más* assinala que: a violência utilizada por os aparelhos do Estado nos governos militares de Lucas García e Efraín Ríos Montt, na sua ânsia por destruir a guerrilha recorreu às massacres, à destruição massiva das povoações civis” partindo de quatro planos militares, sendo estes identificados como: “*Victoria 82, Plan Operativo Sofía, Operación Ixil y Plan Firmeza 83*. Assim como ao maléfico método conhecido como de “*Tierra Arrasada*” como descrito a seguir.

Durante el conflicto armado interno, el ejército y los sectores oligárquicos de

Guatemala, ensayan toda una serie de estrategias, muchas de las cuales fueron delineadas directamente por los Estados Unidos en el marco de la guerra fría y especialmente por la denominada “Escuela de las Américas”. Dentro de ellas, por su crudeza y salvajismo, resalta la denominada “Política de Tierra Arrasada” que se extiende a la masacre y exterminio de poblaciones enteras. En sí, tierra arrasada en Guatemala es sinónimo de Genocidio. Si bien es cierto, el ataque frontal a la población se marca como tendencia generalizada a partir de la Masacre de Panzós durante el gobierno de Kjell Eugenio Laugerud García y se recrudece durante el Gobierno de Romeo Lucas García la tierra arrasada toma forma y exagera su salvajismo durante el gobierno del General José Efraín Ríos Montt (GAYÁ, 2008). Informação verbal

Yolanda Colon, (2000) narra em seu livro, *Mujeres en la Alborada*.

Poco tiempo después de haberse implementado el método de Tierra Arrasada en el occidente del país, aumento significativamente el trabajo sexual de las mujeres indígenas, tanto en la capital como en otras partes del país. (COLON, 2000, p.)

Neste período também eram comuns os sequestros, a tortura e outras formas de violência seletiva que aumentaram incrivelmente as cifras de morte no país, “*Mataron a varias mujeres embarazadas, ancianos y ancianas, nadie vio exactamente cuantos eran, nadie conto por el miedo.* (REMHI, 1998, p.4). Adela uma das protagonistas, a qual se identifica como da geração da guerra, nos conta.

*Tengo presente cuando ya esta instalada la política de “tierra arrasada” eso implicó todo un sistema de militarización, control, represión indiscriminada. Inicialmente la violencia era enfocada en liderazgos en ciertos sectores, ciertos lugares, pero en los 70 se generaliza creo que tiene que ver por un lado por el crecimiento de la acción guerrillera (...) y las directrices de control social que venían de gringolandia⁴⁸ en el marco de la guerra fría. San Cristóbal es un lugar geográficamente estratégico por lo que había más actividad política, pero también más polarización, allí era más claro que uno o estaba con los guerrilleros o con los soldados. **Mis hermanos fueron obligados a patrullar, servicio obligatorio con armas en mal estado o de palo, los colocaban al frente y los soldados se escudaban en ellos era una cosa terrible.** En ese entonces yo participaba un poco e el sindicato de Cobán, muchos de mis profesores fueron desaparecidos. Los secuestros y masacres eran diarios, en el parque exhibían los cadáveres quemados diciendo que eran guerrilleros, y en realidad se veía que eran campesinos. Yo creo que nos afecto a todos, toda mi familia hizo una práctica del silencio, porque casi todas las familias en San Cristóbal tenían integrantes en uno u otro bando. **Hasta la fecha nosotros somos gente que habla poco, tanto el pueblo como mi familia pues porque hablar significaba muerte, hay muchas cosas que no se han trabajado individualmente ni de manera colectiva.** (Adela)*

Vários elementos mencionados no depoimento de Adela revelam que durante todo o processo da guerra, os homens constituíram-se nos atores principais, já que como afirma Mercedes Hernández, eles estiveram representados

⁴⁸ Gringolandia, nome no qual algumas pessoas se referem aos Estados Unidos da América.

Desde el alto mando responsable por las acciones contrainsurgentes hasta las tropas que llevaron a acabo gran parte del terror, pasando por los campesinos forzados a servir al gobierno en las patrullas de autodefensa civil. (HERNANDEZ, 2009,p.)

Isto, sem dúvida nenhuma, confirma-nos que as condições de vulnerabilidade que as mulheres enfrentaram nestes processos de terror, colocaram-nas em desvantagem de forma permanente e aumentaram os riscos e inseguranças que ficaram visíveis, como já mencionado nos informes da memória, nos quais se reconhecem que as mulheres foram vítimas diretas da guerra.

Os testemunhos recuperados nos informes tanto do REMHI quanto da CEH dão conta de que a violência sexual, a tortura, o sequestro, as desapareições forçadas e os assassinatos contra as mulheres, durante este período, que foi o mais sangrento da guerra, foram inimagináveis

El terror y el etnocidio se extienden mas haya de la violencia física e incluyen el impacto cultural de las administraciones coloniales y poscoloniales que vivieron los pueblos indígenas de América”. (JACORZYNSKI, 2002, p.12).

Durante a guerra na Guatemala:

En muchas comunidades los soldados violaron a las sobrevivientes después de masacrar a los hombres, mientras que en otras las mujeres eran violadas y torturadas antes de ser asesinadas. Con la militarización y el colapso del orden moral, producto de la violencia

institucionalizada desde la cúspide del gobierno, soldados y patrulleros civiles abusaron de las sobrevivientes, por la mera capacidad (u oportunidad) de hacerlo, por la extrema vulnerabilidad de ellas o porque nadie les impediría hacerlo. (HERNÁNDEZ, 2002, p. 121)

De acordo com o Informe Guatemala *Nunca Mais*, 83% das vítimas foram mulheres e crianças. A maior quantidade de mortes e abusos foi contra as mulheres indígenas das áreas rurais. Porém, também deu-se na cidade, especialmente dentro do movimento estudantil e sindical onde muitas mulheres foram vítimas mortais. Considero que aqui seja o momento onde há especial destaque à narrativa das entrevistadas no que se refere ao processo da guerra vivido; Recolhendo as vozes delas sabemos:

Elizabeth: menciona que os confrontos entre a guerrilha e o exército ocorriam perto de sua comunidade:

*Aún que no viviéramos esas confrontaciones directamente, el **miedo** fue el legado de la guerra.”*
(Elizabeth)

Por sua vez, Emma, conta que durante um tempo viveu a angústia, o medo e o terror.

*Un silencio que comenzaba en la familia, porque no podíamos acreditar **la barbarie** que se estaba cometiendo. (Emma)*

Já para Flor de Copal, que aos sete anos de idade, teve que viver como fiel testemunha do assassinato de seu pai, de outros familiares e a

quase total eliminação de sua comunidade, assim como a separação abrupta do resto de sua família, este momento marca sua vida de tal forma que é um **trauma** ainda não superado totalmente.

No caso de Azucena, ela se lembra que: além de, mudar sua situação econômica e provocar a separação da família, outro aspecto que os marcou profundamente foi a **desconfiança**; o que criou certa necessidade de viver na clandestinidade.

Yo creo que la parte mas perversa desde momento, además de la ruptura con nuestra comunidad y con la familia fue el hecho de que nos forzaran y condicionaran a nunca hablar de eso y ni siquiera decir si estabas a favor o en contra del ejército.(Azucena)

Por seu lado, Marta lembra-se que: em sua comunidade Patzún, muitas pessoas foram assassinadas, entre elas, intelectuais e lideranças comunitárias.

Cuando estaba estudiando, a la escuela llegaban los helicópteros del ejército y nosotros inconscientemente al ver a los soldados sabíamos que era el enemigo. En mi familia no tuvimos muertos, pero nos afecto el terror. (Marta)

Na história da Aury, ela acredita que viveu a guerra de duas maneiras: seu tio, o irmão mais novo de seu pai, foi obrigado a fazer parte do exército. Além disso, a diferença étnica em sua comunidade foi muito importante, tentando disfarçar o racismo praticado pela maioria desse lugar, o fenômeno da guerra foi usado como uma desculpa para matar mais um de seus tios.

No que se refere à experiência vivida por Saqbe´, ela nos conta que pode fazer uma leitura dos acontecimentos somente a partir da fase adulta, porque quando era uma menina não conseguia dimensionar os acontecimentos, porque morava na cidade e não na comunidade de sua família. Recorda-se que:

*Mi mamá lloraba porque el ejército abría **matado** a un tío. Después ella fue para visitar a outro hermano en la cárcel, sufrió mucho pues el había sido **torturado**. Cuando íbamos de la ciudad capital para Uspantan, teníamos que viajar por la noche, porque ella llevaba ropa y comida para la familia de mi abuela. Por otro lado en la casa donde yo vivía tenían una vida política activa, yo viví así todo este tiempo. (Saqbe´)*

Margarita, que é uma das mais novas do grupo, manifestou que no momento do “conflicto armado interno”, como ela o chama, na sua comunidade, as pessoas conversaram e procuraram uma estratégia **para escapar da repressão**, e esta estratégia foi:

Que ninguno de sus miembros seria parte del ejército ni de la guerrilla. Allí no mataron ni secuestraron a nadie. (Margarita)

Por último, Ixkik a caçula do grupo nos conta que se lembra:

*De las patrullas militares cuando agarraban por la fuerza a los jóvenes que tenían entre 16 y 18 años para el ejército; el clima de **medo** siempre estaba en la casa, porque mi papá era un activista. También me recuerdo de las patrullas de auto defensa civil. Ahora bien hay que notar que los que en esa época eran comandantes, ahora son pastores evangélicos y animadores católicos, es ininteresante ver esto desde como el poder se mueve de una sector a otro. Por*

otro lado, creo que la guerra no fue tan fuerte aquí, no tuvimos grandes matanzas porque todos eran protestantes, y sabían que los protestantes eran anticomunistas. (Ixkik)

Mas por outro lado: “*A pesar de lo traumático del proceso, (...) existe un saldo positivo para las mujeres: y sus subjetividades se da la ampliación de los espacios críticos entre los modelos sociales e la realidad.*” (OLIVEIRA, 2002, p.84). Embora as protagonistas desta etnografia tenham se constituído nesse contexto, sua resistência emergia de maneira constante e criativamente, revelando-se e transgredindo tanto os espaços privados quanto os públicos.

Porque a partir do momento em que há uma relação de poder, há uma possibilidade de resistência. Jamais somos aprisionados pelo poder: podemos sempre modificar sua dominação em condições determinadas e segundo uma estratégia precisa. (FOUCAULT, 1979, p. 241)

Decorre daí que as diversas estratégias e formas de sobrevivência, as quais têm a ver com diversos processos, métodos e metodologias para transformar os efeitos da violência, tanto física, sexual, psicológica, quanto política, também são motivo de estudo, posto que as mulheres em todas as partes encontram-se estudando a problemática, propondo alguns modos de solução, mas principalmente, estão colocando a mesma no debate público, onde permanentemente conta-se com testemunhos de sobreviventes, assim como ativistas que estão dispostas a continuar lutando para erradicar esta problemática que atualmente é considerada por alguns especialistas com “proporções epidêmicas”.

A DIÁSPORA E O REFÚGIO NO MÉXICO

Como outro produto da guerra, tem-se identificado os massivos deslocamentos na busca de refúgio, das diversas populações civis que se veem envolvidas no meio dos conflitos bélicos. Salvar a vida e fugir da violência brutal que assola os territórios em guerra são os objetivos que mobilizam as mulheres, homens, crianças, idosos para se deslocar internamente ou fora das fronteiras de seus países, onde se convertem em refugiados. Para a maioria destas pessoas, atravessar as fronteiras, tanto de seus países quanto de suas regiões, torna-se a primeira vez a sair de suas comunidades e no caso dos povos indígenas também a maior deles é ainda monolíngue. Além disso, em relação às mulheres e às crianças, elas são sacadas abruptamente de seu cotidiano e retiradas de seus espaços privados a espaços públicos desconhecidos e hostis. Vicenta Matias uma das mulheres indígenas liderança no refugio em uma apresentação no 2008 ela manifestou que:

El ejército comenzó a atacar al pueblo que se organizaba y no hacían diferencia entre la guerrilla y la población civil. Los gobiernos militares consideraban que las comunidades indígenas y campesinas pobres eran las bases de la guerrilla y llevaron a cabo las masacres en comunidades rurales, Ante todo este horror no nos quedó otra opción que huir. (VICENTA MATIAS, 2008) Informação verbal

Chegar até os lugares de refúgio implica uma longa viagem que tem que se iniciar sem nenhuma preparação prévia, na qual nem todos aqueles que iniciaram esta caminhada alcançam a meta. Visto que geralmente neste percurso são perseguidos pelos militares, e também, atacados pela fome, as doenças e a fadiga. Tudo isto faz parte das

experiências recorrentes na vida dos refugiados e refugiadas em todas as partes do mundo, tanto os do: Afeganistão, quanto de Angola, Iugoslávia, Libéria, Timor, Ruanda, Moçambique, Guatemala, Colômbia; enfim, a lista é quase interminável.

Isso sem mencionar que, ao chegar ao refúgio, tem-se que iniciar do zero, sem nenhuma condição de infraestrutura, nem de caráter social; e na maioria das vezes rejeitados pelas pessoas que são originárias do lugar de refúgio. Toda esta experiência juntamente com o trauma criado pela guerra faz da vida dos e das refugiadas um desafio permanente no processo da sobrevivência e na procura de se construir como sujeitos sociais. Neste caso é oportuno apresentar parte da narrativa de Azucena, outra das interlocutoras que vivera o processo de deslocamento interno durante a guerra:

*Obligadamente tuvimos que abandonar todo y de la noche a la mañana nos vimos en total desolación, sin nada. Incluso nos tocó que comer el maíz que le daban a las vacas y el frijol que le daban a los cerdos. La ruptura fue muy difícil, para mis papas fue muy frustrante pasaron años con problemas de alcohol y creo que es lo que siguen arrastrando hasta el día de hoy. Significó la pérdida material y emocional tener que reconstruir la vida, en un pueblo donde tu espacio se reduce y no puedes hablar con nadie del ¿por qué llegaste al pueblo? y ¿qué había pasado atrás? ¿Por qué tenés que enterrar, y buscar a desaparecidos? Era vedado, llegamos a la escuela y nadie habla de la guerra, entonces fueron muchos años de silencio y de no entender que pasó. **Sin embargo aunque es una contradicción, pero tengo que reconocer que la guerra y haber salido de Xesic me dio la posibilidad de seguir estudiando.** (Azucena)*

No final dos anos 70 e o início dos 80 na Guatemala, inicia-se a diáspora de guatemaltecos e guatemaltecas, comunidades completas se veem obrigadas a sair de seus tradicionais e ancestrais lares. Época em que a guerra esteve na sua maior intensidade, segundo informes de diversos organismos internacionais como a Comissão do Esclarecimento Histórico CEH. Nesse período, devido à perseguição e violência extrema constante do exército contra a população civil, deslocaram-se mais de um milhão de pessoas internamente, as quais tiveram que sair pelas montanhas e o mato. Outras 200.000 procurando cruzar a fronteira entre a Guatemala e o México, constituindo-se em refugiados nos estados mexicanos de Chiapas, Tabasco, Quintana Roo e Campeche principalmente; 200.000 mobilizaram-se até os Estados Unidos 400.000 foram exilados em diferentes países, especialmente México, Canadá, Estados Unidos, e outros.

Del millón y medio de personas (aproximadamente) obligadas a desplazarse, el 51% eran mujeres, las que en una cantidad indeterminada murieron em ese contexto de hambre, enfermedades, o por el acoso del Ejercito. (ISTITUTO DE ESTUDIOS COMPARADOS EN CIENCIAS PENALES DE GUATEMALA, 2006, p.30)

O território mexicano historicamente proporcionou refúgio aos guatemaltecos em tempo de paz e de guerra, estes pela proximidade encontraram nesse país a possibilidade de proteger sua integridade física e desenvolver-se posteriormente à sua chegada.

Desde la época de las dictaduras de Manuel Estrada Cabrera (1898-1920) y Jorge Ubico (1931-1944) muchos

guatemaltecos considerados “enemigos del gobierno” escaparon a México para proteger su integridad física. Luego en 1954, tras el golpe de estado que acabó con el experimento nacionalista revolucionario impulsado por Juan José Arévalo (1945-1950) y Jacobo Arbenz (1950-1954) cientos de familias e individuos, cruzaron el río Suchiate huyendo de la cacería anticomunista. (GONZÁLEZ, 2001: p.1)

Além disso, este país também tem proporcionado emprego para muitos cidadãos e cidadãs da Guatemala, os quais diariamente atravessam as diversas fronteiras que unem a Guatemala com o México. Também não se pode esquecer que o México é um país que serve de ponte para os migrantes latino-americanos e de outras partes do mundo. Entre eles também, em grande número, guatemaltecos que empurrados pela miséria procuram chegar aos Estados Unidos em busca de melhores condições de vida, e, por isso, devem atravessar o território mexicano, como alternativa para cumprir seus “sonhos”. E, atualmente, também, estas fronteiras são utilizadas para o tráfico de pessoas, armas, droga e contrabando de todo tipo.

Neste caso, o México se converteria novamente em uma das poucas, senão a única possibilidade de sobreviver, para milhares de guatemaltecos e guatemaltecas que, apavorados pela perseguição, decidem sair e, na maioria dos casos, sem saber para onde estão indo. Por outro lado, as circunstâncias que envolvem o processo de deslocamento e o refúgio, entre os principais problemas, além da sobrevivência física, tiveram a ver com a perda de pertencimento e identidade social, já que estas pessoas não só viram-se despojadas de

suas coisas materiais, suas raízes étnicas, familiares, mas também seus “espíritos” viram-se constrangidos, por todas estas perdas que estivessem rodeadas do terror e a morte que tinha relação com a violação do seu ser individual e social.

Nesse sentido Flor de Copal, que também é uma das interlocutoras narra que:

Después que el ejército asesinara a mi papá fui perseguida por los soldados, me recuerdo que mi mamá me escondió debajo de la cama para que no me mataran cuando tenía 10 años. Los soldados me llegaron a buscar a la escuela y las profesoras me escondieron y sacaron de la aldea. Me fui a Escuintla a estudiar pero tuve que regresar a la aldea porque mi mamá se enfermó, los soldados siempre me vigilaban no estaba en libertad. Un día por la fuerza me llevaron a un destacame y me dieron un entrenamiento militar. Yo no quería fue horrible porque luego mataron a unos primos y dijeron que había sido por mi culpa. En ese destacamiento la mayoría eran hombres solo habíamos dos mujeres entre los 13 y 15 años de edad. (Flor de Copal)

Além destes dados que revelam nitidamente a dimensão da barbárie, também se conta com informações que estabelecem as mudanças positivas que na maioria dos e das refugiadas e sobreviventes da guerra alcança, partindo de sua resistência, a mesma que fora combinada com diversas estratégias pensadas e ações espontâneas tais como: demandar seu direito à vida, principalmente e demandar de apoio social e reafirmação das relações familiares e comunitárias como respostas à adversidade vivida. Tudo isto faz com que, em uma grande porcentagem, movam-se da vitimização a um processo do

empoderamento e desconstrução do trauma sofrido como o menciona Vicenta Matias uma ex refugiada numa entrevista feita no 2008.

*A partir de estas dificultades las mujeres comenzamos a organizarnos y nacen tres organizaciones de mujeres en el refugio: Madre tierra, Mama Maquín e Ixmucané. Estas organizaciones comienzan a buscar la participación de las mujeres no sólo en la vida del campamento, sino también en las decisiones que se comenzaban a tomar para la negociación de los refugiados a Guatemala. (VICENTA MATIAS,2008)
Informação Verbal*

Walda Barrios, antropóloga guatemalteca que fora uma das feministas entrevistadas no segundo grupo, foi uma das profissionais que acompanhou o processo de refúgio, já que se encontrava, nessa época, morando no México como exilada. Ela nos conta em sua entrevista que:

En el éxodo masivo de mujeres mayas hacia México como refugiadas, les van a cambiar la vida y van a descubrir muchas cosas; descubren su identidad guatemalteca o nacional, identidad de país, porque no la tenía, tenían una identidad local comunitaria. Todo el movimiento refugiado no solo generó un discurso de mujeres, sino un discurso de mujeres mayas que se van a convertir en lideresas y dirigentes en el retorno a Guatemala, van a empezar a jugar un papel a nivel nacional. Pero antes de ese momento la primera identidad que asumen fue el de refugiadas, que fuera enseñada por la sociedad mexicana. Eso fue fuertísimo, eso marca mucho a todo un grupo de mujeres que vivieron esa experiencia. El refugio también fue una formación política, que no estaba ni planeada ni esperada, en ese caso la represión se volcó contra el opresor porque permitió un desarrollo de conciencia, de gente que ni estaba pensando en eso

porque decidieron el exterminio en masa, entonces se favoreció la politización de un grupo de gente que por la represión se viera afectada. (Walda Barrios)

Tanto Azucena e Flor de Copal como refugiadas internas, quanto Vicenta em sua experiência como ex-refugiada em um dos campos de refugiados no México, e agora de volta, morando na Guatemala há vários anos, e Walda, como ex-exilada também no sul do México, mas de novo morando na Guatemala, afirmam que este processo do refugio, embora fosse profundamente difícil, também lhes deu oportunidade de se organizarem e terem processos educativos que foram bem aproveitados e no caso das retornadas do México, fornecendo sua luta em relação ao direito à co-propriedade da terra para as mulheres. Nesse sentido inicia-se um processo de construção de um novo sujeito social como o menciona Silvia Soriano (2006) já que se construíram diversas identidades e territorialidades, porque emerge um sujeito indígena que já não responde aos imaginários conhecidos como uma identidade coletiva que pouco tinha a ver com a língua ou religião, porque pelas circunstâncias, nas quais se encontravam, tiveram que reinventar a identidade étnica, como claramente menciona Walda Barrios em sua narrativa.

Em toda esta experiência que vem da guerra e que fora cruzada pela diáspora externa e interna, quanto à vida no refúgio, assim como os momentos do retorno à Guatemala, mostra-se com clareza o que segundo Roberto Machado afirma, na introdução da *Microfísica do Poder* de Michele Foucault:

As relações de poder não (...) são basicamente contratuais nem unicamente

repressivas. É falso definir o poder como algo que diz não, que impõe limite, que castiga. Em todo caso, é que o aspecto negativo do poder – sua força destrutiva – não é tudo e talvez não seja o mais fundamental, ou que, ao menos, é preciso refletir sobre seu lado positivo, produtivo e transformador (...) É preciso parar de sempre descrever os efeitos do poder em termos negativos; (...) O poder possui uma eficácia produtiva, uma riqueza estratégica, uma positividade. (MACHADO, 1979, p.XVI)

Mas também é importante revelar que a vida dos refugiados, já convertidos em retornados⁴⁹ quando de volta à Guatemala, tem sido muito difícil, já que perderam, em grande parte, as condições de infraestrutura econômicas e sociais que tinham alcançado morando durante dez anos no refugio no México, de forma que muitos têm decidido voltar para morar para sempre no México. No entanto, as mulheres que iniciaram processos organizativos nos campos de refugiados ainda permanecem na Guatemala e são organizações que fazem parte do movimento das mulheres e são reconhecidas na sociedade guatemalteca, mas conservam laços fortes no México, onde voltam com muita frequência.

Na parte final deste segmento, considero importante também anotar como referência alguns dados sobre o outro grupo que se deslocou durante o processo desta guerra, o qual era composto por todos aqueles que tiveram que abandonar o país e exilar-se em países vizinhos ou distantes. Embora o exílio seja um fenômeno que já tenha

⁴⁹ O termo *Retornados* no Brasil corresponde a *ex expatriados*.

anteriores em outros momentos políticos do país, nessa época a quantidade de exilados é impressionante. Os informes da memória têm registrado pelo menos 400.000, os que, na sua maioria, se repartiram entre México, Canadá, Estados Unidos, Nicarágua e Costa Rica. Mas não se tem dados diferenciados por sexo e etnia, contudo pode se mencionar que o status de exiliado foi majoritariamente para ladinos e ladinas, estudantes e professores universitários, assim como para sindicalistas. A diferença dos refugiados é que se constituem em uma população que não voltou para Guatemala depois da guerra acabar; isso só ocorreu em casos especiais. Já que as condições materiais, nas quais se desenvolveram, nos países que lhes aceitaram, foram totalmente diferentes daquelas do caso dos refugiados. Por exemplo, no México os exilados concentraram-se na cidade do México e não no Sul do país. Cuba também conta com famílias inteiras de exilados, e tanto os Estados Unidos quanto o Canadá contavam com programas específicos para receber exilados.

DESLOCAMENTO INTERNO

Segundo Roberta Cohen (2001) “*Las Américas cuenta con sólo el diez por ciento de la población mundial de desplazados internos, es decir, entre 2 y 2.5 millones. Sin embargo, el continente ha experimentado algunos de los peores casos de desplazamientos*”. (COHEN, 2001, p.1) Entre eles a diáspora da Guatemala que contou com mais de um milhão de pessoas deslocando-se pelas montanhas e o mato e organizando a sobrevivência dia a dia. Os deslocados internos fugiram não só para os matos e montanhas, mas também para as cidades, especialmente, para a capital da Guatemala, onde sofreriam

novamente as condições de desigualdade impostas pelo sistema excludente do Estado Guatemalteco. Visto que eles se converteriam em mão-de-obra barata e, no caso das mulheres, foram em sua maioria trabalhadoras de casas particulares.

Um dos casos mais conhecidos deste fenômeno são as “Populações em Resistência”, conhecidas pelas siglas como: CPRs. Comunidades que não saíram da Guatemala durante a guerra, mas se deslocaram para diversos lugares fora de suas regiões, situando sua nova residência no meio do mato e da serra. Considero importante mencionar este fenômeno, porque a maioria deles eram membros de diferentes povos indígenas e as mulheres desempenharam um papel importante para sua sobrevivência e atualmente são membras ativas do movimento das mulheres, especialmente, aquele que luta pela copropriedade da terra.

DO GENOCÍDIO AO FEMINICÍDIO

Ao ponderar a violência contra as mulheres como o fio condutor deste capítulo, é importante mencionar que tanto nos capítulos I, e II, quanto na primeira parte deste capítulo, foram apresentadas as condições nas quais se gestam as políticas e estratégias de ordem que procuram submeter as mulheres, por que: *“Al excluir y controlar de manera intimidatoria a las mujeres, la violencia fundamenta también la gobernabilidad y la política.”* (LAGARDE, 2001, p.18) No século XXI, em um contexto neoliberal globalizante, promove-se e permite-se que na Guatemala meninas, adolescentes, mulheres e idosas apareçam assassinadas, estupradas e torturadas quase diariamente, tanto na cidade como nas áreas rurais do país, e que estes assassinatos na sua maioria

ficam impunes, pois as mulheres continuam sendo uns dos últimos elos da cadeia do poder.

O fenômeno ao qual estou me referindo constitui o feminicídio, que como categoria teórica da análise das ciências sociais e particularmente do feminismo segundo Patricia Borrayo no seu livro: *El Femicidio en Guatemala y los medios de comunicación escrita*:

Explica la muerte violenta de las mujeres por su condición de género y que se ha posicionado desde hace algunos años en el discurso feminista de América latina y, particularmente en países como Guatemala, los grupos de mujeres han empezado a utilizar la categoría para argumentar que los crímenes contra las mujeres son un problema social, no como lo expone la lógica patriarcal que enuncia que son asuntos privados. (BORRAYO, 2008,p.19)

Na Guatemala este tipo de violência só foi evidenciado como *violência contra as mulheres*, por sua condição de gênero, nas últimas décadas. Quando os familiares das vítimas, as sobreviventes ou integrantes do movimento de mulheres, feministas e não feministas conscientes da problemática e reclamando seu direito a não ser objeto da violência e discriminação, começam a denunciar e identificar esta barbárie com o nome de *femicídio*.

Este problema começa a evidenciar-se em nível nacional e internacional no ano 2000, depois de se conhecer o caso das 300 mulheres assassinadas em menos de dez anos em Cidade Juarez, México. Para essa data, na Guatemala, havia se iniciado há muito tempo

os assassinatos coletivos de mulheres junto ao resto de suas comunidades, perpetrados fundamentalmente utilizando a política de “Tierra Arrasada” e os massacres. Agora, em pleno século XXI, as estatísticas de feminicídio continuam se elevando já que se conta com uns dos índices mais altos da região, de acordo com os resultados apresentados tanto pelas instâncias do Estado quanto pelos estudos e levantamento de dados feitos pelas organizações de mulheres, a Universidade de San Carlos de Guatemala através do Instituto Universitario da Mulher, assim como outras instâncias.

Pelo que para ter uma referência sobre a magnitude do feminicídio na Guatemala faz-se necessário revisar as estatísticas, as mesmas que não podem ser observadas só de forma quantitativa já que como acertadamente o aponta Patricia Borrayo (2008) “*estas mujeres no son una fría estadística, son madres, amas de casa, profesionales, abuelas, hermanas que tienen una historia de vida.*” Igualmente, Borrayo estabelece que:

Los datos son alarmantes debido a que hay asesinatos, violaciones sexuales, torturas y hasta mujeres descuartizadas. De los 1,986 crímenes de mujeres ocurridos en los últimos cuatro años, el Ministerio Público sólo ha logrado ejecutar 93 acusaciones y de éstas solamente 47 han llegado a proceso penal. (BORRAYO, 2008, p. 18)

Por isso vale à pena considerar a análise que Aida Hernández faz a respeito, quando diz que:

Se sigue sosteniendo la tesis que de que los asesinatos de las mujeres tienen que

ver mayoritariamente con la delincuencia común y sin reparar en que éstas son manifestaciones claramente reaccionarias y se ha dejado de lado el análisis de aspectos políticos o sociológicos, en cuyas profundidades se encuentra el fundamento de la violencia contra las guatemaltecas, invisibilizando la realidad y, con ello, minimizando los hechos y re victimizando a las asesinadas y sus familiares. (HERNÁNDEZ, 2002, p.115).

Tanto feministas, como periodistas e analistas concordam que o feminicídio na Guatemala, está amarrado e tem suas raízes na guerra recentemente finalizada em 1996. São poucos os que levam suas reflexões mais além destes fatos recentes. Mas, depois de todos os dados expostos considero que colocar as raízes deste fenômeno só na guerra recentemente finalizada é um erro historiográfico de análise, que deverá ser repensado, já que este problema tem sido uma constante na história da Guatemala. No ano de 2007, esta violência extrema contra as mulheres guatemaltecas levanta uma campanha de denúncia em nível mundial, quando a Anistia Internacional manifesta sua preocupação pelo alto índice de violações aos direitos humanos, insistindo em que a Guatemala segue sofrendo as sequelas da guerra, mas ainda não se castiga aos responsáveis das *execuções extrajudiciais, estupros, torturas e desaparecimentos forçados*, e isso se relaciona com a impunidade com que atuam os grupos clandestinos.

Assim mesmo, o sublinha a Relatora Especial sobre a Violência contra as mulheres das Nações Unidas, indicando que: o clima de impunidade que se vive no país perpetua a violência contra as mulheres. O passado não está desvinculado do presente, o feminicídio de hoje

tristemente demonstra esta realidade. Em todos estes acontecimentos a guerra é a protagonista no tempo e na história, sendo a violência sustentadora e a fundadora ao mesmo tempo. O feminicídio como fenômeno político e social, está amarrado às rupturas e recomposições dos momentos históricos vividos na Guatemala, os que vêm promovendo a violência contra as mulheres, e arquitetando este fato, dando-lhe continuidade a tal ponto que parecera ser um fenômeno natural em nossa sociedade. E que tem sido imposto de forma absurda e dolorosa sobre a vida das guatemaltecas. Assim, se faz necessário cruzar os dados históricos e os estatísticos sobre a morte das mulheres para se chegar nas raízes deste problema.

Pelo que é necesario reconhecer que, este terror e morte têm seus antecedentes mais próximos no século XIX, mas logicamente está amarrada ao processo da criação dos grandes blocos econômicos que surgiram desde o século XVI. Quando os europeus iniciam a invasão e a colonização, visto que, com a consolidação dos Estados Nacionais.

La violencia organizada nace junto con el aparato estatal centralizado que promueve el desarrollo de la tecnología militar, las políticas expansionistas y la conquista por medio de la guerra. (JAKORZYNSKY, 2002, p.8).

Em outras palavras, desde a concepção de Walter Benjamin em seu célebre estudo *“Para una Critica de la Violencia de 1921”* acerca do caráter da violência estabelece que esta não é um fato estável, mas principalmente é todo um acontecimento que se move permanentemente. E ao introduzir a violência não só como um fato causal, tal e como pensam muitos analistas da violência, mas como

momentos fundadores, ou seja *Violencia Fundadora*. Na realidade podemos observar que a fundação supõe a criação de algo, e esta criação deve ser sustentada, e é assim que o outro momento fundamental da violência são os acontecimentos que a sustentam e recompõem o que seria a *Violencia Sustentadora*.

Já no século XX no *confronto* entre os Estados Unidos de América e a União Soviética, Guatemala segundo meu ponto de vista começa a entrar no período da *Violência Sustentadora* e ao mesmo tempo da *Violência Fundadora*, Já que como o menciona Gladys Tzul (2009) “*Lo fundado y sostenido se indistinguen, es decir el orden fundador se ha recompuesto y se ha vuelto sostenedora y fundadora a la vez*”. Informação Verbal.

Com o argumento da luta anticomunista, o império norteamericano concentra-se como afirma Roberto Regalado: “*En afianzar su dominación política, económica y militar sobre México y Centroamérica*”. (REGALADO, 2006, p.113.) Pelo que é lógico deduzir-se que o sistema econômico e político hegemônico da época é a base fundadora da atual sociedade guatemalteca, aquela que se manifesta nas relações desiguais de poder vividas entre homens e mulheres, pobres e ricos, indígenas e ladinos na Guatemala, convertendo-se na causa principal do genocídio e o feminicídio. Já que conta com sua aliada permanente a violência e promove a impunidade como um instrumento para fazê-la a principal ferramenta do terror; é assim que diariamente apodera-se da vida das mulheres na Guatemala e no resto do mundo. É por isso que deve ficar claro de onde vem e para onde estão tentando levar a violência organizada em países como

Guatemala e outros, onde os largos períodos de repressão pretendem manter as mulheres nos espaços tradicionais de caráter privado, despojando-as de seu legítimo direito de participar nos espaços públicos; vulnerando-as parcial e totalmente para afastá-las da possibilidade de reivindicarem seus direitos como cidadãs.

CAPÍTULO IV.

ALTERANDO A ORDEM DOS PODERES

O tema abordado no capítulo final deste estudo tem a ver com as diversas práticas discursivas das protagonistas, desde seu trabalho político e intelectual. Protagonistas estas que vêm se posicionando no meio de um contexto adverso apresentado ao longo deste trabalho. Nosso objetivo aqui é o de apresentar os processos e resultados da insurreição, especificamente, no que se refere ao dizer de Foucault (1996) dos saberes sujeitos, destas protagonistas. Estes têm uma relação profunda com os processos de subjetivação e objetivação, os quais foram emergindo no meio de relações de poder desiguais e que estas intelectuais vêm desconstruindo ao longo de suas vidas e carreiras profissionais.

Outro dos elementos a aprofundar, é que todas estas mudanças ou práticas discursivas não emergem apenas como processos individuais; tem a ver com uma série de lógicas de mobilidade que foram configurando-se com os contextos e os momentos históricos vividos, já que no mundo globalizado, os processos locais estão amarrados profundamente aos processos internacionais. Além disso, têm sido acompanhadas tanto pelos diversos intentos de descolonização que vem dos povos indígenas da Guatemala como fora dela, assim como os movimentos das mulheres em geral, quanto das mulheres indígenas em particular; e as diversas rupturas e mudanças das próprias famílias das entrevistadas. Portanto, suas múltiplas transformações estão imersas dentro de processos pessoais e coletivos amarrados a eventos

econômicos, políticos e sociais de caráter conjuntural, mas também aqueles que são de longo prazo.

La coyuntura que abrió la búsqueda de una solución política al conflicto armado interno habría de permitir dar inicio a una discusión en la sociedad guatemalteca de la necesidad de afrontar el peso político de la diversidad étnica existente en cualquier proyecto nacional que garantizase el ejercicio de la democracia. La emergencia del movimiento indígena –que en la década de 1990 se transformó en **maya-** y la discusión mundial sobre derechos de los pueblos indígenas también entró a jugar un papel de primer orden para que en Guatemala se diese el inicio de ese debate. (TARACENA, 2004, p.26).

Os questionamentos que guiarão este capítulo são: Quais são os eventos que foram permeando os imaginários dos povos indígenas na Guatemala? Estas intelectuais mayas são um paradigma diferente para as novas gerações? O trabalho destas intelectuais permeia os imaginários sociais enquanto mulheres mayas no país? O que tem a ver estas mulheres intelectuais com o resto das mulheres mayas da Guatemala? Quais são as ideais força que encaminham o trabalho destas mulheres intelectuais? Como afeta a vida subjetiva destas mulheres mayas seu trabalho intelectual e político? Qual são os aportes do trabalho intelectual e político destas intelectuais aos povos indígenas e às mulheres e a sociedade guatemalteca em geral?

Partindo da informação acumulada nos capítulos anteriores, podemos dizer que: neste grupo de intelectuais mayas pesquisado; e evitando cair na generalização, é óbvio que, cada uma tem uma história

de vida particular, mas que no momento histórico em que elas se desenvolvem e fazem seu trabalho político e intelectual, compartilham um contexto ideológico, cheio de políticas impostas, que fazem delas uma geração marcada pela violência política e pela violência contra as mulheres. Elas, desde sua infância até hoje, vêm perfilando sua trajetória, que vai desde um estado de dominação, em termos foucaultianos, a uma situação mais flexível e móvel, na qual as possibilidades econômicas, políticas, sociais, e intelectuais destas mulheres e de suas famílias veem-se incrementadas.

Aqui temos que ressaltar o caráter irredutivelmente intersubjetivo que permite a construção e o deslocamento das diversas práticas discursivas e, por sua vez, como a dimensão de autonomia faz parte desde processo tanto quanto a resignificação ativa do que é ser mulher, indígena e pertencer a uma classe social. Pois, como manifestam as Mulheres de Kaqla, temos que ver nosso futuro sem esquecer nossa história, porque estes processos históricos marcam nossas identidades e as possibilidades de sermos diferentes. Porque tanto:

La opresión étnica y de género, la explotación de clase, la imposición de la heterosexualidad son cosas que vivimos cotidianamente, al igual que el etnocidio y la violencia intrafamiliar que generan relaciones de poder y de dominación política, económica y cultural. Esto provoca desconfianza, miedo, dolor, odio, tristeza, rabia pero no podemos quedarnos con estos sentimientos, santificando el dolor, empobreciendo nuestra vida. (KAQLA, 2007, p.7)

TENSÃO ENTRE A SUJEIÇÃO E A RESISTÊNCIA

Como já se estabeleceu amplamente, na Guatemala como no resto dos países do continente Americano, o matricial do imaginário social dos povos indígenas e das mulheres, em particular, está fundado e construído em relações desiguais de poder. Estes esquemas coletivos, arquitetados social, política e economicamente engendraram tanto comportamentos quanto imagens, que foram instituindo-se e naturalizando-se historicamente, através de marcos de referência usados nos imaginários para construir e interpretar a realidade social dos e das guatemaltecas.

A abordagem do indígena pelo Estado guatemalteco tem sido de caráter de segregação ou tutelar, usando para isto um discurso racista que utiliza o poder para produzir uma realidade no benefício das classes hegemônicas, partindo de um sistema ideológico ou simbólico, baseado nas diferenças étnicas, de gênero, de classe e outras. Não se pode dizer que as condições dos povos indígenas são exatamente as mesmas que no passado; tampouco se pode considerar que atualmente são totalmente diferentes, uma vez que os diversos processos de descolonização, tais como participação na educação, a política em todos os níveis, ser dono de alguns meios de produção e outros, induzidos pelos mesmos indígenas e pelas mulheres, além de outras iniciativas, iniciaram a desconstrução das estruturas socioculturais com o propósito de transformar a ordem existente. Pelo que, a vida da maioria dos indígenas encontra-se marginalizada dos processos econômicos, políticos e sociais do país, e as poucas elites de indígenas existentes não se podem considerar representativas dos povos indígenas em geral.

La construcción del Estado nacional guatemalteco se encaminó hacia prácticas jurídico-políticas discriminatorias que institucionalizaron la desigualdad entre indígenas y ladinos (...) La razón de ser de tal orden **segregador** tenía un sustento económico que no solo afectaba a la sociedad guatemalteca en su conjunto, sino el propio Estado, al no ser garante de los derechos y deberes de los ciudadanos y ciudadanas guatemaltecas. (TARACENA, 2004, p.25). grifo meu

As mínimas mudanças que sofrera o imaginário social quotidiano, no qual se encontra enquadrado o indígena na Guatemala, foram conduzidas pelo clima ideológico, produto da reestruturação capitalista, em sua etapa neoliberal através da globalização, a guerra, a migração, a luta dos povos indígenas e a mídia que não é neutra e que tem poder social. Sendo assim, não se pode esquecer todo o processo do Indigenismo, o qual embora carregue todo um conteúdo colonialista, acende-se como pólvora e atravessa toda a América, iniciando seu longo curso desde 1938; como relata Arturo Taracena, na VIII Conferencia Internacional Americana, celebrada em Lima, Peru e ratificada no Congresso Continental de Pátzcuaro, México em 1943. Na Guatemala faz-se presente com a criação do Instituto Indigenista Nacional, no período do governo revolucionário de 1945.

Tudo isso, de acordo com José Quino (2006) “*ha permitido el desarrollo de las demandas étnicas, que dejan de ser consideradas expresiones de atraso y se convierten en legítimas*”. Por outro lado, também, tem-se que mencionar os eventos conjunturais nacionais e internacionais que foram se sucedendo nas últimas décadas do século

passado, como por exemplo, as diversas reflexões e ações relacionadas com a integração do movimento dos povos mayas, que fora pensado e organizado incipientemente já na década de 70, época durante a qual a guerra começava a intensificar-se e o “*modelo regional multicultural*” da América Latina começava a surgir.

Hacia 1974 se organizó la denominada **Coordinadora de Grupos Indígenas**, que dio origen a encuentros culturales de amplia cobertura:(...) De esta etapa surgieron programas radiales, publicaciones regulares como la mensual IXIM (‘maíz’), artículos en la prensa, festivales artísticos... Incluso la tentativa de formar el primer partido político maya, el Patinimit, y el Frente de Integración Nacional, FIN, (...) Por otro lado, una parte significativa de los indígenas mayas se enroló en la guerrilla, mientras otros salieron al exterior o se camuflaron como pudieron para evadir la persecución, el hostigamiento o la muerte.(...) En este complejo contexto político podría decirse que los mayas se cobijaban bajo dos banderas: la de los mayas intelectuales ocupados en desarrollar los conceptos de su cultura, y la de los ortodoxos de izquierda, mayas y no mayas, en cuya perspectiva la lucha indígena más importante era la lucha por la tierra y por los intereses del proletariado. (MOYA, 1999, p.28)

A celebração do Quinto Centenário da invasão dos espanhóis ao território americano, também, foi um evento que envolveu, em diversas atividades, os povos indígenas e não indígenas da América. O quinto Centenário promove:

En primer plano aspecto de cultura e identidad, de etnicidad y de historia de la nación, se vivió como um momento de peligro y como una promesa para los proyectos que trataban de darle um sentido al pasado de Guatemala como catástrofe (NELSON, 2006, p.45)

No contexto desta grande celebração, na Guatemala e para os povos indígenas do mundo, não pode passar despercebido o fato de que no meio de grandes contradições, a guatemalteca, Rigoberta Menchú, uma mulher indígena maya-K'iche' de 33 anos, fora escolhida para receber o Nobel da paz em 1992. Aqui se faz necessário estabelecer que, toda a campanha para sua nomeação deu-se no marco do quinto centenário; no processo da seleção, ela disputa o Nobel com figuras como Nelson Mandela. Nesta conjuntura, aparecem muitas alusões críticas pela sua eleição; também afloram murmurações dentro do movimento indígena internacional, que a acusa, depois de um incidente com os indígenas miskitos e os sandinistas da Nicarágua, de ter mais lealdade com a internacional marxista que com os indígenas. Todos os rumores giravam em torno de que sua escolha só tinha a ver com a possibilidade de honrar os direitos dos indígenas na conjuntura em que se estava vivendo e, ao mesmo tempo, denunciar uma das mais longas guerras de América Latina, e também porque não mencionar, uma dívida que o governo norueguês tinha com os Samis, o povo indígena da Noruega. Contudo é uma das primeiras mulheres e a única indígena a receber o Nobel da Paz. Por outro lado, Ana Silvia Monzón (2009) menciona que o fato de Rigoberta ser uma *“mujer indígena, joven, de origen campesino le da toda una connotación que le abre posibilidades simbólicas y discursivas a las mujeres mayas en Guatemala”*. No

entanto, tem-se que esclarecer que na atualidade depois de muitas crises políticas vividas como Prêmio Nobel da paz, como empresária, como a primeira mulher indígena candidata a presidenta da nação e outras identidades de Rigoberta Menchú, essas representações simbólicas, das quais fala Monzón, que em um início de alguma forma foram reais, no presente têm sido grandemente modificadas.

Por outro lado, o evento de caráter nacional de grande relevância que se refere às possibilidades de fazer algumas modificações nos imaginários sociais dos povos indígenas no país é a assinatura da Paz, em 1996. Mais especificamente o Acordo de “Identidad y Derechos de los Pueblos Indígenas”, conhecido como AIPD. Documento que foi assinado entre o Governo, o exército da Guatemala e a União Revolucionaria Nacional Guatemalteca URNG. Dito acordo é reconhecido como um dos acordos substantivos⁵⁰ neste processo de pacificação, já que nele além de, reconhecer aos mayas, garifunas e xincas como os povos indígenas guatemaltecos, e considerá-los parte da unidade nacional guatemalteca, também cobra vital importância porque

⁵⁰ Os acordos da Paz na Guatemala dividem-se em substantivos e operativos: Os operativos foram aqueles de realização imediata para dar seguimento ao processo da paz; e os acordos substantivos têm conteúdos essenciais e de longo prazo, enfocados nas mudanças profundas que a sociedade guatemalteca precisa urgentemente. Estés acordos são:

- Acuerdo sobre Derechos Humanos
- Acuerdo para el reasentamiento de las poblaciones desarraigadas por el enfrentamiento armado
- Acuerdo sobre el establecimiento de la Comisión para el Esclarecimiento de la Violación de los Derechos Humanos
- Acuerdo sobre Identidad y Derechos de los Pueblos Indígenas
- Acuerdo sobre Aspectos Socioeconómicos y Situación Agraria
- Acuerdo sobre fortalecimiento del Poder Civil y Papel del Ejército en una sociedad Democrática.

o Estado guatemalteco se assume como um estado discriminatório e racista, pelo que nesse acordo se propõe.

Con miras a erradicar la discriminación en contra de los pueblos indígenas, el Gobierno tomará las siguientes medidas: a) Promover ante el Congreso de la República la tipificación de la discriminación étnica como delito; b) Promover la revisión ante el Congreso de la República de la legislación vigente para derogar toda ley y disposición que pueda tener implicación discriminatoria hacia los pueblos indígenas c) Divulgar ampliamente los derechos de los pueblos indígenas por la vía de la educación, de los medios de comunicación y otras instancias; y d) Promover la defensa eficaz de dichos derechos. Con este fin, promover la creación de defensorías indígenas y la instalación de bufetes populares de asistencia jurídica gratuita para personas de bajos recursos económicos en las municipalidades donde predominan las comunidades indígenas. Asimismo, se insta a la Procuraduría de los Derechos Humanos y a las demás organizaciones de defensa de los derechos humanos a que presten una atención especial a la defensa de los derechos de los pueblos maya, garífuna y xinca. (ACUERDO SOBRE IDENTIDAD Y DERECHOS DE LOS PUEBLOS INDÍGENAS, AIPI, 1999, p.2)

Mas não se pode esquecer de que nas últimas avaliações feitas pelas organizações da sociedade civil quanto por organismos de caráter internacional, sobre os avanços do cumprimento dos compromissos assumidos nos Acordos de Paz, o acordo que tem menos progressos durante estes treze anos, é o AIPI. Visto que contraditoriamente, mas seguindo as lógicas sistêmicas, com clareza pode se observar a despolitização dos movimentos sociais que foram cooptados através de uma quantidade absurda de ONGs, pelo que a maioria dos povos

indígenas não conseguiram dar acompanhamento político organizativo e fazer uma pressão importante ao cumprimento destes compromissos. Segundo Quino:

La desarticulación de los movimientos sociales figura como uno de los objetivos más caros de la acción estratégica desplegada por la clase dominante. Por supuesto barnizada con la utopía liberal, alrededor de la cual giran los conceptos de ciudadanía, sociedad civil y la resolución de conflictos mediante la vía pacífica. (QUINO, 2006, p.58)

O mesmo Quino (2006) referindo-se ao fenómeno das ONGs na Guatemala, usando a metáfora de: “Bienvenidos al festín de la cooperación internacional”, indica que: “*A ese banquete no iban a ser invitados los pobres de los caminos, sino el selecto grupo de os artífices de la paz y de sus allegados*”. (QUINO, 2006, p.58) Além disso, nesta convergência de eventos, também é de suma importância a vigência do Convênio 169 da Organização Internacional do Trabalho, OIT, o qual fora adotado no plenário da Conferência das Nações Unidas em Junho dos 1989, e foi ratificado pelo Estado guatemalteco em junho de 1996. Aqui vale destacar que esta ratificação só foi possível depois de um forte trabalho, iniciado e encaminhado pelas três únicas congressistas indígenas mulheres, que eram integrantes do plenário do Congresso Nacional na Guatemala, nessa época. São elas: Manuela Alvarado, Rosalina Tuyuc⁵¹ e Aura Marina Otzoy.⁵²

⁵¹ Tanto Manuela Alvarado quanto Rosalina Tuyuc, eram congressistas representantes do Partido, Frente Democrático Nueva Guatemala, (FDNG) que era um partido que se identificava como de esquerda; no caso de Rosalina Tuyuc se faz necessário mencionar que

Las mujeres mayas que han logrado ser electas para diputadas son muy pocas y no fue hasta en 1985 que se postuló, por el partido político Democracia Cristiana Guatemalteca, a la primera, Ana María Xuya Cuxil, por el departamento de Chimaltenango. (...) Durante once períodos legislativos y desde que la primera mujer mestiza o ladina ocupara la primera curul en el Congreso en 1966, han llegado a ocupar este cargo un total de 63 mujeres no mayas, lo que constituye el 6% del total de legisladores. Durante este tiempo, únicamente ocho mujeres mayas han ocupado estos puestos, que no representan ni el uno por ciento del total de los legisladores. (ARANA, 2007,p.66)

Falando novamente do convênio 169, pode-se dizer que este instrumento internacional também estabelece compromissos a favor dos povos indígenas de todos os Estados que o ratificaram. Neste sentido, a

ela foi uma das organizadoras, fundadora e liderança nacional da CONAVIGUA; a Coordenadora de Viúvas da Guatemala, organização da qual se falou amplamente no capítulo III. Além disso, Rosalina é muito reconhecida e respeitada no âmbito nacional assim como no internacional.

⁵² Aura Marina Otzoy Colaj, congressista pelo Partido Frente Republicano Guatemalteco, o qual é conhecido não só no território guatemalteco, mas também, internacionalmente, por ser dirigido por um dos maiores genocidas da Guatemala, o General Efraim Rios Montt. Este elemento é digno de se pensar mais detidamente, porque este genocida criou e dirigiu a funesta política de “Terra Arrasada” que tinha como objetivo principal o extermínio dos povos indígenas e que conta com cifras impressionantes de indígenas mortos, torturados, desaparecidos e centenas de comunidades massacradas. Pelo que imediatamente aparecem vários questionamentos, tais como: como é possível que quinze anos depois de promover esta política de guerra, agora promova através de uma de suas representantes a ratificação do convênio 169?, Quais são as verdadeiras intencões deste partido nesta ratificação? Além disso temos que dizer que esta congressista foi a única mulher indígena que tem desempenhado o cargo de embaixada na europa, representando a esse mesmo partido. Por outro lado, esta mulher maya-Kakchiquel tem permanecido por quatro períodos consecutivos no congresso, seguindo a linha de seu partido, como o menciona Alida Arana (2007) “es digno de un análisis especial”

Guatemala por ser um dos 17 países signatários tem o compromisso de desenvolver com a participação dos povos interessados ações para proteger os direitos desses povos e garantir o respeito de sua integridade. Mas há vários anos que diversos povos indígenas da Guatemala, em defesa de suas terras, e fazendo uso do Convênio 169 quanto de seus direitos como cidadãos guatemaltecos, têm se oposto e rejeitado o uso de seus territórios para a exploração de metais preciosos como ouro e outros minerais, por companhias transnacionais estrangeiras, especialmente norteamericanas e canadenses assim como a construção de barragens em diversos pontos do país. Porém, apesar de terem todos esses instrumentos legais nacionais como internacionais estas lutas têm sido criminalizadas e muitas das lideranças já foram assassinadas ou estão desaparecidas; outras se encontram na cadeia ou estão sob ameaças de morte.

Ao mesmo tempo, aos 21 de dezembro de 1993, a Assembléia Geral das Nações Unidas, declara o Decênio Internacional dos povos indígenas do Mundo, a partir de 10 de dezembro de 1994. Já em 2002 o Conselho Econômico e Social decidiu estabelecer um Foro Permanente para as Questões Indígenas e em 24 de fevereiro de 2005, proclamaram o Segundo Decênio Internacional dos Povos Indígenas a partir de um de janeiro de 2005. Contudo, no Informe do Secretário Geral sobre os exames preliminares do Decênio Internacional das Populações Indígenas do Mundo, apresentado no Período de sessões em 2004, manifesta que:

Pese a los importantes avances institucionales que ha habido en el marco del Decenio, en el informe se reconoce que en muchos países los indígenas siguen

estando entre los más pobres y marginalizados. Se señala también en él que la aprobación de una declaración de derechos de las poblaciones indígenas, uno de los principales objetivos del Decenio, no se ha logrado. (INFORME NACIONES UNIDAS, 2003, p.1)

Nesse contexto, e falando das transformações tanto do imaginário como das estruturas econômicas e sociais, a respeito dos povos indígenas, as interlocutoras nos narram como vêm ocorrendo essas mudanças, particularmente em suas comunidades, as quais poderiam ser aplicadas facilmente em outras comunidades, embora não se possa dizer que é uma fórmula aplicável a todas e todos os indígenas.

Hay ciertas cosas que han cambiado por ejemplo: a nivel de Comalapa lo hemos logrado no solo a través de la educación o el negocio, sino también a través de decir que nosotros valemos. Antes los comercios eran de ellos, ahora el poder local lo tienen los indígenas, las tiendas y farmacias son de indígenas, hay muchos comalapenses⁵³ que han tenido acceso a la educación superior. Aunque no podemos idealizarlo porque a veces se repiten procesos, como que se copian, la corrupción u otras cosas, pero creo que ha habido mas ganancia que lo que no puedo ver yo en México. (Emma)grifo meu

Yo creo que si ha cambiado, por lo mismo que la vida personal y social es dinámica cada tiempo es diferente. En relación a las clases sociales, en el contexto de Patzún hay una élite indígena. En el aspecto económico, antes quien tenía más dinero era el ladino

⁵³ Pessoa originária de Comalapa, município de Chimaltenango, departamento da região central do país.

*y ahora ya no. En Patzún hay pocos ladinos viviendo, todos se fueron a la capital, por lo mismo **la élite que controla lo económico, político, religioso y social son indígenas**. Controla un poco más la situación política pues financia las campañas y a la hora que están en el poder ellos presionan y ejercen control. (...) Hay mucho profesional tanto hombres como mujeres, pero también hay que establecer que los cambios que han habido tiene que ver con todas las políticas neoliberales y de la globalización. El tema de la inseguridad, nos esta afectando mucho, los grupos diferentes como los rokeros, Emos⁵⁴ que son parte de las culturas sub urbanas, contra culturas. Jóvenes indígenas agrupados en estos grupos diferentes que no se sabe ¿Cuál es su orientación? ¿Qué es lo que quieren?, todas esas cosas, nuevas que son parte de los cambios pero que crean inseguridad, inestabilidad a nivel personal y colectivo. (Marta) grifo meu*

*Si está cambiando, definitivamente (...) yo creo que los indígenas, y no estoy hablando del movimiento indígena, sino de **los indígenas en sí, dejaron de ver al Estado como un espacio de poder y volcaron la***

⁵⁴ Rokers, são conhecidos os jovens que adoram o gênero de música rock e tem formado uma "tribo urbana" como eles as chamam, Por outro lado os Emos são outra tribo urbana que: " Actualmente se puede apreciar en todo el mundo representantes o seguidores de la cultura emo, una subcultura que surgió en los Estados Unidos a mediados de la década de 1980. (...) Los seguidores de la cultura emo rápidamente comenzaron a masificarse y a buscar su propia identidad, que los diferenciase de otras tribus urbanas. (...) En la actualidad los emos se han multiplicado por millones al rededor del planeta (...) Los emos han sido atacados en infinidad de oportunidades por diversos grupos tras ser considerados un flagelo social y muchas veces considerar que es el paso previo o una forma de esconder la homosexualidad. (...) Los jóvenes emos del siglo XXI persiguen una actitud y filosofía crítica de la sociedad centrada en la emociones (dolor, rabia, desgano e insatisfacción) y que encuentra semejanzas con los punkys en la rebeldía y la necesidad de trillar las calles y sentirse urbanos. La tristeza que los caracteriza suele quedar de lado cuando de una fiesta se trata, allí sacan a relucir su sarcásticos e irónico humor. (www.guia-urbana.com/.../historia-y-significados-de-la-cultura-emo.php -)

mirada hacia el pequeño capital. (...) No es casualidad que a través de diversas políticas y con el consenso de Washington y el neoliberalismo se hayan facilitado micro créditos a las mujeres y a los indígenas. El sentido común de los pueblos indígenas ya no fue tomemos el Estado, sino tomemos el dinero y la lógica se pasó para ese objetivo, así que la lógica cambio y el imaginario (...) es decir, las carnicerías⁵⁵ eran antes de los ladinos, ahora nosotros también tenemos carnicerías, los almacenes eran solo de los ladinos, ahora nosotros también tenemos almacenes. Yo me he dado cuenta platicando con la gente que ellos piensan bastante en eso, el imaginario de la gente se pasó por lo mercantil responde muy bien a esta lógica neoliberal. Yo creo que si ha cambiado, no como proyecto político reivindicativo sino como proyecto capitalista. (Ixkik) grifo meu

Yo creo que si, en lo real y en lo concreto esta cambiando, ya uno ve a los pueblos indígenas y a las mujeres indígenas con otras miradas de cómo se veían antes de ser lo sumisos, lo shucos.⁵⁶ Claro que es a ciertos niveles donde esta cambiando, de todos modos haces mella en algún sentido en la población en general, (...) La presencia de las mujeres indígenas en la universidad, cambia el imaginario siento que son luchas que tenes que hacer desde lo cotidiano hasta nivel general. Yo me acuerdo que estaba usando la vestimenta regional, y el policía que cuida el edificio de apartamentos donde yo vivo, me decía “chis chis”⁵⁷,

⁵⁵ Carniceria, o que no Brasil seriam Açougues

⁵⁶ Shucos, adjetivo peyorativo que significa pessoa suja e que na Guatemala algumas pessoas utilizam para nomear os indígenas.

⁵⁷ Expressão que utilizam os homens para acoessar as mulheres na Guatemala.

me regrese y le dije, se le ofrece algo y la próxima vez que me va a llamar yo soy la señora Saqbe´ y vivo en el apartamento 1111 ¿qué desea? Vi su mirada que se descontroló, entonces, es hacer ese tipo de luchas cotidianas, hasta los otros niveles donde yo me muevo como la cooperación internacional y otros (Saqbe´) grifo meu

Pienso que sí, y siento que ese cambio se da a raíz de la apertura de los Acuerdos de Paz y luego debido a la formación que estamos teniendo los indígenas. Sin embargo los indígenas continúan en puestos que no son estratégicos donde se toman las decisiones, no donde se da el poder pero bien o mal algunas mujeres indígenas ya están en puestos públicos creo que mínimamente hemos ganado ese espacio. Pero si nos si nos articuláramos mas a niveles locales, nacionales y continentales, sumando nuestras capacidades, podríamos llegar a lograr por lo menos mas diputadas, mas compañeras con conciencia haciendo políticas a favor de mujeres haciendo mas eficientes los recursos, haciendo reformas a favor de la educación de la salud de los derechos de las mujeres indígenas, hay mucho por hacer. (Elizabeth)

por supuesto que si esta cambiando, tampoco la sociedad guatemalteca es igual que hacer veinte años, solo el hecho de que ahora la gente este recalcando todo el día el discurso de la igualdad formal, eso ya es un cambio bastante importante. No es que la igualdad formal sea concedida de hecho sino que es un discurso, que de alguna manera se enfatiza precisamente porque, como dice Charles Hale si antes era diferente y desigual y los ladinos mismos marcaban la diferencia, que aunque legalmente había igualdad, ellos siempre decían no ustedes son desiguales y son diferentes.

Entonces cuando los mismos indígenas dicen si somos diferentes ahora nos dicen no ustedes son iguales, pero son diferentes. Los indígenas en su gran gran mayoría están luchando por alcanzar la ciudadanía individual, no están luchando por los mismos ideales del movimiento maya, ni por derechos colectivos sino más bien por una ciudadanía individual. (Aury) grifo meu

Nestas narrativas, os elementos recorrentes mencionados pelas protagonistas, aqueles que se referem às mudanças do imaginário e estruturas sociais, econômicas e políticas dos povos aos quais elas pertencem parecera ser uma constante, fenômeno que tem a ver como elas mesmas manifestam com as transformações econômicas e educativas que estão articuladas às mobilidades sociais que o sistema econômico hegemônico promove; mudanças, as quais Jesús García-Ruiz (2006) chama de “*transformaciones multidimensionales*”, porque estas têm a ver tanto com o sistema produtivo, quanto organizativo institucional e cultural das sociedades.

Tanto em Comalapa, o lugar ao qual pertence Emma, quanto Patzún, o povo da Marta, a possibilidade de que algumas famílias indígenas tivessem de conformar-se em uma elite econômica, também lhes dá a possibilidade de ascender ao poder político, ainda mais que, todo este percurso vem sendo acompanhado pelos processos educativos encaminhados pelas famílias; porque estas mobilidades sociais:

No transforman únicamente las relaciones económico-financieras e comerciales, transforman a las sociedades, transforma el rol de los Estados, transforman las instituciones, transforman las lógicas de ejercicio del poder y las lealtades de los

sectores sociales. (GARCIA RUIZ, 2006, p.10).

O exemplo de Saqbe', também está no marco do acesso aos recursos econômicos através da educação, mas por outro lado tem a ver com o processo de: "toma de conciencia" como o chama Jesús García-Ruiz, o mesmo que é adquirido pelo indivíduo de forma pessoal, sobre o qual interatuam as atitudes intelectuais com eventos mais práticos. "A *toma de conciencia nos reenvía a los fenómenos sociales de una manera repetitiva y sirve de base explicativa a lo que el marxismo llamaba "la conciencia de clase."* (GARCÍA-RUÍZ, 2006, p.99)

Mas também é importante ressaltar que isto acontece com um número reduzido de indígenas, partindo da descampesinização e a migração, fenômenos que promovem e facilitam a transformação de suas condições econômicas. Além disso, tem encontrado na educação, um instrumento importante na continuidade de seus processos de descolonização iniciados conscientemente com o propósito de incursionar nos espaços que historicamente lhes têm sido negados. Edgar Esquit, um jovem intelectual Kaqchikel falando sobre o tema; escreve em seu livro recentemente editado que:

El argumento central gira en torno a la idea de que los indígenas o principalmente una élite, se apropiaron del discurso e ideología liberal de poseer conocimientos, (...) para discutir los términos del sistema tutelar, de la dominación, para buscar la igualdad con los ladinos y para establecer relaciones modernas o de ciudadanos, con el Estado. (...) La superación como mecanismo para dismantelar los prejuicios racistas, la superación como forma de eliminar la pobreza, la lucha para

establecer un ámbito de autoridad indígena. (ESQUIT, 2009, ps. 9-10)

Por sua vez, Walter D. Mignolo (2002), em relação aos povos indígenas da América latina, também identifica que: “*Los procesos de descolonización política, en la segunda mitad del siglo XX, fueron acompañados por la iniciación de proyectos de descolonización intelectual*”. (MIGNOLO, 2002: p.1). Falando das mulheres indígenas especificamente, tem especial importância ponderar novamente os processos de transgressão dos paradigmas hegemônicos, aqueles que têm a ver com um longo caminho percorrido e que desembocaram com a presença das mulheres, seu trabalho e luta do dia a dia, nos diversos espaços que lhes têm sido interditados. Elas vêm abrindo brechas importantes nesse imaginário que tem regulado as condutas dos e das guatemaltecas por séculos. É assim que algumas das feministas e ativistas entrevistadas no segundo grupo⁵⁸ opinam a respeito dessa incursão e das mudanças que, por mínimas que pareçam são importantes:

Yo si creo que hay cambios, desde el momento que se esta usando la imagen de la mujer indígena en campañas estatales, empiezan a aparecer ya como actoras. El escándalo del Tarro Dorado,⁵⁹ de no haber dejado entrar a Irma Alicia Nimatuj, porque iba con el traje, sirvió para reivindicar públicamente que eso no se debe ni se puede hacer. Cosas que han sido

⁵⁸ Intelectuais, ativistas e feministas, que na atualidade são um referente no que se refere aos avanços das mulheres na Guatemala, e que foram entrevistadas em relação ao trabalho das intelectuais mayas no contexto guatemalteco.

⁵⁹ Tarro Dorado, é o nome do restaurante onde foi negada a entrada da Antropóloga maya-K'iche' Irma Alicia Nimatuj, por estar vestida com sua roupa tradicional.

negativas, después se vuelven positivas por la acción y la presión de las organizaciones y del movimiento social porque se convierten en cuestiones educativas. (Mtra. Walda Barrios)

Pasaron casi 200 años para que las mujeres fueran inscritas o aceptadas en la Universidad, pero creo que si ha habido mas presencia y aceptación de ingreso de las mujeres mayas a las aulas universitarias. Sin embargo en un estudio reciente del Instituto Universitario de la Mujer, de la Universidad de San Carlos de Guatemala, las estudiantes indígenas manifestaron que han sido víctimas de racismo y discriminación y que han tenido que utilizar estrategias para ser aceptadas dentro de las unidades académicas: una es quitarse sus trajes y la otra tratar de hacer grupo porque no han sido de fácil aceptación. En los colectivos de profesores, no vemos mujeres indígenas vistiendo sus trajes o hablando sus idiomas. A nivel de cargos públicos mujeres indígenas muy pocas, solo en casos excepcionales, así que el impacto es mínimo. (Mtra. Miriam Maldonado)

Creo que hay impactos positivos porque es el ejercicio de un derecho, hay que seguir avanzando en esa línea que es la tendencia con las mujeres en general. Todavía son pocas las mujeres indígenas que están incursionando en espacios que han sido tradicionalmente masculinos, pero se esta dando. Ese proceso creo que no se va a detener, pero todavía no creo que se este dando un impacto a nivel del imaginario académico, falta un poco. Hay mujeres excepcionales, como Irma Alicia, como Aura como Emma, como muchas otras que están haciendo trabajo serio, pero que aún no esta articulado en términos de ser una propuesta. (Dra. Ana Silvia Monzón)

De hecho se está cambiando el imaginario, sin embargo necesitamos como no exagerar, en ciertas maduraciones porque pareciera que en ese imaginario aparecen las mujeres universitarias, académicas como diferentes, como superiores a, y como en algún momento nos llegamos a creer que así es. Por otro lado es que dejamos de ver, dejamos de valorar, dejamos de practicar muchos valores de nuestra propia cultura. No se si es consiente o inconsciente hay una cuestión de querer dejar ser lo que se es, en muchas cosas, y como en las mujeres que no tienen esa oportunidad, esa posibilidad se creen inferiores. Pareciera ser que quieren dejar todo lo que implica el no tener acceso a, desde el tipo de alimentación, forma de vestuario, el idioma y muchas otras cosas. Muchas veces nosotras hemos generado ese cambio en el imaginario de nuestros pueblos y de nuestras comunidades, entonces yo digo que sí estamos generando cambios pero yo creo que tenemos un gran reto. (Mtra. Hermelinda Matzul)

Por experiencias que me comentan profesoras universitarias amigas mías, creo que ellas ya no imaginan un curso en la universidad sin la presencia de alumnas indígenas. A diferencia de mi generación donde no había una sola mujer indígena, por lo que creo que estas mujeres estudiantes llegaron para quedarse y están teniendo un rendimiento que interesa e impacta a sus maestros. (Dra. Clara Arenas)

Nestes relatos, fica claro que na construção dos imaginários, as pessoas participam consciente ou inconscientemente, pois estes partem desde as individualidades e passam por espaços coletivos através dos discursos, as práticas e os valores que circulam em uma sociedade,

atuando como reguladores das condutas também são dispositivos dinâmicos que produzem efeitos concretos sobre a vida dos sujeitos e das sujeitas. Por outro lado, se estabelece que o imaginário social, no que se refere às mulheres indígenas no campo da educação superior na Guatemala, tem sido atingido pela presença das mulheres indígenas, visto que:

Su transformación trastoca espacios, costumbres, relaciones, maneras de vivir y aspiraciones. La búsqueda de oportunidades y la conciencia de mismidad, las lleva a enfrentarse al orden para demostrar poderes de dominio y para crear alternativas. (LAGARDE, 200, p.38).

Embora, a presença das mulheres nos espaços educativos não seja massiva e que, em alguns casos, tem que continuar criando estratégias para se proteger de comportamentos racistas que ainda persistem e, além disso, que nos corpos colegiados de professores a presença de mulheres indígenas continua sendo mínima, como o manifesta Miriam Maldonado (2009). Contudo, está marcando as possibilidades de dar um curso diferente a história, ou seja, escrever a contrahistória porque, como o manifesta Ana Silvia Monzón, é um processo “*que não tem marcha atrás*”, por outro lado Clara Arenas, afirma que elas: “*Llegaron para quedarse*”.

Se feminizan saberes incluso académicos (...) la movilidad social de sectores de mujeres a través de la educación ha sido contundente durante varias décadas, lo que ha permitido abrir, campos, aéreas y especialidades a las mujeres, así como se ha ampliado el acceso de mujeres a niveles

de educación superior en contraste con la persistencia de millones de mujeres iletradas. (LAGARDE, 2001, p.24)

Ao mesmo tempo é importante, anotar a discussão que coloca sobre a mesa Hermelinda Matzul, intelectual e ativista indígena do país, que fora entrevistada no segundo grupo. Ela manifesta que tem-se: “riscos” e “retos” neste processo de educação superior para as mulheres indígenas. Já que desde seu ponto de vista: se corre o risco de esquecer certos valores culturais, e como ela mesma diz, “dejar de ser lo que se “ES”. Nesse sentido pode-se pensar no tão “temido” processo de ladinización,⁶⁰ fenômeno que tem sido imposto como processo de assimilação do Estado e das diversas mobilidades sociais, e que fora sempre rejeitado pelos povos indígenas, pois é identificado como perda da identidade étnica.

Em relação ao debate da legitimação da identidade do ser mulher indígena, no sentido das perdas e trocas de valores culturais durante a passagem das mulheres do espaço privado ao espaço público, identificando que a passagem pela escola e a universidade promove a aquisição de novos valores e gera o esquecimento dos valores da cultura que afirmam a identidade étnica, nesse sentido: várias das interlocutoras posicionam-se, manifestando o direito e a possibilidade de ressignificar o “ser uma mulher maya” desde diversas perspectivas e diferentes processos.

⁶⁰La Ladinización: “es una política de agresión racista, cómoda para el ladino, explicable desde su punto de vista, que existe desde la colonia e inexplicablemente consagrada por la ciencia oficial.” (Jean-Loup Herbert, 1995-160)

Yo creo que si estamos resiniendo el ser mujeres mayas y proponiendo nuevas simbologías, por ejemplo: a través de la palabra el hecho que haya una mujer maya en una presentación de un libro, comentando una tesis, dando sus aportes aun proyecto, hablando por la radio, escribiendo en el periódico, aunque sea en espacios pequeños en los periódicos comerciales o alternativos. Las mujeres que están reformando sus trajes, mas a su gusto que están combinando con trajes de diferentes regiones, todo eso siento que es parte de una contribución e genera otras formas de ver el ser indígenas, el ser maya, abrir la visión de que es el ser maya, ¿Por qué tiene que haber un sólo ser maya? y ¿Quién lo dicta? y ¿Por qué tenemos que encasillarnos en ese mandato?, porque al final de cuentas se convierte en eso. Yo creo que si, de diferentes maneras, desde diferentes símbolos, estamos contribuyendo. (Adela)

Yo transformé mi imagen, (...) para aliviar esa problemática de los estereotipos, pero no solo para aliviar esa problemática (...) de lo que era ser mujer indígena de ese entonces. Otra de las cosas que cambie fue el hablar en español, (...) porque yo quería enseñarles a ellos que yo también puedo hablarlo bien. En (...) la escuela, nos poníamos minifalda tratábamos “disimular que éramos indígenas”. (...) Por ejemplo los chicos (ladinos) que me molestaban⁶¹ cuando nos miraban con corte no nos volvían hablar; los pocos hombres indígenas que habían no nos tiraban bola a las mujeres indígenas, sino a las mujeres ladinas porque se avergonzaban de estar con mujeres indígenas, sin embargo cuando estaban fuera de la

⁶¹ Molestar, na Guatemala se usa para indentificar o que no Brasil seria paquerar.

escuela entonces iban y te prestaban los trabajos, y te pedían ayuda y ese tipo de cosas “porque ya estaban fuera de los ojos de la presión social.” (Aury)

Tampoco se racionaliza mucho que es eso que cambia en vos o que es eso que se adhiere a vos y que es lo que no se adhiere. Definitivamente hay cosas tan superficiales como decir que me encantan los perfumes ricos, esa costumbre no tienen muchos indígenas. Pero que te hacen sentir, yo soy muy coqueta, me gusta ser así, y ese tipo de cosas vienen alimentar mi coquetería y mi sentir. Pero también esa cuestión de cómo piensas tu propia vida, en el lugar donde naciste, donde creciste, porque quieres seguir allí, yo creo que esas son cuestiones más profundas. Solo viviendo en el Brasil fue donde yo me di cuenta que yo amo este país con todo y todo. Y que la discriminación no haberla vivido como maya en Sao Paulo, Brasil pero si observar como lo vive un nordestino, te da como los elementos de ver que la discriminación es un mal que aqueja la humanidad desde diferentes perspectivas. Yo creo que ese tipo de valores tiene que ver con tu experiencia de vida y me parece que si definitivamente hay muchas cosas que han entrado en mi y se han quedado y otras que no. (Margarita)

Yo creo que si, ha ido cambiando y en otras se ha radicalizado o se ha estancado, por ejemplo el hecho de que las mujeres estudien, que puedan decidir y planificar sus hijos eso, era imposible hace 20 años. Mi mamá esta de cuerdo que hombre y mujeres planifiquen, pero mi hermana es tan conservadora, ella dice que es un atentado contra la palabra de Dios planificar, dos mujeres mayas crecidas en el mismo pueblo, todo el tiempo relacionándose pero con pensamientos distintos. Al interno de las familias y

comunidades mayas cuando se tienen posibilidades y condiciones económicas cada vez más hay interés de apostarles a la educación de las niñas, y aunque se sigue dando en menor grado que las jóvenes no puede aún decidir de manera libre con quien casarse, cada vez hay mas posibilidades de que ellas decidan con quien y cuando se quieren casar. El hecho de que las mujeres ya no trabajan solo en el espacio doméstico sino también fuera de casa, eso también es bastante nuevo o reciente, sin embargo es mal visto por algunas personas. Para mi eso es un cambio que no necesariamente la cultura o la dinámica social de los pueblos mayas te lo concede porque te pertenece, sino mas bien es la lucha política y consciente a nivel personal de las mujeres, sobre: que queremos decir, donde queremos incursionar y para mi eso son como reflejos, mínimos que con el tiempo van hacer de esta sociedad algo distinto. (Azucena)

Aqui, primeiramente, temos que ressaltar que em geral quando se fala sobre a perda de valores, os julgamentos são aplicados injustamente e quase de forma exclusiva sobre as mulheres, já que segundo a sociedade indígena e não indígena, são elas as responsáveis por transmitirem os valores e costumes culturais. Na Guatemala é a mulher quem conserva o uso da vestimenta tradicional, o falar do idioma materno e outras tradições. Ainda que, como o mencionaram as interlocutoras, estas têm sido modificadas permanentemente tanto em função de continuar com a tradição quanto do impacto das mobilidades econômicas e políticas existentes.

En esta óptica la vestimenta desempeña un rol particular, ya que es –literalmente- un terreno de encuentro entre mi voluntad y

las miradas de los otros, al tiempo que me permiten situarme en relación con los otros: quiero asemejarme a tal o cual grupo o quiero asemejarme únicamente a mi grupo. Elijo mi vestimenta en función de los otros, aún cuando sea para significarles que me son indiferentes. (GARCÍA-RUIZ, 2006, p.16)

Assim mesmo, o corpo da mulher constitui-se um aparelho que como o menciona Maria Luisa Femenias, (2003) “*recibe la inscripción narrativa de la historia, constituyéndose en un cuerpo sexuado que soporta los modos institucionalizados del control.*” Porque são as mulheres, mais que os homens, que partindo de seus corpos, articulam os elos entre as gerações. Nesse sentido, é uma responsabilidade imposta não só para as mulheres indígenas da Guatemala, senão também para outras mulheres em diversas partes do mundo: “*La mujer “indígena” guatemalteca, por su resistencia expresada en el traje, se solidariza con la mujer “indígena” árabe, hermana colonizada*” (JEAN-LOUP, 1995,p.172)

Por outro lado, referindo-me aos elementos subjetivos e objetivos que foram apresentados nestes depoimentos, os quais revelam os processos de empoderamento das próprias protagonistas, que identificam e assumem claras e várias mudanças que vêm tanto de reflexões, quanto de estratégias de sobrevivência e, o fato de sentir-se bem consigo mesmas. Estas transformações não só têm a ver com o exterior, mas também com a forma de ver o mundo e de enfrentar-se com o problema do racismo, da discriminação e dos preconceitos. Nesse processo de passagem elas vão se construindo e produzindo

diversas práticas discursivas, que as fazem emergir como sujeitas distintas em espaços conhecidos, mas em dimensões diferentes.

Sem que se denote nenhuma rejeição ao seu ser indígena, muito pelo contrário, elas têm orgulho de ser mulher indígena e se identificam como tal, identidade desde onde se posicionam para fazer o seu trabalho e vida cotidiana. Pelo que não se pode cair no jogo novamente, no qual se culpa permanentemente as mulheres como menciona Marcela Lagarde (2001) do que nossos intentos de emancipação atentam contra os valores, as tradições familiares, populares, étnicas, regionais ou nacional, isso seria assumirmos culpáveis de diversas crises sociais.

COLONIZAÇÃO OU LIBERAÇÃO

Neste segmento nos referiremos à educação e ao processo educativo das entrevistadas, o qual surge no meio de um sistema de educação que as têm esquecido e excluído historicamente, visto que como temos mostrado, a educação oficial da Guatemala foi arquitetada pelo sistema de poder enraizado na máquina colonizadora. Por outro lado, situando-nos nas histórias de vida das entrevistadas, encontramos como estas revelam os artifícios que as protagonistas desde meninas foram construindo e ao mesmo tempo se enfocando e lutando para ingressar e se manter num processo de formação formal sistêmica, embora este seja reconhecido como um sistema colonizador, já que, como o menciona Althusser, a escola é o principal aparato estadual que garante o “*sometimiento a la ideología dominante*”. Por sua vez, Gramsci a identifica como uma função educativa positiva que: “*Forma*

parte del aparato de la hegemonia política y cultural de las clases dominantes”.(GRAMSCI, 1971, p.174). Contudo, também foi possível considerar-la e utilizá-la pelas mesmas interlocutoras como um instrumento para se liberar dos roteiros que tinham assinados desde o momento do nascimento ou antes. *“Así, la escuela se convierte en una herramienta necesaria y una ilusión que permitirá soslayar o evitar la discriminación de que han sido objeto los indígenas a lo largo de la historia”*. (FLORES, 2005, p. 49)

As “femoestadísticas” como as denomina Patricia Borrayo, que revelam com clareza a condição, posição e situação das mulheres guatemaltecas e em particular das mulheres indígenas. Apesar de terem sido apresentados alguns dados no capítulo I, considero de vital importância adicionar outras cifras específicas da educação das mulheres indígenas e dos lugares de onde são originárias as entrevistadas, que nos auxiliam na compreensão do contexto educacional de onde estas protagonistas emergem.

Las mas altas tasas de analfabetismo son em los departamentos de: Quiché 52.5%, Alta Verapaz 51.3%, Sololá 47.9%, Totonicapán 43.3%, Baja Verapaz 41.9%, Huehuetenango 41.6% frente a una media nacional de 31.7%. La media de analfabetismo entre las mujeres indígenas varia de 50% hasta 90% y solamente el 43% de ellas consiguen terminar con el nivel primario, 5.8% de la educación media e el 1% de la educación superior. En el período de 1995 al 2000 no se ha incrementado significativamente el porcentaje de la inscripción inicial de mujeres en todos los niveles educativos. De cada 8 niñas que inician la escuela

primaria solo una finaliza el sexto grado. La deserción escolar de las niñas en el área rural, a partir del tercer año de la primaria es de 66.4%. La mayoría de 556.000 niñas y niños 7 y 14 años, que no asisten a la escuela son indígenas. (BORRAYO, 2007, p.64)

Os dados estatísticos anteriores evidenciam amplamente a desigualdade e a iniquidade na educação na Guatemala, onde os roteiros, estereótipos, o racismo, o sexismo e a discriminação persistem geralmente no sistema educativo do país, mais particularmente em relação às mulheres indígenas das áreas rurais. Situando friamente dentro destas estatísticas as protagonistas desta etnografia, a maioria delas por serem mulheres indígenas e nascidas nas áreas rurais do país, estatisticamente faria parte das mulheres que corriam o risco de ser parte das altas estatísticas de não ter acesso à educação, e possivelmente engrossar as estatísticas de mulheres empregadas domésticas já que, como o afirma Manuela Alvarado (1996) “*en Guatemala las trabajadoras de casa particular en un 99%, son indígenas que migran de las áreas rurales*”. (ALVARADO, 1996, p.7) Também poderiam ter sido vítimas da mortalidade materna, escravizadas como trabalhadoras das linhas de produção, ou comerciantes da economia informal na Guatemala. Estes dados com clareza demonstram como elas são vistas e pensadas não só pela sociedade, senão especialmente pelo Estado guatemalteco, que tem construído o sistema educativo desde uma perspectiva etnocentrista, classista e androcêntrica, pelo que as políticas educativas ao longo da história têm excluído aos povos indígenas e em especial as mulheres indígenas.

O sistema nacional de educação na Guatemala como em todos os países colonizados pelos espanhóis inicia-se na época da colônia através das missões evangelizadoras partindo de um espírito assimilacionista que, sob o pretexto de salvar aos indígenas do “politeísmo e a barbárie”, evangelizam e promovem a castellanização, assegurando desta forma o processo de colonização ideológico e espiritual. Pelo que o idioma castelhano passa a ser a língua da civilização e hierarquicamente superior as centenas de idiomas que já se falavam nos territórios invadidos, impondo assim uma nova ordem linguística. Na Guatemala, a castellanização foi legalizada na Real Cédula dos sete de junho de 1550. Assim, também as primeiras escolas foram pensadas para os filhos e filhas dos espanhóis e em segundo lugar foram aceitos os mestiços.

Os poucos indígenas que receberam educação nessa época foram filhos e filhas de caciques e principais, mas também se conhece que na segunda metade do século XVI já se contava com uma escola para meninas indígenas. Mas a educação para indígenas limitava-se aos conhecimentos da doutrina cristã. A organização educativa na época da colônia na Guatemala era de caráter feudal, sistema implantado pelos espanhóis na América, o mesmo que evoluiu lentamente através do tempo, e continua a ser um privilégio das minorias dominantes.

Os objetivos destas escolas eram ditados pela classe hegemônica, convertendo a escola num instrumento de repressão e reprodução dos sistemas de desigualdade. Na Guatemala, a igreja tem intervindo na educação em todos os níveis desde a época da colônia. Embora, já na época liberal de 1871 se estabeleça constitucionalmente a

educação como laica, não se pode falar desta como um fato real até hoje. Foi só a partir do século XIX que o Estado guatemalteco começou a pensar na possibilidade do “direito dos indígenas”. Nesse sentido, a castelhanização era um dos veículos planejados, pensados e organizados para essa transformação.

Em 1982 se cria o *Programa Nacional de Educación Bilingüe*, PRONEBI. Mesmo que tivesse influência de intelectuais que vinham de diversos grupos mayas, nesta proposta incluíam-se conteúdos mayas tanto na capacitação quanto nos textos para as crianças. Também organizou-se o *Proyecto de Educación Maya Bilingüe Intercultural*, PEMBI que tem como objetivo central a formação de professores para as escolas bilíngues interculturais. Neste panorama também aparece o processo da Reforma Educativa, o qual tem a ver com o fenômeno das reformas educativas, que segundo Fernando Reimers (2002) tinham iniciado em outros países da América Latina desde os anos 50 e que foram promovidas pela UNESCO, o Banco de Desenvolvimento e a Agência para o Desenvolvimento Internacional de Estados Unidos e o conhecido programa de Aliança para o Progresso que contribuíram com: *“La propagación de las tesis que contemplan el capital humano como inversión necesaria para el crecimiento económico”*. (REIMERS, 1999, p.4)

Neste contexto, basicamente, o principal problema de acesso à educação, refere-se à condição econômica, à identidade étnica e à questão do gênero. Pelo que existe *“una correspondencia entre ser índio y ser pobre”* (FLORES, 2005, 97) e além destas duas categorias eu agregaria a de ser mulher. Mas como já se mencionou antes, nem todos

e todas as indígenas sempre têm sido pobres, já nos testemunhos anteriores se estabeleceu a integração de elites indígenas que sem dúvida nenhuma tem proporcionado possibilidades de estudar a seus filhos e filhas, mas é preciso apontar novamente e dizer que isso acontece com um grupo minoritário. Aqui é oportuno apresentar as histórias familiares das interlocutoras e os processos educativos promovidos em seus grupos familiares:

Antes de contar mi proceso es importante entender el contexto, en que momento yo y varias mujeres salíamos de nuestras comunidades e casas. El Estado dijo que había que iniciar procesos de ciudadanía hacia pueblos indígenas, eso se mencionaba en los años 60, se decía que había que civilizar a los indígenas y una forma era educarlos, para convertirlo en ciudadanos. En ese momento el Estado estaba manejando el discurso y la política para la civilización, así que los hombres indígenas en Comalapa⁶² no desaprovecharon la oportunidad y dijeron si, vamos usar la educación y mandar a nuestros hijos a educarlos., Por eso que la educación en Comalapa, fue un proceso colectivo hasta hoy día se dice que es uno de los municipios que tiene menor grado de analfabetismo. YO crecí ya con la facilidad y oportunidad que nos dio mi papá, fueron los hombres que dijeron “La Educación Sirve” mi papá es más abierto para darle educación a la mujer. En mi familia todas tenemos educación. Por un lado el tener acceso a la educación como que nos da orgullo el hecho de decir, puedo escribir, puedo leer entonces me puedo defender. (Emma).

A mi me gustaba ir a la escuela, porque no me gustaban los oficios domésticos, tenía una predilección por estar en la escuela, por leer, me encantaba ese mundo del saber. Cuando mis papas me decían no sabes, no lo hagas, yo decía parece que mi papá se equivocó, es que sí tenemos cabeza, sí podemos.

⁶² Comalapa, municipio de Chimaltenango, a região central do país; sua população é majoritariamente indígena.

De mis hermanos los niveles académicos más altos los tengo yo, mi hermana penúltima se acaba de graduar de médica, mi otra hermana va a graduarse en administración de empresas, mi hermano mayor fue a la Universidad pero no concluyó, el segundo trabaja en informática y estudia en la universidad y menor estudia ingeniería en sistemas. Mi papá ahora tiene una percepción diferente de la educación superior, el tenía una opinión desfavorable de la educación de las mujeres, esa opinión era alimentada por que en la iglesia se consideraba que cualquier persona que estudia era igual alejarse de la iglesia o de cuestionarla. Otra cosa es que nosotros hemos sostenido lo estudios de mis hermanos, a través de pequeñas empresas que nosotros mismos como hermanos hemos iniciado, somos empresarias jóvenes. Mis hermanas han estudiado con recursos de este comercio, no con los recursos de mi padre. (Aury)

Para estudiar la primaria y el básico⁶³ la guerra marco, pero para el diversificado⁶⁴ era porque yo quería salir de Santa Cruz, para mí era un castigo levantarse temprano para hacer todo el oficio, ir a la escuela, regresar y seguir haciendo el oficio. Yo me voy, yo quiero conocer como es la capital, no me puedo condenar la vida a vivir en una casa, ver que el futuro de las mujeres era tener marido, tener hijo y trabajar en la casa. Yo decía, yo no quiero esa vida para mí y la única manera de no vivir así era seguir estudiando y cuando vine a la capital me fije que había otras maneras de ser mujer. Yo ya sabía que había universidad y que se podía estudiar, pero mi papá no quería porque el dijo que si yo me vine a estudiar aquí, era para poder ganar dinero y apoyar a la familia. Pero yo dije no, no voy a dejar de estudiar, no voy a parar, voy a seguir. Somos una familia distinta, porque somos la única

⁶³ El Básico, que no Brasil sería o Ensino Médio.

⁶⁴ El Diversificado, que no Brasil sería o Ensino Técnico.

familia que seis des sus miembros hemos podido estudiar en la universidad. (Azucena)

Mi primaria la estude en el municipio de San Juan fuera de mi comunidad, en la mañana iba a la escuela y en la tarde trabajaba, yo siempre combine eso de trabajar y estudiar porque no había otra alternativa. Para estudiar el diversificado tenía que ir al departamento porque en el municipio no había, buscamos una beca y conseguimos una media beca⁶⁵ en un colegio cristiano, fue un choque grande, me costo tanto adaptarme pues la diferencia económica era inmensa allí estudiaban hijos de finqueros, de bogados, mientras que yo venia de una comunidad rural. Mi mamá solo sabe leer y escribir, mi papá términmeo el bachillerato por madurez⁶⁶ estudiando en la noche. Yo escuché siempre que porque mi madre no tenía un ingreso y no tenía una preparación académica le decían que no valía, que era una tonta, que no aportaba y yo me preguntaba: ¿Cómo puede una evitar ser agredida, y no sufrir? Yo pensé que debería haber una manera diferente, que una tiene que sobresalir a costa de lo que sea pero que una tiene que avanzar. Creo que todos esos factores me dieron fuerzas para seguir. Mi difunto abuelo me cuestionaba ¿quién te esta llevando a la universidad, quién te aconseja? Ahora al hacer una mirada introspectiva soy dentro de la familia una de las pioneras y puedo decirles con hechos no con palabras que la educación universitaria también es para las mujeres. Mi madre era quien me decía que había que seguir que no importaba lo que diga la gente, lo importante que yo tuviera esa seguridad de seguir y que luchara por mis metas. (Elizabeth)

⁶⁵ La media beca, era uma bolsa que não cobria 100% das necessidades do estudante; no caso de Elizabeth só cobriu o pagamento do colégio e nada mais.

⁶⁶ Bachillerato por madurez na Guatemala é o que no Brasil seria supletivo ensino médio.

Na narrativa da Emma, ela menciona e nos indica como o Estado pensava na década dos anos 60, em relação à cidadania dos indígenas. Cidadania que, segundo o Estado, só poderia ser alcançada pela “civilização” destes povos, e que só poderia ser feita através da “educação.” Neste sentido o historiador Arturo Taracena afirma:

Bajo el impulso del indigenismo de la década de los 40, el Estado guatemalteco habría de optar por hacer viable la vieja Idea de asimilación de la población indígena. En materia educativa esto se tradujo en una política que desechó el término **civilizar**, el cual fue sustituido semánticamente por el de **alfabetizar**. (TARACENA, 2006,197)

Nos casos apresentados, além das diferenças, as semelhanças são bastante recorrentes. Destacam-se vários elementos que podem ajudar nas reflexões do tema primeiro e é importante ressaltar que: apesar de que, como já se demonstrou nos capítulos anteriores, as relações de poder entre os gêneros no contexto familiar, permanentemente se deem em condições de desigualdade, mas nos testemunhos em relação ao direito à educação, todas as interlocutoras manifestam que foram tomadas em conta por seus pais para iniciar processos educativos tanto como seus irmãos, embora elas tivessem maiores restrições foi estabelecido desde um início essa possibilidade de estudar. O evento que as sobrecarregava duplamente com o trabalho produtivo e reprodutivo dentro da família, denota com clareza como estas relações familiares estão permeadas pelo sistema patriarcal. Aqui cabe mencionar que este tipo de comportamento não é exclusivo das famílias indígenas, é uma situação que vem afetando a vida das mulheres em geral há muito tempo.

Por outro lado, estes processos educativos foram apoiados e acompanhados por uma mãe, por um pai, por irmãos ou outros familiares, denotando estas atitudes, processos de transformação no que se referem à importância da educação. Estas mudanças foram iniciadas nas gerações anteriores às das protagonistas. Já que,

En un contexto rural familiar, si la familia tiene suficientes recursos económicos y (...) si las madres y los padres valoran la educación motivaran a que la adolescente o a la joven siga formándose, no será obligada a casarse. (...) Ella si (...) es capaz de enfrentar el racismo y el sistema patriarcal en el espacio universitario podrá alcanzar la licenciatura y el postgrado. (CRIRIX, 2007, p.12)

Mas em algumas destas famílias nem todos tiveram as possibilidades de estudar, já que, tanto algumas mães quanto alguns pais ainda não conseguiram aprender a ler ou escrever; outros só chegaram a ter educação primária; enquanto outros, em menor quantidade, conseguiram graduar-se como professores bilíngues ou monitores de castelhanização. Em comparação com a geração das entrevistadas, tanto elas como a maioria de suas irmãs e seus irmãos concluíram a educação primária, outros a secundária e a universitária. Segundo um estudo recente no Equador:

La educación no sólo aumenta la productividad laboral y, por ende, los ingresos percibidos, sino que está asociada a una mejor salud y nutrición en el hogar. Además, la educación de la madre está fuertemente asociada al aprendizaje de los niños en la escuela. En consecuencia, las desigualdades educativas perpetúan las desigualdades en los ingresos y en la

condición social.” (GARCIA e WINKLER, ipude FLORES, 2004, p.56)

Claramente se estabelecem as transformações de Descampesinização promovida pela migração e outras razões que: como já se apresentou antes, tem a ver com uma série de mobilidades sociais. Karin Rodríguez, (2000) mostra que motivados pelas próprias famílias a continuar os estudos e para encontrar melhores oportunidades de trabalho, também no Brasil, alguns jovens indígenas Kaingang e Xokleng, emigram. Este processo produz mudanças importantes na economia das famílias, instituindo-se em pequenas elites, mas isso não que dizer que as protagonistas ficaram liberadas para trabalhar, o que sempre combinaram até hoje com o fato de estudar. Sem querer cair em paralelismos, é interessante trazer aqui o exemplo dos intelectuais indígenas do Equador, que passam condições e situações muito parecidas às vividas pelas interlocutoras desta pesquisa.

Las primeras generaciones de intelectuales indígenas del Ecuador no son producto de la fuerza del movimiento indígena, sino de la condición económica de algunas familias que pudieron financiar tempranamente la educación de sus hijos y de aquellos que pudieron acceder a ayudas o becas de estudio. (FLORES, 2005, p.56)

Por outro lado, todas estas mudanças gerarão transformações profundas nos paradigmas com os quais elas cresceram; e os modelos diferentes chocam com tradições e formas de ser impostas por uma simbologia que foi se construindo dentro dos processos de socialização excludentes, que partem dos contextos tanto próximos quanto dos externos, públicos e políticos.

IDÉIAS FORÇA QUE CONSTROEM PARADIGMAS

Para referirmos à construção e trabalho destas protagonistas como intelectuais indígenas na Guatemala, primeiro têm que se identificar que esta geração, do meu ponto de vista, é a mais recente, o que significa que na Guatemala já se conta com mulheres indígenas, tanto intelectuais como funcionárias do Estado, lideranças políticas e comunitárias que foram abrindo as primeiras brechas nos diversos espaços da sociedade Guatemalteca, mulheres que, em sua maioria, vêm também de realidades bastante parecidas. Alejandra Flores referindo-se aos intelectuais indígenas no Equador diz que: *“La visibilidad de los indígenas, principalmente en la última década, ya sea en cargos públicos o políticos ha producido, sin embargo, cambios positivos en las nuevas generaciones de jóvenes”*. (FLORES, 2005: p.68)

Fenômeno que não só tem se produzido na Guatemala e Equador, como também em países como México, Peru, Bolívia, Colômbia e Chile, entre outros, onde a população indígena é significativa senão a majoritária.

En el caso boliviano, cercano a Ecuador en términos de una gran concentración de población indígena, el sociólogo García Linera identifica tres factores que considera han influido notoriamente en el fortalecimiento de la población e identidad de aymaras y quechuas: “la transmisión cultural generacional (herencia de valores), el surgimiento, en los últimos 30 años, de una elite de intelectuales indígenas, y el éxito que han tenido campesinos y originarios en la política y el sindicalismo (caso Evo Morales), lo que les ha dado poder y los ha vuelto influyentes” (FLORES, 2005, p.67)

Em segundo lugar, considera-se que não é por acaso que no nível de graduação todas elas são graduadas em Ciências Sociais, especialmente como Assistentes sociais, embora algumas não tivessem a oportunidade da escolha, porque por questões econômicas de trabalho e dos horários só poderiam estudar essa carreira nos fins de semana, mas também o fato de serem mulheres tem implicações nesta opção, já que, segundo o estudo de Ligia Delgadillo:

La separación existe entre la selección de la Carrera y posterior segmentación en la actividad profesional corresponde a la construcción patriarcal de la sociedad.(...) las mujeres continúan estudiando prioritariamente determinadas especialidades o carreras que dan lugares a profesiones u ocupaciones connotadas como femeninas y calificadas como de segunda categoría y por ende con menor remuneración e reconocimiento social. (DELGADILLO, ipud BORRAYO, 2007, p. 10)

As probabilidades de continuar os estudos superiores também têm a ver com as possibilidades de obter uma vaga nos diversos programas de bolsas promovidos por organismos internacionais e de alguma universidade privada do país. Embora, a maioria das famílias destas protagonistas tenham uma condição econômica distinta da maioria dos indígenas na Guatemala, para poder estudar na universidade elas, senão todas, em sua maioria têm sido bolsistas da Universidade Rafael Landivar, a qual desde 1997 lança seu programa de EDUMAYA,⁶⁷ financiado diretamente por USAID, que em suas

⁶⁷ EDUMAYA, “Con el fin de contribuir a la implementación de los Acuerdos de Paz, USAID se ha propuesto proveer el apoyo directo al Gobierno, al sector privado y a la sociedad civil de Guatemala, utilizando entre otros medios, la promoción de la educación al mundo indígena. en especial a aquellos pertenecientes a los grupos de retornados y desplazados, o cuyas

estatísticas indicam contar já com 1.300 profissionais indígenas graduados. Por outro lado, a continuação dos estudos de pós-graduação acontece através da Fundação FORD,⁶⁸ seção Guatemala, instituição que facilita a possibilidade de fazer pós-graduação em nível do mestrado ou doutorado.

Desde meninas, a liberdade, a luta contra o racismo, a luta pelos direitos das mulheres, a luta contra a violência e, especialmente, contra as mulheres, a honestidade, a sinceridade, o respeito, a descolonização externa e interna, a justiça, direito a um ambiente saudável, procura da coerência entre o discurso e a prática, são um leque de ideias que desde o discurso das próprias protagonistas, tem fornecido os processos pessoais, tanto intelectuais como políticos delas e ao mesmo tempo foram constituídas em suas ideias força, mesmas que, “ *unidas a sua*

comunidades fueron afectadas por el conflicto, hundiéndose en la miseria y el abandono, en este escenario junto a la Universidad Rafael Landívar presenta la propuesta de EDUMAYA que contempla preparación universitaria, preparación, profesionalización y acreditación docente. El destinatario natural de EDUMAYA es el indígena. La inclusión de la mujer y el hombre en los programas, para que ambos sean protagonistas reconocidos del proyecto. De acuerdo con las expectativas de USAID, EDUMAYA enfocará su trabajo en tres dimensiones interrelacionadas con vistas a reforzar y ampliar los servicios educativos para el mundo indígena: 1. Formación universitaria, facilitando el acceso a la Universidad de becados indígenas, y graduación de 850 universitarios.2.Formación y acreditación de maestros bilingües para la educación primaria rural.3. Reforzamiento y o diseño y aplicación de modelos innovativos de educación.” www.url.edu.gt/PortalURL/Contenido.aspx

⁶⁸ Fundación Ford, “El Programa Internacional de Becas de la Fundación Ford (IFP) fue inaugurado el año 2.000, con el objetivo de proveer oportunidades para la realización de estudios de postgrado a personas talentosas, capaces de usar sus conocimientos para transformarse en líderes en sus respectivas áreas, contribuyendo a la justicia social y al desarrollo económico de sus comunidades y en países. El Programa Internacional de Becas de la Fundación Ford (Programa IFP) es dirigido por la Secretaría Ejecutiva, situada en la ciudad de Nueva York, que colabora directamente con las organizaciones asociadas en 23 países y territorios. Los Becarios IFP son seleccionados entre quienes han estado excluidos de las oportunidades de acceso a estudios de postgrado, elegidos en base a su potencial académico, de liderazgo, y a su compromiso social y comunitario.” www.fordfound.org/

rebeldia, a sua audácia e à firmeza na procura de seus sonhos e metas, se acentuam nas suas subjetividades como mecanismos de autonomia”. (LAGARDE, 2002, p. 15)

Nesse sentido, todas estas ideias força fazem parte do discurso crítico assim como do trabalho político e intelectual comprometido, no qual estas intelectuais estão envolvidas quotidianamente. Visto que, dentro de suas responsabilidades como intelectuais, além de teorizar devem considerar fazer propostas concretas para transformar a realidade. Gramsci estabelece que: “*En “Espontaneidad y dirección consciente”, la teoría producida por los intelectuales progresistas no puede ir en contra de los “sentimientos” de aquellos a quienes en teoría representan”.* (GRAMSCI ipud CREHAN, 2002, p.151)

Os momentos históricos vividos pelas protagonistas assim como suas próprias escolhas teóricas e práticas estabelecem tanto sua fundamentação ideológica, quanto seu trabalho teórico e a prática que vêm desenvolvendo há vários anos.

En mis inicios yo estuve organizada como sindicalista allí tuve una base formativa en términos de análisis y conocimiento de clase el que se reforzó al pasar por la universidad. Participo en el movimiento estudiantil universitario en Cobán, y cuando me vine para la ciudad ya estaba organizada en una de las organizaciones revolucionarias, allí es cuando entro en contacto con la educación popular. También empiezo a tener en la ciudad contacto con las teorías feministas y empiezo a entender que las relaciones son una cuestión histórica, creada, recreada, mantenida etc.

Empiezo a sentir como una rebeldía ante las posturas rígidas de los compañeros, que ven la lucha de clase como el único medio para cambiar este país y desconocen todo lo demás, incluso llaman “contradicción secundaria al problema de discriminación, opresión marginación de las mujeres y de la población indígena.” Ahora se que hay una contradicción y una pugna que tiene que ver con el hecho de nacer mujer o nacer hombre y todo lo que socialmente eso implica. Que no es lo mismo nacer mujer pobre que hombre pobre, mujer indígena que mujer mestiza, o que hombre mestizo y empiezo haber que es mas complejo todo. Paralelo, retomo la carrera universitaria entonces se agregan otros conocimientos académicos. (Adela)

Yo no pertenezco a ningún movimiento social, he estado de manera indirecta y también de manera no planificada, yo empecé a entender esta dinámica hasta que empecé a trabajar con ONGs que trabajaban proyectos de desarrollo y organización política y participativa. Luego trabajé en un proyecto de investigación que trataba de identificar los cambios en la vida de las mujeres que se refugiaron en México y regresaron a Guatemala a través de esa experiencia yo empecé a conocer varias expresiones de mujeres en Guatemala, pero nunca me vincule a ellas. La única organización de mujeres mayas, en la que yo participe es Kaqla, donde quise participar, mas para entender mis conflictos y dudas que quería resolver. Hubo un momento en que yo dije me voy a cortar el pelo porque en ese momento para mi era una de las características de sumisión de las mujeres. Cortármelo era un como un rito de cortar de manera profunda con dolores que me estaban haciendo mucho daño, y como una manera de decir quiero cambiar algunas cosas y me atengo a

las consecuencias. Pero no estaba tan consciente que esas consecuencias significaran, que muchas mujeres y hombres mayas y no mayas empezarán a cuestionar mi identidad étnica y empezaron a decir “Acaso yo me quería volver ladina”. La cultura y la identidad son cambiantes y dinámicas y nadie tiene derecho a cuestionar a los grupos étnicos ni a sus integrantes a todos los cambios que se puedan producir en su vida cotidiana porque esas son decisiones autónomas. (Azucena)

En mi trabajo yo tuve un amigo que tenía un pensamiento revolucionario, el influyo en mi. Cuando se firmo la paz hicimos una actividad en memoria de las personas que cayeron durante el conflicto, yo empecé a involucrarme en ese rollo comunitario, y participe de reuniones y actividades de reflexión política. Participo en la integración el partido del Frente Democrático Nueva Guatemala, donde lamentablemente fue un espacio de decepción política para mi, porque la lucha de poder también existía fuertemente adentro y eso fragmento la unidad y solo perdimos la alcaldía por 100 votos fue muy triste. En ese partido había mucha gente preparada con mucha conciencia, yo estaba aprendiendo mucho. Desde hace tres elecciones, forme parte de un grupo de profesionales que organizamos actividad públicas para informar a la comunidad sobre los procesos de elección. También he estado apoyando unos COCODES,⁶⁹ como asesora, organizando el COCODE

⁶⁹ COCODE, Conselho de Desenvolvimento comunitario, estruturas organizativas comunitarias que faz parte do Sistema de Conselhos de Desenvolvimento Nacional na Guatemala, estes conselhos naceram desde 1985, contudo só se reestruturaram depois da assinatura dos acordos de paz. As comunidades e a sociedade civil em geral viu esta possibilidade de participação política com muita esperança, mas acabou sendo de novo so um ilusão para o povo, já que estes espaços políticos novamente foram invadidos e dirigidos pelos antigos e

de mi colonia. Este grupo se mantiene por iniciativas propias con objetivos, políticos sociales para colaborar en temas específicos. (Marta)

Fui parte del movimiento magisterial. Yo creo que tiene que ver la forma como miro al mundo y la vida. Yo creo que lo institucionalizado está tan viciado y creo que estos movimientos sociales o colectividades, que respeto mucho por estar, pero creo que no hemos entendido que la realidad cambió. Era posible tener estas colectividades que nacen también como herencia de los sindicatos, pero era porque el trabajo se concentraba en un lugar y la gente se organizaba en ese lugar. El modo de producción cambió y si antes en una fábrica se hacia todo, ahora cada quien hace un pedacito por cada lado. Después de la caída del muro de Berlín se estructuro y se desestructuro muchas cosas por lo tanto, los movimientos, deberían de repensarse para su forma de actuar y yo creo que en los lugares donde estamos es donde se puede hacer porque, como diría mi a miga Raquel: Una revolución no la es, si no lo es en lo cotidiano. Para mi hay que pensar otra manera de ver que la realidad está en movimiento, por lo tanto Creo que son formas de actuar que quedaron de los setenta y que no nos hemos podido dar cuenta de que para este contexto donde todo se movió, donde todo está circulando por un lado y por el otro, no sé si sean tan útiles. Creo en mi comunidad, eso si, yo creo en la propiedad comunitaria. (Ixkik)

Soy parte del movimiento feminista, yo reivindico eso yo trabaje en el 97 antes de mi participación en Kaqtila,

yo venía de mi carrera de secretaria en FODIGUA⁷⁰. Me meto a ese proyecto de Salud Sexual y Reproductiva, donde el shock más grande que tengo con ellas fue con el tema de la diversidad sexual. La verdad que el feminismo llega antes que toda la etnicidad con migo, y después paso a Kaq'tla donde yo empiezo a trabajar mi identidad étnica y empiezo a reflexionar sobre el hecho de ser mujer y ser indígenas y que significaba en nosotras las mujeres mayas que tenemos esta doble identidad. Empiezo así a identificarme con estos temas le empiezo apostar y saber que las mujeres estamos discriminadas y me fijo mas en la discriminación por género porque lo empiezo a identificar y vivir en carne propia como me trataban en la camioneta, en la calle, me empieza a calar. Empiezo a cuestionar las relaciones entre mi familia, para mi el feminismo es la mezcla de todo, mi mamá con su discurso de no dejarme, de estar siempre con la cabeza levantada, también el feminismo vino a reivindicar cosas en los espacios públicos, como poder decir No, y poder reclamar. (Saqbe´)

He optado por una lucha personal, creo que ha sido mi misma situación yo he venido de un trabajo de ONGS desarrollistas, en donde allí más que en la escuela es donde he recibido acciones de racismo en mi relación con hombres ladino mestizos y mayas también no fue muy buena. Quizás mi articulación con estas organizaciones no me permitió el tiempo como

⁷⁰ FODIGUA, **El Fondo de Desarrollo Indígena Guatemalteco**, es un organismo Nacional, desconcentrada, con estructura bipartita, ya que está conformado por un Consejo Directivo Nacional, conformada por personas propuestas por el gobierno central y organizaciones de la sociedad civil de los pueblos indígenas, con cobertura geográfica en las regiones lingüísticas del país. www.fodigua.gob.gt/

para involucrarme en otras y en muchos de los casos los activistas mayas, se identifican como activistas en tanto forman parte de esas organizaciones. En mis primeros años cuando me di cuenta de su existencia pensé eso es lo que yo quiero, un espacio que me ayudara a luchar contra lo que me afectaba, ellos son yo allí si quiero estar. Sin embargo las mismas situaciones que vivían no me permitieron acercarme a esas organizaciones y cuando me acerque, vi que teníamos objetivos diferentes, ahora yo sé que lo que quiero es otra cosa y no tengo un lugar, no encuentro un espacio donde yo pueda conectar lo que pienso y lo que sé, es que he encontrado hegemonismo en las organizaciones mayas. (Aury)

Desde pequeña trabajé con grupos de mujeres, también era una líder de la iglesia presbiteriana, soy fundadora de una asociación de grupos de mujeres Mam y como del Consejo Maya Mam, en Quetzaltenango es una instancia donde su objetivo es la reivindicación, la búsqueda de un desarrollo de los municipios Mam de Quetzaltenango. Lo que se ha logrado es que un número considerable de mujeres indígenas finalmente después de toda una vida, tengan sus documentos de identificación. Una de mis grandes preocupaciones es la violencia contra las mujeres, en el último estudio que hice en el Altiplano sobre las causas de la violencia, que provoca la violencia contra las mujeres, me di cuenta que en el ejercicio de su ciudadanía en cuanto a su sexualidad, hoy sigue siendo un tabú, todavía no hay ese ejercicio se les ha negado siempre (Elizabeth)

Yo pertenezco un poquito a cada uno, primero fue con el Foro de la Mujer a nivel político todo fue una escuela pero que lastimosamente por la ideología de

algunas dirigentes ha cambiado totalmente la visión. Mi trabajo es con el movimiento de mujeres y de jóvenes de las bases en las comunidades mames de Huehuetenango, Soy parte del he movimiento Kaibal⁷¹ con quienes estamos trabajando a nivel político partidista, tuve la experiencia me metí a conocer un poco, para trabajar a nivel municipal, pero hay resistencia machista con los hombres, no dejan participar a las mujeres indígenas en los puestos de la corporación municipal. No e agradable participar en esos espacios pues existe mucha manipulación de otra personas que ya son expertas en esas prácticas. También participe con WUINACK no me gusto mucho ese movimiento, ya que a mi manera de pensar y vivir en ese espacio, existe mucho machismo, es muy centralista son ellos, no dejan participar a otras personas que integran el proceso. Solo si sos de la fundación si tenes cabida, si no. Eso limita a la gente. (Flor de Copal)

Baseando-me nos testemunhos das protagonistas assim como nos comentários das outras entrevistadas, sendo parte do público que segue e reconhece o trabalho destas atrizes sociais, políticas e intelectuais mayas e depois de analisar cuidadosamente as posturas, lutas e experiências vividas ao longo de suas vidas. Na parte final deste capítulo, posso mencionar que embora elas se desenvolvam em um sistema dominante neoliberal, dentro de uma economia totalmente mercantilista, estas protagonistas emergem com uma série de práticas

⁷¹ Kaibal, movimento político de jovens maya-mam que se organizaram para competir nas eleições locais de San Indelfonzo Ixtahuacan, Huehuetenango. Acompanhado pelo trabalho de Flor de Copal uma das protagonistas.

discursivas, com as quais propõem e participam da construção de uma sociedade más equitativa, enriquecendo e transformando o conteúdo simbólico, político e social das mulhres indígenas da Guatemala e, nesse sentido, das mulheres indígenas do mundo. Mulheres intelectuais mayas que como o menciona (Edwar Said 1996) desmistificam, que criticam, que estão sempre alertas à manipulação do poder e sobretudo lutam por sua independência intelectual, desde seus espaços privados quanto dos públicos, onde elas transitam permanentemente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS:

Somente depois de um longo processo de análise, interpretação de dados, múltiplas leituras, troca de ideias, assim como diversas e permanentes orientações foi possível escrever uma narrativa que apresentasse os diversos resultados que apareceram na passagem da articulação da investigação teórica com os dados empíricos recolhidos no trabalho de campo. É importante mencionar, primeiramente, que conforme pude demonstrar nesta etnografia, as diversas rupturas políticas, econômicas, sociais e culturais que se sucederam no processo histórico da nação guatemalteca têm marcado profundamente a vida dos povos indígenas da Guatemala. Tais rupturas estabeleceram, e ainda estabelecem tanto a “violência fundadora” quanto a “violência sustentadora” e estas, por sua vez, promovem diversos fenômenos tais como: a migração e a descampesinização.

A migração e a descampesinização são processos que permitem a constituição de pequenas elites indígenas, que durante o processo de desconstrução de suas diferentes subjetividades e objetividades, tanto individuais como coletivas, conseguem proporcionar e manter um processo educativo para seus filhos e filhas, dentro da educação “formal” guatemalteca. No entanto, tal educação se dá dentro de um sistema educativo colonizador, como é o sistema oficial da Guatemala, que, paradoxalmente, também mostra-se como uma alternativa ou ferramenta de liberação para tentar modificar os padrões de discriminação e exclusão que os povos indígenas vêm sofrendo cotidianamente desde o tempo da colônia.

A partir de um olhar antropológico comprometido com as mulheres indígenas da Guatemala, trabalhando desde a genealogia foucaultiana e, assim, evitando a linearidade, foi utilizada a história para dar significado ao presente. Além desta, utilizei dez histórias de vida de mulheres intelectuais mayas como fio condutor deste trabalho, o que me permitiu estabelecer e compreender densamente as evidências atuais das mulheres indígenas da Guatemala. A realidade atual, em que estas protagonistas estão inseridas, tem suas raízes num sistema globalizado, altamente politizado, que é atravessado por uma ordem econômica capitalista e que gera a extrema violência contra as mulheres. Pude perceber que é a partir deste contexto, em que as relações desiguais de poder, desde o gênero, a etnia, a classe e outras, produzem a emergência de uma série de práticas discursivas que resistem e transgridem as diversas estruturas sociais, políticas e simbólicas impostas às mulheres e, especificamente, às mulheres indígenas.

Partindo das reflexões anteriores pode-se dizer que a constituição como sujeitas sociais e políticas, assim como a instituição das diversas identidades das dez protagonistas desta etnografia, partem desde suas ideias força, atravessando tanto suas subjetividades quanto suas objetividades. Todas estas configurações têm sido desenvolvidas em um contexto classista, androcêntrico e racista, porque *“as memórias do período colonial continuam vivas no imaginário social e adquirem novas roupagens”*, tal como menciona Sueli Carneiro (2009). A reprodução das relações hegemônicas de poder inicia-se desde os espaços familiares até os contextos acadêmicos, onde elas atualmente transitam, de modo que as diferentes histórias de vida apresentadas nesta

pesquisa confrontam-se com as desigualdades raciais, de classe e de gênero presentes, permanentemente, na sociedade guatemalteca. Desta forma, pode-se afirmar que estas desigualdades atingiram e atingem estas atrizes sociais em diversas fases de suas vidas, durante as quais elas têm passado por uma série de experiências de opressão e discriminação que provocam tanto o confronto e crises que elas vêm desconstruindo, através da resistência e da transgressão, quanto promovem a construção de uma trajetória desde suas próprias concepções, cosmovisões e pontos de vista.

Estas trajetórias podem ser traduzidas em propostas de paradigmas simbólicos distintos daqueles que estão enraizados no imaginário social da sociedade guatemalteca, assim como em projetos concretos de rompimento que contribuem para a construção de alternativas de participação mais equitativa para os povos indígenas, especialmente, para as mulheres e que, desta forma, fazem frente à ofensiva neoliberal homogeneizante. Neste sentido, estes exemplos de vida apresentam-se como diferentes referências para as novas gerações, constituindo-se, no meu ponto de vista, como um “movimento” de mulheres indígenas que promove mudanças sociais e culturais profundas, tanto dentro de seus contextos mais próximos quanto os mais amplos. Movendo-se lentamente, mas constantemente, as mulheres indígenas começam a deixar de serem as grandes ausentes dentro da história guatemalteca para constituírem-se como novas e diferentes sujeitas da história.

No contexto da Guatemala do pós - guerra e do feminicídio e no meio de um intenso debate entre o movimento de mulheres indígenas e

ladinas, feministas e não feministas, estas intelectuais e outras mulheres indígenas, com suas diversas práticas discursivas, constituem um argumento poderoso para a desconstrução dos padrões tradicionais com os quais a sociedade guatemalteca pensa e vê as mulheres indígenas.

O trabalho e propostas destas mulheres e de outras lideranças indígenas constituem-se em uma ameaça às diversas estruturas de poder, tanto dentro do movimento das mulheres quanto do movimento feminista, visto que estes espaços de participação política das mulheres também são permeados pelas práticas racistas, de discriminação e segregação, como se tem demonstrado neste trabalho. Estas concepções e discursos, homogeneizantes e universalistas, do movimento de mulheres e feministas guatemalteco têm causado inicialmente fortes tensões entre as mulheres ladinas e indígenas e, desde o meu ponto de vista, estes desencontros têm se convertido em profundas rupturas no interior do movimento e gerado impactos na vida das mulheres indígenas e, em especial, daquelas que não têm acesso à educação formal. *“La evidencia revela un desencuentro entre los movimientos de mujeres y los movimientos indígenas. (...) Los movimientos de mujeres han mostrado dificultades para tender puentes con las mujeres indígenas”*. (PRIETO, 2004: p.153).

Este problema, não resolvido ainda, tem deixado marcas importantes no movimento e, por este motivo, neste trabalho, considerou-se de enorme importância destacá-lo. Concordamos com várias intelectuais e lideranças, dentro e fora do movimento de mulheres e feminista, que tem falado sobre tal problemática e a necessidade de criar espaços de diálogos e debates para resolver este confronto, bem

como fazer um trabalho em favor de todas as mulheres guatemaltecas. Um trabalho que leve em conta que somos sujeitas individuais e coletivas, que não somos homogêneas e que somos plurais e diversas, mas que pelo fato de sermos mulheres compartilhamos espaços de lutas comuns. Assim como afirma Aura Cumes (2007) eu também *“quero ser parte de um feminismo anti-racista que luta por uma vida digna e por um mundo verdadeiramente habitável”*. Diante do exposto eu perguntaria: porque, o movimento das mulheres e feminista guatemalteco resiste fortemente em abordar o problema do racismo no interior de suas estruturas?

Este estudo tem demonstrado que as mulheres indígenas são um dos últimos elos da cadeia do poder e que, ainda que um pequeno grupo mesmo depois de profissionalizadas e de ser parte de uma elite, algumas em postos administrativos do Estado Guatemalteco, outras como professoras e pesquisadoras nas diversas universidades do país e que podem ser consideradas como “sujeitas e atrizes políticas”, isso não significa que sejam incluídas como parte do sistema dominante. Seus esforços na desconstrução do sujeito hegemônico, que exerce o poder central, vêm-se frustrados em múltiplas ocasiões visto que toda esta emancipação, às vezes, é cooptada por políticas institucionais pelas quais elas transitam.

É importante destacar que todas as interlocutoras se identificam-se como mulheres indígenas mayas que conscientemente fazem um trabalho político e acadêmico em diferentes espaços. A maioria delas não está articulada a movimento social algum, mas suas práticas discursivas estão orientadas na procura da equidade de

condições para os povos indígenas e, em especial, para as mulheres indígenas. Atualmente, o trabalho destas protagonistas está convertido em um novo, interessante e importante produto acadêmico apreciado mais nos espaços estrangeiros do que na academia ou espaços organizativos guatemaltecos. Por outro lado, a maioria delas ainda não se conhecem, nem conhecem o trabalho que fazem em diferentes campos de ação o que, desde meu ponto de vista, é uma fragilidade visto que suas lutas, assim, pareceriam mais isoladas.

Desta forma, a possibilidade de fortalecimento de suas propostas de desestruturação dos sistemas excludentes, pode tomar mais tempo do que o necessário, ao que se pode perguntar: O que é que impede que estas mulheres intelectuais mayas se conheçam e apoiem seus trabalhos? Quanto tempo deve-se esperar para que estas intelectuais assumam um compromisso mais coletivo?

Por fim, considero importante continuar trabalhando e estudando os processos de resistência e transgressão tanto das mulheres indígenas intelectuais quanto de outras mulheres da Guatemala, identificando eventos quotidianos que, desde suas subjetividades e objetividades, ajudam na construção das diversas identidades. A construção de trajetórias de resistência pode ser mecanismos de desestruturação dos poderes hegemônicos e auxiliar na constituição de sociedades mais equitativas. Embora se tenha explorado detalhadamente os diversos processos de constituição destas mulheres intelectuais mayas como sujeitas sociais e diferentes paradigmas da sociedade guatemalteca, estou consciente que obviamente ainda há muito por conhecer e discutir sobre o tema das mulheres intelectuais

mayas na Guatemala. Neste sentido, considero importante colocar novas interrogações, tais como: Como poderia ser articulado o trabalho destas mulheres intelectuais mayas com o trabalho de outras mulheres militantes na Guatemala? Quais são os pontos de encontro e desencontro dos trabalhos das/dos intelectuais mayas? Quais são os pontos de encontro e desencontro dos trabalhos dos/das intelectuais indígenas da América Latina? Eles têm alguma articulação?

Estas são algumas questões provocadas durante a construção deste trabalho e que podem ser passíveis de investigações futuras. Além disso, apontam para o caráter provisório, uma vez que este trabalho não pretende dar conta da complexidade da temática estudada.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVARADO, Manuela. *Mujeres indígenas por la construcción del Estado pluricultural Jurídica de Pueblos Indígenas*. Ponencia para el Congreso de la Red Latinoamericana de Antropología Jurídica de Pueblos Indígenas. Guatemala, 1996.

ÁLVAREZ, Carmen. *Cosmovisión maya y feminismo ¿Caminos que se Unen?* La Encrucijada de las Identidades, Mujeres, feminismos y mayanismos en dialogo, Guatemala: Intervida World Alliance 2006.

AMORÓS, Celia; DE MIGUEL, Ana. *Teoría feminista: de la ilustración a la globalización. Del Feminismo liberal a la posmodernidad*. Colección de estudios sobre la mujer, Minerva Ediciones, Segunda Edición, Madrid 2007.

ARANA, Alida. *Reflexionando y Actuando, Mujeres Mayas y Participación Política. Inclusión o exclusión de mujeres poqomames*. Instituto de Estudios Interétnicos. Universidad de San Carlos de Guatemala 2007

ARENAS-BIANCHI, Clara. *En el Umbral: explorando Guatemala en el inicio del siglo veintiuno*, Ciudad de Guatemala: Instituto AVANCSO, 2007

ARRIOLA, Aura Marina. *Identidad y Racismo en este fin de siglo*. La identidad problemática del mundo contemporáneo. México 1998.

ASOCIACION PARA EL AVANCE DE LAS CIENCIAS SOCIALES EN GUATEMALA, AVANCSO. *La reestructuración del Capitalismo a comienzos de los '90*. Textos para Debate. NO. 12, Guatemala 1997.

BARBIERI, Teresa; OLIVEIRA, Orlinda. Nueva Antropología. *Nuevos sujetos sociales: la presencia política de las mujeres en América Latina*. Vol. VIII México 1986.

BARRILLAS, Edgar; HERRERA, Adolfo; López, Marta; ORTIZ, Lesbia; PÉREZ, Olga. Formación Nacional y Realidad Étnica en Guatemala: propuesta teórico metodológica para su análisis. Instituto de Investigaciones Históricas, Antropológicas y Arqueología de la Universidad San Carlos de Guatemala. IIHAA 1988.

BOURDIEU, Pierre. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro, Bertand Brasil, 1989

BOURDIEU, Pierre. *La dominación masculina*. Anagrama Barcelona 2000

BORRAYO, Ana Patricia. *El feminicidio en Guatemala y los medios de comunicación escrita*. Instituto Universitario de la Mujer. Universidad San Carlos de Guatemala. Guatemala 2008

BORRAYO, Ana Patricia. *Tendencias de las femoestadísticas políticas y sociales*. Instituto Universitario de la Mujer. Universidad de San Carlos de Guatemala. Guatemala 2007

CASAÚS, Marta. *La Metamorfosis Del Racismo En Guatemala*. Editorial Cholsamaj. Guatemala 1998.

CASAÚS, Marta. *Guatemala: Linaje y racismo*. Guatemala: F&G Editores, 2007, 3ra. Edición, revisada y ampliada.

CAMBRANES, J.C. RUCH' OJINEM QALEWAL. 500 años de lucha por la tierra estudios sobre propiedad rural y Reforma Agraria en Guatemala. Chosalmaj, Guatemala 2004

COBIÁN, Dora Luz. *Génesis y Evolución de La Figura Femenina en El Popol Vuh*. Primera edición, Plaza Valdés, México 1999

COBO-BEDÍA, Rosa. *Globalización y nuevas servidumbres de las mujeres*. Mujeres en red el periódico feminista, 18 de octubre de 2005 www.nodo50.org/mujeresred/spip.php?article385

COHEM, Roberta; SÁNCHEZ, Gimena. *El desplazamiento interno en las Américas: algunas características distintivas*. Washington, D.C 2000

COLOM, Yolanda. *Mujeres en la Alborada*. Ediciones del Pensativo, colección nuestra palabra. Primera edición. Guatemala 1998.

COMOMISIÓN INTERAMERICANA DE DERECHOS HUMANOS, Organización de los Estados Americanos. *Capítulo VI La Situación de la Niñez en Guatemala*. 2003. www.cidh.org/.../Guatemala2003sp/capitulo6.htm -

CUMES, Aura. *Machismo y racismo: dos formas de naturalizar las opresiones y desigualdades*. Las encrucijadas de las identidades: Mujeres, feminismos y mayismos. Guatemala: Intervida World Alliance 2006.

CHIRIX, Emma. Prologo de: *Reflexionando y Actuando, Mujeres Mayas y Participación Política*. Instituto de Estudios Interétnicos. Universidad de San Carlos de Guatemala 2007

CHIRIX, Emma. *Identidad Masculina entre los Kakchiqueles*. Tesis de Maestría en Sociología del programa de Postgrado Centroamericano de Ciencias Sociales FLACSO, Guatemala 2007.

CREHAN, Kate. *Gramsci, cultura y antropología*. Ediciones Bellaterra, S.L. España, 2004.

D'ATRI, Andrea. *Pão E Rosas. Identidade de Gênero e antagonismo de classe no capitalismo*. Ediciones Iskra. Sao Paulo 2008.

DE BEAUVOIR, Simone. *El Segundo Sexo*, España 2005
[Ewww.mujireshoy.com/secciones/756.shtml](http://www.mujireshoy.com/secciones/756.shtml) –

DEFENSORIA DE LA MUJER INDIGENA, FORO NACIONAL DE LA MUJER. *Situación de la mujer en el contexto social del país*. PCON/GTZ 2007

DÍAZ, Esther. *Foucault y El Poder de la Verdad*.
www.estherdiaz.com.ar/textos/foucault_verdad.htm

DIEZ, Andrea. *Justicia y reparación para mujeres víctimas de violencia sexual en contextos de conflicto armado interno*. Seminario Internacional. Lima, Perú. Edición: Lima, abril de 2007.

DUMONT, Louis. *O individualismo; uma perspectiva antropológica da ideologia moderna*, Rio de Janeiro, 1986.

ESQUIT, Edgar. *La superación del indígena: La política de la modernización entre las elites indígenas de Comalapa, siglo XX*. Instituto de Estudios Interétnicos, Universidad de San Carlos de Guatemala. 2009

FANON, Franz. *Los condenados de la tierra*. México, D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1979.

FEMENIAS, María Luisa. *Judith Butler: Introducción a su lectura*. Buenos Aires, Argentina, Catalogos 2003

FICSCÓ, Sonia. *Atroces Realidades: La Violencia Sexual Contra la Mujer en el Conflicto Armado Colombiano*. Bogota 2005.

FOUCAULT, Michel. *A Ordem do Discurso. Aula Inaugural no Colege de France, 1970*. Tradução: Laura Fraga, Edições Loyola, São Paulo, Brasil, 2da. Edição: agosto de 1996

FOUCAULT, Michel. *O sujeito e o poder*. In: DREYFUS, H. & RABINOW, and P. Michel Foucault. *Uma trajetória filosófica: para além do estruturalismo e da hermenêutica*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1995. p. 231-249.

FOUCAULT, Michel. *Genealogía del Racismo*. Editorial Altamira. La Plata Argentina. 1996

FORO NACIONAL DE LA MUJER. *Avances en la participación de las mujeres guatemaltecas, 1997-2001*, Artgrafic de Guatemala, Septiembre 2002

FLORES, Alejandra. *Intelectuales indígenas del Ecuador y su paso por la escuela y universidad. Tesis presentada para optar al grado de Maestra en Ciencias Sociales, Mención Estudios Étnicos 2003-2005. Ecuador 2005.*

GARCÍA CACLINI, Nestor. *La Globalización Imaginada, Colección Paidós Estado y Sociedad, Buenos Aires 1999.*

GAYÁ, José. *La tierra arrasada. En Guatemala sinónimo de genocidio.* Video Guatemala-España 2008 <http://www.taringa.net/posts/tv-peliculas-series/1280899/Guatemala:-La-tierra-arrasada.html>

GARGALLO, Francesca. *Feminismos y Racismos en América Latina. Publicación 2007*

GILLY, Adolfo. *Historia a Contrapelo una constelación.* Biblioteca era, primera edición, México 2006

GOMÉZ, Dorotea; GONZÁLEZ, Ligia y CABARRUS, Carolina. *Y nos Saltamos las Trancas: Los cambios en la vida de las mujeres refugiadas retornadas guatemaltecas.* Edición Eda Gaviola. Consejería en Proyectos. Guatemala: 2002

GONÇALVES, Marco Antonio. *Produção e significado da diferença: re-visitando o gênero na antropologia.* PPGSA-IFCS – UFRJ, 2000

GONZÁLEZ, Soledad. *Paradojas de la incorporación del Enfoque de Género a las Políticas Públicas.* Conferencias Internacionales Primer encuentro mesoamericano de estudios de género. FLACSO, Guatemala 2001

GUNDERMANN, Hans. *El método de los estudios de caso. En: Tarrés. Observar, escuchar y comprender. Sobre la tradición cualitativa en la Investigación Social.* FLACSO/ El Colegio de México/ Miguel Ángel Porrúa. México. 2001

GUZMÁN-BÖCKLER, Carlos. *Colonialismo y revolución. Siglo Veintiuno Editores.* México primer edición 1975

GRAMSCI, Antonio. *La Política y el Estado Moderno.* Obras Maestras del Pensamiento Contemporáneo. Planeta -Agostini. Barcelona 1985.

GROSSI, Miriam Pillar et al. *Trabalho de Campo & Subjetividade.* Florianópolis: UFSC, Programa de Pos-Graduação em Antropologia Social, 1992. 70 p.

HECKT, Meike. *Educación Intercultural, Futuro para una Guatemala multiétnica y plurilingüe.* Colección: Debates No. 3. Guatemala: CIDECA, 1997.

HAGNES, Heller. *Historia y Vida Cotidiana.* Grijalbo. México 1986

HERNÁNDEZ, Rosalva Aída. *¿Guerra fratricida o estrategia etnocida? Las mujeres frente a la violencia política en Chiapas.* Primera edición. México: Librero Editor, 2002.

HERNÁNDEZ, Rosalva Aída. *Distintas maneras de ser mujer: ¿Ante la construcción de un nuevo feminismo indígena?* México 2002

INSTITUTO NACIONAL DE ESTADÍSTICA (INE), *Censo de población 2002,* Guatemala 2002

INSTITUTO DE ESTUDIOS COMPARADOS EN CIENCIAS
PENALES DE GUATEMALA. *Rompiendo el silencio: Justicia para
las mujeres víctimas de violencia sexual durante el conflicto armado en
Guatemala*. Guatemala 2006

JACORZYNSKI, Witold. *Estudios sobre la Violencia Teoría y
Práctica*. Primera edición. México: Librero Editor, 2002.

JEAN-LOUP, Herbert; GUZMÁN-BÖCKLER, Carlos. *Guatemala una
interpretación Histórico-Social*. Iximulex, Cholsamaj sexta edición,
Guatemala 1995

JIMENEZ, Odilio. *Los caminos de la resistencia: Comunidad, política e
historia Maya en Guatemala*. Dissertation Dr. Of Philosophy,
University of Texas 2008

KAQLA, Grupo de Mujeres Mayas. *La palabra y el sentir de las
mujeres mayas de Kaqla*. Guatemala 2004

LAGARDE, Marcela. *Los Cautiverios de las Mujeres: Madres, Monjas,
Putas, Presas*. Universidad Nacional Autónoma de México. 2003

LAGARDE, Marcela. *Poder, Relaciones Genéricas e Interculturales*.
Conferencias Internacionales Primer encuentro mesoamericano de
estudios de género. FLACSO, Guatemala 2001

LÓPEZ, Sonia. *Reflexionando y Actuando, Mujeres Mayas y
Participación Política. Organizaciones de mujeres mayas y su discurso*

reivindicativo en un contexto culturalmente diverso. Instituto de Estudios Interétnicos. Universidad de San Carlos de Guatemala 2007

LUNA, Lola. *Movimiento de Mujeres y Movimiento Feminista. Para una discusión abierta y plural*. Editorial Librería de Mujeres. Argentina 2003

MANTILLA, Julisa. *La Comisión de la Verdad en el Perú: El inciso que faltaba*. 2001 palestra.pucp.edu.pe/pal_est/?file=verdad/mantilla

MARTÍN-BARÓ, Ignacio. *Los procesos de socialización. Sección 5: Socialización sexual*. En *Acción e ideología* (Cap. 4, Tomo 1, pp. 164-179). El Salvador: UCA Eds.

MARQUEZ, René. *Miradas a las Relaciones de Poder*. Siglo Veintiuno, Cuba 2004

MARTINS, Aurelia. *Antropología del género*. Cátedra 2006. Primera edición, Barcelona 2006

MARTÍNEZ -PELÁES, Severo. *La Patria del Criollo. Ensayo de interpretación de la realidad colonial guatemalteca*. Ediciones en Marcha. Decimotercera edición. México 1994

MIGNOLO, Walter D. *El potencial epistemológico de la historia oral: algunas contribuciones de Silvia Rivera Cusicanqui*. CLACSO, Consejo Latinoamericano de Ciencias Sociales, Caracas, Venezuela. 2002.

MONZÓN, Ana Silvia. *Entre mujeres: la etnicidad ¿factor de tensiones en el movimiento de mujeres en Guatemala*. La encrucijada de las

identidades: Mujeres, feminismos y mayanismos en diálogo. Guatemala
inter vida world Alliance 2006

MONZÓN, Ana Silvia. *En la Academia, Las Mujeres Cuentan. Diagnósticos y criterios para el diseño e implementación del Sistema Universitario de Estadísticas de Género y Etnia-SUIES*. Instituto Universitario de la Mujer, Universidad de San Carlos de Guatemala, Guatemala 2008

MONZÓN, Ana Silvia. *Mujeres, género y etnia en Guatemala: Aproximaciones conceptuales*. XI Congreso Centroamericano de Sociología, 11-14 de noviembre, 2008, San Salvador, El Salvador

MORAES, Dênis. *Imaginário Social e hegemonía cultural*. Universidad Federal Fluminense, Brasil 2002

MOYA, Ruth; LÓPEZ, Luis Enrique. *Interculturalidad y educación: diálogo para la democracia en América Latina*. Colección pueblos indígenas y educación primera edición. Quito, Ecuador 1999

NELSON, Diane. *Las Mujeres Mayas y las Identidades Heridas: Nación, Etnicidad, Género y Prótesis*. Guatemala, 2007

NELSON, Diane. *Un dedo en la llaga, cuerpos políticos y políticas del cuerpo en Guatemala del Quinto centenario*. Editorial Chosalmaj, Guatemala 2006

OLIVERA, Mercedes. *Mujeres en los Movimientos armados y la construcción de nuevas identidades*. Primera edición. México: Librero Editor, 2002.

PAPÍ -GÁLVEZ, Natalia. *Clase social, etnia y género: tres enfoques paradigmáticos convergente*, (España, 2001)

PEIRANO, Mariza. *A teoria vivida : reflexões sobre a orientação em antropologia* Departamento de Antropologia, Universidade de Brasília, 2004.

PILO, Rosa María. *Reflexionando y Actuando, Mujeres Mayas y Participación Política*. Instituto de Estudios Interétnicos, Universidad de San Carlos de Guatemala. 2007

POP, Amanda. *¿Es más fácil mover una montaña que cambiar de ideas?: Creciendo en desigualdad* – Guatemala: PRONICE, 1998.

PROGRAMA DE LAS NACIONES UNIDAS PARA EL DESARROLLO, PNUD. *Guatemala: una agenda para el desarrollo humano 2003*. Informe Nacional de Desarrollo Humano 2003. Sistema de Naciones Unidas en Guatemala.

PRIETO, Mercedes; CUMINAO, Florinda; FLORES, Alejandra; MALDONADO, Gina; PEQUEÑO, Andrea. *Respeto, discriminación y violencia: mujeres indígenas en Ecuador*. FLACSO-Ecuador 2004

QUINO, José Vicente. *Sociedad civil y movimientos sociales: cooptación y democracia, participación y ciudadanía: perspectivas latinoamericanas*. Cuadernos de ciencias sociales 149 (FLACSO) Primera edición: Agosto 2008

REIMERS, Fernando. Entrevista feita por: Gaciela Cordero, *Educación, Pobreza y Desigualdad*. Revista Electronica de investigación

educativa, noviembre año/. 1, Vol. 001. Universidad Autónoma de Baja California, Ensenada, México 1999.

REGALADO, Roberto. América Latina entre siglos: Dominación, crisis, lucha social y alternativas políticas de la Izquierda. México 2006

RODRÍGUEZ, Eugenia. *Género, Historia y Política en Centroamérica*. Conferencias Internacionales Primer encuentro mesoamericano de estudios de género. FLACSO, Guatemala 2001

RODRÍGUEZ, Karin. *Territorios Indígenas em espaços urbanos: Um estudo da migração dos indígenas da Ti Ibirama para Blumenau*. SC Florianópolis, UFSC 2000

SAJBIN, María Verónica. *Reflexionando y Actuando, Mujeres Mayas y Participación Política. Mujeres mayas y ladinas: Algunas tensiones que identifican las mujeres mayas*. Instituto de Estudios Interétnicos. Universidad de San Carlos de Guatemala 2007

SAID, Edward. Representaciones del intelectual. Editorial debate 2007

SZASZ, Ivonne y S. Lerner (Comp.). *Para comprender la subjetividad*. Investigación cualitativa en salud reproductiva y sexualidad. El Colegio de México. 1996.

SORIANO, Silvia. *Mujeres y Guerra en Guatemala y Chiapas*. UNAM. México 2006

SCOTT, Joan. *Gênero: uma categoria útil de análise histórica*. Educação e Realidade, p. 71–99, jul./dez. 1995.

STAVENHAGEN, Rodolfo. *Las clases sociales en las sociedades agrarias*. Siglo Veintiuno editores sa. Segunda edición. México 1970

TARACENA, Arturo. *Etnicidad, estado y nación en Guatemala, 1944-1985*. Volumen II. Guatemala: Cirma 2004.

TARRÉS, María Luisa. *Observar, escuchar y comprender. Sobre la Tradición cualitativa en la Investigación Social*. FLACSO, El Colegio de México/ Miguel Ángel Porrúa. México: Librero Editor, 2002.

TOMASINI, Alejandro. *Violencia, ética, legalidad y racionalidad*. Estudios sobre la violencia Teoría y práctica. Primera Edición, México 2002

VELHO, Gilberto. *Subjetividade e sociedade: uma experiência de gerção*. Rio de Janeiro, RJ: J. Zahar Editor, 1986

VELHO, Gilberto. *O Desafio da Cidade: Novas perspectivas da Antropologia brasileira*. RJ. 1980.

ZIN, Hernán. *La violación como arma de guerra: sin castigo en bosnia*. Blog La libertad de la Mujer. 2009 blogs.20minutos.es/.../la-violaciain-como-arma-guerra-sin-castigo-bosnia